

A RELIGIÃO ESPÍRITA

ESPIRITISMO - RELIGIÃO

*On ne voit rien, en effet, si l'on veut voir le monde entier dans le seul coin de terre qu'on habite,
toute l'humanité dans la société restreinte à laquelle on appartient, l'histoire dans les seules
mœurs que l'on a sous les yeux, l'absolu, en un mot, dans le relatif qui borne notre horizon sensible.*

JULES BAISSAC

Principiemos por explicar a razão deste opúsculo.

Tem-se generalizado a crença, não só entre antagonistas, senão também entre amigos, de que o Espiritismo não é religião. Negam-lhe, mesmo, qualquer parte religiosa, qualquer interferência religiosa, qualquer adminículo religioso, chegando-se ao ponto de não admitirem, em seus seguidores, quaisquer práticas, por simples que sejam ou anódinas que pareçam.

O Espiritismo será para uns simples ciência, para outros mera filosofia, sem já falar naqueles para os quais não será coisa nenhuma.

Entre os oponentes, alguns combatem de boa-fé, outros de má-fé, e muitos sem nenhuma espécie de fé.

É aos primeiros que nos dirigimos ou a que dedicamos este trabalho, no intuito muito sincero de lhes modificar a opinião, uma vez demonstrados os equívocos em que laboram.

Tomaremos por base, neste pequeno trabalho, as razões que o ilustrado catedrático paulista e então Diretor do Ensino em S. Paulo, Dr. Almeida Júnior, proferiu em 7 de março de 1938, por ocasião da consulta que lhe foi feita pelo professor Oscar Augusto Guerli, Delegado Regional do Ensino em Casa Branca.

Versava a consulta sobre se deviam ser atendidos 35 pais de crianças matriculadas no Grupo Escolar de Itobi, os quais desejavam fosse ministrado o ensino religioso espírita a seus filhos.

Pareceram-nos, as razões do Dr. Almeida, de alto quilate e as mais bem expostas que temos lido; por isso, longe de importar aquela escolha ou essa preferência um sentido de animosidade, um intuito personalíssimo, significam elas a alta consideração em que temos o abalizado professor.

Um amigo nosso, muito íntimo e muito dileto, classificou-lhe o parecer de divino. O nome do mestre que o apresentou e a maneira por que foi desenvolvido são de molde, não há negar, a provocar entusiasmo, mormente naqueles em quem as mesmas idéias vêm de feição.

Mas porque o nome de sua excelência, os seus títulos, a sua fama, o seu saber lhe emprestam ao trabalho grande relevo, já acrescido do brilho da forma, da clareza da exposição, das bases em que o professor procurou assentá-la, julgamo-nos com o dever de o tomar por paradigma dos argumentos daqueles que não vêem no Espiritismo a sua parte religiosa.

Estudaremos o parecer do Dr. Almeida com o respeito e acatamento que o professor nos merece, e só serão motivo de nossos reparos a sua tese e o pedestal em que se firma.

E explicamos o motivo da contestação. Poderá ele, o parecer, abrir caminho fácil para que os adversários do Espiritismo o afastem, por completo, do texto constitucional; cerceando a liberdade àquela doutrina e excluindo-a

das garantias asseguradas às demais doutrinas religiosas, tê-la-em os transformada num simples caso de polícia.

Os credos gozam, entre nós, de favores, isenções, imunidades. Cerca-os o respeito público, envolve-os a proteção da lei. Garantem-lhes os poderes constituídos a liberdade de culto, de tribuna, de imprensa. Facultam-lhe o ensino nas escolas, mantêm-lhes a independência, asseguram-lhes a expansão, consentem-lhe a divulgação, a propaganda dos seus princípios.

É fácil compreender que a eliminação do Espiritismo do quadro das disciplinas religiosas fá-la perder todas essas mercês. É preciso, pois, desnivelá-la, pensam os seus adversários; é necessário retirar-lhe tudo que o possa fazer bracejar livremente; torna-se mister coartá-lo na propaganda dos seus ideais, impedir-lhe o progresso, tesourar-lhe as asas, manietar-lhe os surtos, obstar a que se divulgue. Força é evitar que se conserve a par de religiões outras, às quais pode empanar, escurecer ou prejudicar. É óbvio que suas regras, cheias de lógica ou revestidas de provas, podem tornar insustentáveis os postulados das várias seitas.

Não há pois que ver: tão perigoso concorrente tem que ser afastado. Tire-se-lhe, então, tudo que lhe poderia dar vitalidade. A medida que se impõe é deixá-lo imbele, indefeso, vulnerável; o que convém é vê-lo fígado nas malhas do Código Penal:

E, vai daí, negar-se-lhe a parte religiosa.

Se não é religião, não lhe cabem as prerrogativas constitucionais. Sem estas, fica como o viandante abandonado em meio da estrada; qualquer salteador lhe pode deitar a mão, a própria autoridade, diante dos perigos que nele vêem os interessados, ou dos embustes de que o acusam, ou das malignidades de que o cumulam, não só lhe retirará a proteção, como terá que vedar o livre exercício de sua teoria e de sua prática. Ser-lhe-ão fechados, provavelmente, os centros, as revistas, os tabernáculos, os periódicos de qualquer espécie, feito, cor ou formato.

Se não é religião, a que título se reunirão os crentes, farão as suas prédicas, elevarão as suas preces a Deus?

Pois já não se tem dito que, por baixo de mão, vão procurando os prosélitos divulgar idéias extremistas? Pois já não os inquinaram de trapaceiros, falsos, enganadores?

Sem ver a trama ou atentar na urdidura do conluio, alguns de nossos correligionários aplaudem a campanha. Há ali os que pensam prescindirem os espiritistas de privilégios.

Não há dúvida que sim, mas o de que não podem prescindir é do apoio legal, é do prestígio da lei.

Fora da religião, com seu culto, suas palestras, suas orações, suas reuniões privadas, e com as suspeitas de que é vítima, é como se estivesse fora das normas legais, uma vez que não há para o caso legislação especial.

Sem garantias, seriam os adeptos da nova revelação, em breve tempo, presa fácil dos que esperam o momento propício por se livrar de uma doutrina molesta, com seus imperativos de renúncia, com o merecimento e a salvação pelas próprias obras, com sua caridade gratuita.

Teriam, então, que procurar esconder-se, de viver em conciliábulos, de buscar as luras para as suas manifestações de fé, de tornar clandestinas todas as suas práticas.

É possível que tais processos viessem a talho de foice para os que almejam os grandes sacrifícios ou queiram inscrever seus nomes entre os de tantos mártires que hão sucumbido por amor ao credo, mas tal não é possível esperar dos que têm por lema viver às claras, dos que acham se deva dar a César o que é de César e a Deus o que é de Deus, enfim dos que proclamam, com a mão nos Evangelhos, que a candeia deve ser colocada bem alto, acima dos telhados.

Façamos, entretanto, um pouco de justiça àqueles que, militando em nossas fileiras, acreditam que o Espiritismo esmaecerá, se lhe emprestarem o cunho de misticismo exagerado, que tanto tem desacreditado as mais belas e mais nobres doutrinas.

Não se pode negar que é, por vezes, razoável o receio de que o Espiritismo siga as pegadas de tantas religiões que conspurcaram o ensino dos

Mestres, em prélios furiosos e truculentos, que lhes deturpavam os mandamentos com proibições fora de propósito, que lhes obscureceram as máximas com impenetráveis mistérios, que escravizaram as mentes com dogmas insustentáveis e obscuros, que desviaram a razão, encaminhando-a para o fanatismo; que aboliram o raciocínio, que prescreveram a subserviência mental; que mercantilizaram os ofícios divinos, que comerciaram com as coisas sagradas; que impediram o estudo, que colocaram o espírito humano como num círculo de ferro, donde ele nunca mais poderia sair; que proclamavam, como palavra de Deus, os maiores absurdos e as maiores truculências; que justificavam, em troca de uma recompensa pecuniária e em nome de Deus, os vícios, os pecados, as maldades de toda casta; que tornavam caliginoso o pensamento, já pelas trevas que o envolviam, já pelos rancores que o abismavam.

Muitas vezes, mesmo, em nome da religião, não importa qual, se cometeram, de mistura com atos de vandalismo, os de moral muito duvidosa, senão os da mais escandalosa imoralidade.

Assim foi com as saturnais, as bacanais, as lupercais.

Hispala, uma bacante, obrigada a depor, pediu perdão aos deuses, visto que a forçavam a descobrir os mistérios, e prestou a seguinte declaração, conforme conta Baissac: "A princípio era uma religião de mulheres; os homens não eram admitidos... Havia no ano três dias fixos para a iniciação. As mulheres eram sacerdotisas por seu turno. Mas, Paculla Minia, tendo sido elevada a essa dignidade, operou no culto toda sorte de transformações, que pretendeu lhe tinham sido ordenadas pelos deuses. Foi ela quem iniciou os homens, começando pelos próprios filhos. Estabeleceu que os mistérios se celebrariam à noite, e em lugar dos três dias seriam cinco por mês.

Depois da admissão dos homens e das reuniões à noite, os mistérios, como todo paroxismo místico em semelhantes condições, degenerou em uma espécie de lubricidade convulsiva; não houve infâmias a que não se entregassem com fervor: *plura virorum inter se quam feminarum stupra*. Os

que não queriam submeter-se a essas abominações ou experimentá-las em outrem eram imolados à guisa de vítimas."

Noutra festividade da mesma natureza depõe Delancre:

"Jeannette d'Abadie, agée de seize ans, dit par exemple qu'elle avait vu tout le monde se mesler incestueusement et contre tout ordre de nature, la femme se jouant en présence de son mary sans soupçon ni jalousie; le pere depucelant sa fille sans vergogne, la mere arrachant le pucelage du fils sans crainte, le frere celui de la soeur."

Não seria de admirar que tais cenas se passassem em épocas recuadas, numa sociedade dementada pelo fanatismo e arrastada pelas insopitáveis paixões, que tumultuavam no íntimo de pessoas moralmente atrasadas, quando ainda hoje vemos, em livros considerados santos e como tais lidos e ensinados por toda parte, páginas escabrosíssimas.

Deixemo-las, visto que o assunto pode ferir a suscetibilidade de pessoas delicadas e vejamos outras de menor gravidade, pelo menos no que respeita à licenciosidade.

É de uma crônica de Humberto de Campos a seguinte e interessante observação:

"Outro livro prejudicial à formação do espírito infantil, e que é, no entanto, adotado pela maior parte das escolas brasileiras, é a História Bíblica, aprovada pelas nossas autoridades eclesiásticas, e que resume, naquilo que ele tem de menos aproveitável, o Antigo Testamento.

Os hebreus, avós que os cristãos em má hora adotaram, não foram, como se sabe, em matéria de cordura, de clemência, de tolerância, um modelo desejável. Voltaire assinala, é verdade, que Jeová não exigia vítimas humanas, contentando-se com o sangue dos animais. Os seus profetas iam, no entanto, mais longe que o próprio Deus.

Apresentado a Achab durante a seca memorável que ameaçava extinguir o povo de Israel, realizou Elias um milagre que os sacerdotes de Baal não haviam conseguido. Impressionada com o prodígio, a multidão caiu-lhe aos

pés, aderindo ao deus de Moisés. O profeta fê-la, então, erguer-se e ordenou:

- Lançai mão dos profetas de Baal, que nenhum deles escape!

O Livro dos Reis acrescenta o resultado dessa ordem:

"E lançaram mão deles - diz - e Elias os fez descer ao ribeiro de Kison e aí os matou."

A devastação dirigida pelo rei Jehu, após a morte de Achab e Jesabel, cujos corpos foram devorados pelos cães e cujos parentes e amigos rolaram mortos, sem nenhum deles ficar, de resto; a desonestidade traiçoeira de Judite; a baleia que engoliu Jonas; a passividade de Abraão imolando Isaac; tudo isso que revela a baixa mentalidade do povo de Deus e contraria, não raro, as mais rigorosas verdades científicas - é ensinado ainda hoje a crianças, como se a história doméstica dos hebreus, ou melhor, a mitologia hebraica, nos devesse merecer mais que a grega e a romana.

Para que se imagine o que tem ela de pernicioso, de feroz, de brutal, basta citar o episódio do profeta Eliseu. Dirigia-se Eliseu, um dia, a Bethel, quando, em caminho, lhe saiu à frente um bando de crianças, que lhe gritavam em algazarra:

- Sobe, calvo! Sobe, calvo!

Ante essa vaia jovial, que de um homem que não fosse "enviado do senhor" mereceria apenas um sorriso benévolo, estendeu o profeta a grande mão venerável, e os amaldiçoou; "e logo - diz piedosamente o livro escolar - duas ursas saíram do bosque, e, saltando sobre o bando, espedaçaram quarenta e dois meninos."

Até aqui a página de Humberto.

Em matéria bíblica e de ensino a crianças, desses que não são proibidos por lhes não faltar a marca da mais genuína religiosidade, podemos citar inúmeros episódios.

Conta-se, p. ex., em Números, do Velho Testamento, que Jeová dissera a Moisés: -"Vinga os filhos de Israel dos midianitas", e Moisés, mais que

depressa, ordenou ao povo: - "Armai homens dentre vós para a guerra, a fim de que saiam contra Midian, para executarem a vingança de Jeová contra eles."

De fato, pelejaram contra Midian e mataram todos os homens, os reis inclusive. As mulheres e os pequeninos foram levados cativos. Despojaram-nos de todos os seus gados, de todos os seus rebanhos e de todos os seus bens. Queimaram-lhes a fogo todas as cidades em que habitavam e todos os acampamentos. Carregaram todos os despojos e toda a presa, tanto de homens como de animais, e os trouxeram a Moisés, a Eleazar e à congregação dos filhos de Israel.

Moisés, porém, longe de contentar-se com a tremenda vitória e o formidável saque, indignou-se, ainda, contra os capitães por terem deixado viver as mulheres, e ordenou:

- "Agora matai a todos os machos entre os pequeninos, matai as mulheres que conheceram homem. Porém as meninas que não conheceram homem, deixai-as viver para vós."

O Antigo Testamento está cheio de matanças e iniquidades que tais, umas, segundo ali se diz, por Deus presenciadas, outras por ele consentidas, outras, ainda, por ele mandadas, e outras, mesmo, praticadas por ele pessoalmente.

Diante disto é de perguntar-se: - Que idéia de Deus e da religião poderão fazer aqueles a quem forem apresentadas essas leituras?

Pois o que se admite como ensino de religião é isso. É isso o que se proclama com o caráter de religião.

Vem também a propósito uma indagação de Jacolliot:

"Que pregou Moisés? O medo, antes que o amor de Deus; a pena de talião, olho por olho, dente por dente; o roubo e a pilhagem; o massacre das nações que não consentiam em se lhe submeter ao jugo."

Não espanta que a história das religiões, mormente as ocidentais, seja uma seqüência de crimes hediondos, desde que os homens tiveram para as suas

crueldades e seu instinto belicoso o exemplo, senão o incentivo de obras sagradas.

Não havia por que respeitar a liberdade, a propriedade e a vida, se os crentes já se tinham habituado, na leitura dos livros santos ou que passavam como tais, à escravização, ao saque, ao roubo, ao homicídio, à guerra.

Quem se dá ao trabalho de indagar como se tratavam uns aos outros os homens pios, o que vê é cristãos de um lado e maometanos do outro, uns com a cruz, outros com o crescente, estes em nome do Alcorão, aqueles do Evangelho, a se acutilarem e matarem desapiedadamente.

Nem se pense que os sectários oriundos do mesmo galho se tratassem melhor. Católicos e protestantes mais não têm feito que se maltrataram, odiaram e trucidaram.

Budistas do sul e budistas do norte andaram sempre mal-avindos.

Quando bandos de religiosos, que divergem, ainda em pontos mínimos, se vêem face a face, pode-se ter como certo o extermínio de uma das partes, quando não de ambas.

A carnificina é quase um ponto de fé. Se amalecitas, amorreus e saduceus foram mortos por ordem de Moisés, os bramanistas foram esmagados por vários crentes, e os budistas pelos bramanistas, e os birmaneses pelos budistas ...

O lema do Cristo era o do perdão, o da mansidão, o da paz; houve, entretanto, as hecatombes de maniqueus, a guerra dos hussitas, as Cruzadas, com suas pilhagens e morticínios, as fogueiras da Inquisição, as matanças de cátaros, albigenses e castrenses, as atrocidades no México, no Peru, a Noite de S. Bartolomeu ...

É com razão que diz Maurice Magre: "Des que les chrétiens arrivaient quelque part, ils installaient un tribunal religieux et ils élevaient des buchers."

"Desde que os cristãos chegavam em algum lugar, para logo instalavam um tribunal religioso e levantavam fogueiras."

Refere o mesmo autor que o seu mestre, provavelmente, ao notar-lhe as heresias lhe afirmara que ele havia de ser queimado, senão em praça pública, pelo menos no inferno prometido aos heréticos. O mestre - acrescenta Magre - não encarava ninguém. Vivia alegremente em seu sonho de fogo. Queimava, indiferentemente, todos os pecadores.

Parece que a sustentação, ainda hoje, das penas eternas do inferno, se acha iluminada com os clarões das labaredas inquisitoriais.

Os chamados cristãos sempre tiveram acentuada tendência para o fogo.

Merece lida, a respeito, uma página de Zevaco, escrita com o estilo leve e por vezes humorístico, que o caracteriza.

Transcrevamos uma descrição daquilo que se chamava um auto-de-fé:

"O auto-de-fé - diz o escritor - consistia em apanhar uma dúzia de culpados, na consciência dos quais se haviam encontrado uns pensamentos escondidos (un recel de pensées); empilhavam-se, então, feixes de lenha, muito bem colocados, uns sobre outros, em boa ordem e simetria, visto que nossa Santa Madre Igreja sempre foi inimiga da desordem; do monte de achas emergia um poste; havia três, dez, algumas vezes uns vinte, destes belos postes, muito convenientemente espetados; ligavam-se a eles, com cordas inteiramente novas, os malandros suspeitos de medíocre fervor católico.

Depois, vinham os monges com círios e punham fogo aos feixes; a fumaça ascendia; as chamas precipitavam-se; os infortunados tentavam esforços sobre-humanos por se libertarem dos laços; a carne tostava; escapavam-se-lhes bramidos de dor... Morriam em inomináveis agonias, com a face retorcida, a alma desesperada por tanta perversidade. Chamava-se a isto um auto-de-fé."

Um exemplo, este nosso:

Giordano Bruno proclamava que milhares de mundos, sóis inumeráveis se achavam disseminados na infinita amplidão; que a Terra era um átomo lançado no espaço; não tinha importância especial nem preeminência com relação a outras terras, as quais também se moviam no etéreo espaço

infinito; afirmava que tudo é perfeição e ordem na natureza, devendo ter-se como errada a doutrina que conferisse prerrogativas ao atrasado mundo em que habitamos.

Essas e outras profundas heresias fizeram-no subir à fogueira purificadora.

Na data de sua execução, que foi a 17 de fevereiro de 1600, as ruas da cidade de Roma estavam repletas de povo. Nada menos de cinquenta cardeais vieram para a grande festividade crematória. Por toda parte viam-se as filas de peregrinos, longas, intermináveis, com variado indumento, que se iam de igreja em igreja implorar o perdão de seus pecados, e encomendar as santas almas ao Criador.

No meio da plebe notavam-se príncipes e eminentíssimas personagens e não raro, atrás deles, o pontífice. De todas as bocas se erguiam preces; todos os joelhos baixavam à terra; as procissões desembocavam de todas as esquinas. Era uma demonstração nunca vista de humildade e brandura. Disseram-se em S. Pedro quarenta e uma mil e duzentas e trinta e nove missas (41. 239), havendo, também, um número espantoso de comunhões.

Ouçamos, agora, Arturo Labriola e Lúcio Vero:

"Quell' immenso concorso di popolo - i cronisti del tempo fanno ascendere a tre milioni il numero dei pellegrini convenuti a Roma - quel continuo pregare sembravano il segno piu sicuro che tutti i cuori dovessero inclinare a misericordia e perdono, e tutti congiungersi amorevoli nel Redentore pacifico dell' umanità. Pure non era cosi."

"Aquele imenso concurso de gente - os cronistas do tempo faziam ascender a três milhões o número de peregrinos vindos a Roma - aquelas contínuas rezas pareciam o mais seguro penhor de que todos os corações ali estavam para se inclinar à misericórdia e ao perdão, para se unirem, em amor, ao Redentor pacífico da humanidade. Mas tal não se dava."

De fato, não foi o que se viu. O pobre filósofo, cujo imenso crime era não estar ao nível da ignorância da época, nem concordar com a escravização do pensamento, foi ao suplício, acompanhado da imensa multidão que enxameava nas ruas e nos templos. Os sacerdotes empunhavam crucifixos;

soldados e guardas conservavam as suas armas, como se temessem ainda o prisioneiro, que marchava a pé, sem um parente, sem um conhecido, sem um amigo ao lado, amarrado, acorrentado, encadeado, em direção ao local do martírio, que, por ironia, tinha o nome poético de Campo das Flores.

O cortejo fúnebre cantava litanias, fazia orações e lançava anátemas ao condenado.

Depois o puseram sobre as achas e lhes deitaram fogo, enquanto a multidão piedosa alternava os olhares entre o Céu e as chamas, como agradecendo àquele o esplendoroso espetáculo que estas lhe proporcionavam.

E assim se extinguiu, nas contorções do hediondo martírio, aquele homem ilustrado, clarividente, sincero e bom, mas que abalara a Igreja secular com as verdades que viera trazer ao mundo.

Resta-nos, hoje, no século das luzes, luzes certamente mais brandas, o consolo de que já não seremos queimados. Apenas, as verdades espíritas, na opinião de muitos, ainda se não podem ou se não devem dizer de público, pelo menos nas escolas.

As vezes, olha-se com certa indulgência para uns tantos pecados. O jesuíta Antonio Blasquez, que aqui esteve em 1558, dizia em carta ao Superior da Ordem:

"Saiba Vossa Paternidade que são muito poucos os pecados da gentilidade, porque, tirando-lhes as matanças e o comerem carne humana, e fazendo-os viverem com uma só mulher, tudo mais neles é muito venial."

Como se vê, a pouco ficavam reduzidos os pecadinhos da gentilidade.

Não seria muito de admirar, diante de tudo que aí fica e em face do Testamento, se haja o Criador arrependido de sua criação e de sua criatura:

"Então se arrependeu Jeová de ter feito o homem na terra e pesou-lhe em seu coração." (Gênesis,6:6)

Provavelmente, a estas horas, a julgar, ainda, pela Escritura, está também arrependido do que ele próprio fez, senão cheio de remorsos por suas próprias malfeitorias.

Isto, sim, é que fica bem ensinar à criançada e a toda espécie humana.

Mas não é essa a verdade religiosa, nem foram aqueles os processos empregados pelos mestres.

As religiões, em vez de manterem nos homens as suas paixões, em vez de lhes minarem ou entorpecerem a razão, em vez de os obscurecerem, devem encaminhá-las a Deus pela senda do progresso espiritual.

Pode-se dizer que elas possuem um tronco comum, e isto faz com que muitos afirmem, ingenuamente, que umas são cópias de outras. É que o código moral que o Supremo Ser nos envia, periodicamente, é o mesmo. Ele baixa de acordo com a época e conforme as mentalidades.

Fala-nos do amor, do bem, da paciência, da fraternidade, da resignação.

As várias frondes estão mais ou menos adaptadas às regiões em que bracejam.

O que há de profundamente antagônico entre os princípios religiosos ou é fruto da ignorância, ou da incapacidade, ou da cupidez, ou da desonestidade.

Muitas vezes as divergências nascidas da diversidade de interpretação de um texto são futilidades que despertariam nos espíritos criteriosos um simples levantar de ombros, quando não um sorriso indiferente.

Os sectaristas, porém, frívolos e maus, é que fazem, na sua intolerância, daquele ponto mínimo, um ponto máximo de discórdia, e terminam em pugnas que maculam o nome do Criador, entretanto que o imperativo divino é que nos amemos uns aos outros.

[A proporção que se desenvolver e crescer a mentalidade do ser, menos ele se ocupará com as ninharias. E é esse o ponto que almejamos.](#)

O espírito esclarecido se alcandorará nas alturas dos grandes problemas, no assentamento dos grandes postulados, na pesquisa das grandes verdades, na investigação daquilo que possa trazer grandes benefícios. O espírito iluminado poderá compreender Deus e alcançar Deus. E isto é religião.

Num opúsculo intitulado El Cristianismo afrontando los problemas de la humanidad, escreveu um protestante:

"Damos as boas-vindas e aceitamos qualquer qualidade nobre de pessoas ou sistemas não cristãos, como uma nova prova de que o Pai Celestial, que enviou o seu Filho a este mundo, não permitiu, em parte alguma, que deixem de existir testemunhos que testifiquem d'Ele.

"Sem procurar fazer uma síntese desses sistemas e só para demonstrar como apreciamos os valores espirituais de outras religiões e crenças, a) reconhecemos como parte da verdade suprema esse sentido da majestade de Deus e, como consequência, essa reverência no culto, que são tão notáveis no islamismo;

b) a profunda simpatia pela dor que fustiga a humanidade, assim como os esforços altruísticos por dela se libertar, que constitui o cerne do budismo;

c) o desejo de estar em contacto e comunhão com a Realidade suprema e última, concebida como algo espiritual, que é tão predominante no hinduismo;

d) a crença em uma ordem universal e moral e, como resultado, a insistência na conduta moral, que tão eficazmente inculca o confucionismo;

d) as investigações desinteressadas e os esforços por encontrar a verdade e por aumentar o bem-estar humano, que soem ser tão evidentes em todos aqueles que se dedicam à civilização secular, mas que não aceitam o Cristo como Salvador e Senhor.

"Fazemos em especial um chamamento ao povo judaico, cujas escrituras fizemos nossas, dos quais nos veio o Cristo segundo a carne, para que abram seus corações e volvam o olhar para esse Senhor, em quem se

cumpra a esperança de sua nação, sua mensagem profética e seu zelo pela santidade."

Esse que assim escreve, esse crente em o Cristo, diante dessa mensagem, como lhe chama, está com o coração aberto para todas as criaturas. Fala por ele o sentimento do amor divino. Convida todos os povos para verem o Cristo, para sentirem o Cristo, e sentir o Cristo é ter a alma voltada para os sentimentos da solidariedade, em toda a sua máxima amplitude.

Não é outro o apelo do **Espiritismo**.

De maneira que o que pretendemos propagar são os ensinamentos de nossos maiores, com a cristalinidade com que brotaram da fonte e os comentários com que os Espíritos os elucidam.

O que se diria ou dirá é que o Pai,

a) o Sumo Arquiteto, tudo fez e edificou de acordo com uma razão suprema;

b) que, no seu espírito de bondade, salvará todos os seres;

c) que a sua lei é a da paz, o seu mandamento,

d) a fraternidade; que a servidão, da consciência ou dos corpos, nunca fez parte do seu Código;

e) que as dores não são eternas nem injustificáveis, senão um caminho para o aperfeiçoamento e o progresso;

f) que a vingança é um crime detestável;

g) que nunca o determinou, antes o que mandou seus divinos mensageiros pregassem foi o perdão sem limites,

tal como aquele que brotava dos lábios de Jesus;

a) que a criatura evolui contínua, ininterruptamente, sem haver seleções, nem privilégios junto ao seu seio amantíssimo;

b) que o Bem é o fator primordial dessa evolução;

c) que as Escrituras, nas páginas donde fluem as matanças, esses testamentos que se acham pejados de esbulhos, violências, maldades, escabrosidades ou puerilidades não representam o seu pensamento;

d) que a Caridade e o Amor são a estrada larga que conduz à redenção e, conseqüentemente, à felicidade.

Esta é a parte religiosa que os espiritistas pregam e procuram difundir.

Mas como que buscam todos fechar-lhes as portas, enquanto se abrem elas, de par em par, às obsoletas e absurdas prescrições teológicas, às velhas obras sagradas, para alguns de cujos textos tivemos as vistas voltadas, ainda que apressadamente, neste capítulo.

É nosso intuito, pois, esclarecer a questão religiosa, em geral, e no que toca ao Espiritismo, em particular, ou seja, o seu papel entre as religiões e os seres, a tarefa que lhe cabe no encaminhamento espiritual, quando ele fala ao coração do homem e, sobretudo, quando se dirige ao da criança, como cera ainda tenra, onde facilmente se moldam os bons princípios.

Não se veja nestas linhas a presunção do entendido a fazer explicações ao desentendido, senão o desejo de um bem-intencionado por contribuir, ainda que com parcela microscópica, para a felicidade presente e futura dos seus coevos e das gerações por vir.

E então, com a consciência tranqüila, diríamos ao Criador: Pater, teci potui.

Carlos Imbassahy

PROÊMIO

Não fora o sabermos que bem poucos, mesmo raros, são os que, dispondo-se à leitura de um livro, se detêm no prefácio que lhe sirva de pórtico, e talvez não ousássemos escrever este intróito, obscuro e inexpressivo, para uma obra, qual a presente, que se impõe só pelo nome do autor, malgrado

as exigências deste, feitas sob a égide de uma estima afetuosa, que é como suave e grata servidão. De fato, nada absolutamente pode valer ou significar tímido e canhestro proêmio, num trabalho que, sem embargo da sua simplicidade e restritas proporções, reveladoras, aliás, de invulgar capacidade de síntese, se afirma, aos olhos do leitor, desde a primeira linha, uma construção sólida, porque assente em alicerces inamovíveis, o que para logo lhe aponta lugar saliente no rol das obras que versam assuntos ou questões espíritas, ou, melhor, das que colimam, e não se contam essas por muitas, projetar sobre a Doutrina dos Espíritos claridades tais, que permitam seja ela contemplada e apreciada, em seu conjunto, na plena grandiosidade, que lhe é peculiar, de revelação divina.

Com efeito, assente, como vimos de dizer, em bases firmes e estruturada com o objetivo que acabamos de assinalar, nada falta à obra que prefaciamos, não só para resistir impávida a todas as maquinações sofisticadas dos que intentem demoli-la, por mais apurada que se denuncie a contextura dos sofismas e dos argumentos capciosos que a seu desfavor entramem, como também para evidenciar quanto de injustificável e de antiespírita há da parte dos que, reclamando para si inteira liberdade de pensar e opinar, pretendem, sem se desfazerem da qualidade de espíritas, privar dessa liberdade seus irmãos em crença, entendo que, em tudo, a opinião e o juízo dos últimos não podem diferir dos deles.

Ainda mais: muitos dos que, atentos, lhe percorrerem as páginas, além do encantamento que lhes produzirá o estilo sóbrio, elegante, conciso e, por vezes, faceto com que depararão e da clareza do raciocínio, rigorosamente lógico, próprio, em suma, da pena que as burilou, se sentirão assaltados do temor, a que não logram fugir as consciências não de todo obnubiladas, de concorrerem para ativar o fogo das discórdias e dissensões, na hora trágica e angustiada que vivemos e em que, todavia, a simples crença em Deus, no Deus justo, bom e misericordioso que Jesus revelou à humanidade, devesse bastar para reunir fraternalmente os que a cultivam em suas almas, com o escopo santo de obter da magnanimidade infinita que esse fogo não continue a tudo devorar, tudo reduzindo a escombros e cinzas, e a fazer que

tantos seres racionais se precipitem nas regiões trevas de indizíveis amargores e desesperos.

Porque, indubitavelmente, contribuem para que se alastre cada vez mais o devastador incêndio, que já lava pela Terra toda, os que, espiritualistas, quaisquer que sejam as modalidades dos seus espiritualismos, alimentem o separatismo e as incompatibilidades entre os homens, ao influxo de não importa que interesses, ou de idéias sectaristas, ou de personalíssimas opiniões, em vez de se congregarem, sob o lábaro da crença no Deus criador do universo e Pai amantíssimo de todas as criaturas, em torno do ideal genuinamente cristão de fraternidade e, portanto, de paz; os que, espiritualistas, prefiram odiar e alimentar o ódio a outras crenças e a seus adeptos, notadamente ao Espiritismo que, entretanto, visa exclusivamente aquele ideal, cuja realização indefectível proclama e -assegura, como eco das palavras com que o Mestre Divino pôs fecho aos ensinamentos verbais que ministrara ao mundo, desempenhando a gloriosa missão de Salvador do mundo: "[Amai-vos uns aos outros, como eu vos tenho amado.](#)"

Ante o caráter de universalidade dos seus ensinamentos, estas palavras, é bem de ver-se, Ele não as proferiu somente para os seus discípulos: dirigiu-as a todas as ovelhas do rebanho que Lhe está entregue, representado ali pelos que iam ser os continuadores da obra de redenção de que o incumbira o Soberano Senhor de todas as coisas. Desprezar tão carinhoso mandamento, postergá-lo, em nome seja do que for, é produzir o escândalo de que fala o Evangelho que, embora o qualifique de necessário, logo acrescenta:

Mas, ai daquele por quem vier o escândalo.

A obra que o internauta tem diante dos olhos, digamo-lo, sumariando desde já o nosso juízo sobre ela, traduz um grande, nobre e, decerto, abençoado esforço, senão para evitar totalmente esse escândalo, o que, por enquanto, se há de reconhecer impossível, ao menos por afastar dele os que tenham olhos de ver e ouvidos de ouvir. E tal esforço o autor o desenvolveu, no presente volume, cuja pequenez contrasta de modo surpreendente com a grandeza e a importância do labor amplamente executado, focalizando o

Espiritismo, debaixo do seu tríplice aspecto: científico, filosófico e religioso, mas estudando-o em particular sob o terceiro, pelas razões e motivos expostos magistralmente nas "Palavras Preliminares", que representam a verdadeira introdução da obra.

O principal desses motivos reside, como dali ressalta, em a nova diretriz que os inimigos da Doutrina dos Espíritos estão adotando para combatê-la, sem parecer que o fazem, na esperança de por aí chegarem a privá-la do respeito que lhe é devido e do amparo legal de que desfrutam entre nós todas as crenças religiosas, especialmente a católica, que, no entanto, não se satisfaz com isso, por não abrir mão, de forma alguma, da sua pretensão multissecular de ser a única em campo, a fim de poder alcançar o integral domínio, com que não cessa de sonhar, das consciências e que lhe asseguraria completa dominação material sobre as sociedades humanas, onde crescido número de seres ainda se lhe dobram ao jugo, considerando-a, conforme ela própria se intitula, a legítima e exclusiva representante de Deus na Terra.

Imaginaram assim os inimigos do vero Cristianismo, que outra coisa não é o Espiritismo, retirar-lhe o anteparo as garantias constitucionais, afirmando e pretendendo provar que ele carece em absoluto de caráter religioso, com o que lhe reduziriam a prática, como religião, a um simples caso de polícia, conforme está dito acertadamente nalgumas das mais vibrantes páginas aqui enfeixadas.

Pois bem: demonstrar o maquiavelismo de semelhante maquinação, que lembra e quase se equipara, em boa parte, às do Judaísmo contra o Cristianismo primitivo, segundo o mostra, melhor do que qualquer outra, a obra mediúnica de Emmanuel, recentemente editada sob o título de "Paulo e Estêvão", foi o a que se propôs o autor desta, cuja leitura se proporciona aos que amam a Verdade e diligenciam conhecê-la de perto e pelos seus variados prismas.

Nada mais precisaríamos aditar, para que evidenciada ficasse a sua oportunidade e a conveniência da sua publicação neste momento, demonstrando a inutilidade, ao mesmo tempo que a perfídia, do novo

esforço contra o Cristianismo ressurgido, qual o foi o dos fariseus de outrora contra o mesmo Cristianismo então nascente, a despeito de toda a crueldade empregada.

Sem maiores dificuldades, antes com a facilidade relativa que encontram os que se lançam a labores meritúrios no campo do Bem, que é o mesmo da Verdade, atingiu o autor o alvo a que mirava por meio de um rápido estudo comparativo das "religiões", antigas e modernas, e apoiando a sua argumentação no que não escreveu, em diversas épocas, os mais autorizados e competentes pensadores que, em obras notáveis, versaram o assunto - **RELIGIÃO**.

Ostentando uma vez mais a erudição vasta que possui e que lhe reconhecem quantos já se familiarizaram com o que lhe sai da pena, manejada sempre com destreza e habilidade invulgares, não se limitou, entretanto, para consolidar suas assertivas, que quase se poderiam qualificar de axiomáticas, a citar ou reproduzir o que disseram autores mais ou menos ilustres, inclusive o preclaro missionário da Revelação Nova, senão que também se deu a uma análise segura de muitos dos mais importantes textos dos livros sagrados de todos os povos, produzindo, nesse terreno, impressionante capítulo acerca do que se tem praticado, através dos tempos, sob a capa do que comumente se chama religião.

Mas, não se infira, do que vimos de dizer, seja esta uma obra de pura erudição, ou para cuja feitura somente hajam contribuído as luzes de uma inteligência robusta e penetrante, largamente cultivada e aparelhada para altos remígios, não. Ela é, sobretudo, obra de sentimento, porquanto a erudição que a emoldura expressa apenas o fundamento sobre que repousa o sentimento religioso que o Espiritismo, por fruto das convicções profundas e inerradicáveis que gera, sói fazer nasçam na alma, sem violar os direitos do intelecto e da razão, antes exalçando-os, com o escudar-se de contínuo numa e noutra, donde a fé que propicia, viva e forte, porque racional, visto que emergente do raciocínio liberto dos grilhões martirizantes, quer de dogmas abstrusos e absurdos, quer de preconceitos e de idéias preconcebidas, quer ainda de acomodações interesseiras.

Obra, pois, de sentimento e inteligência, resulta da de que tratamos a demonstração positiva e insofismável de que, se legítimo é no Espiritismo o caráter científico, dado que suas teorias se arrimam em vasta fenomenologia, cuja realidade e sentido se comprovam pela observação e pela experimentação científicas, essencial, fundamental e mais proeminente é o seu caráter religioso, porquanto, confirmando, desenvolvendo e clareando os ensinamentos do Cristianismo, mediante aquela fenomenologia e as revelações decorrentes dela, entre os seus objetivos capitais se encontra, resumindo-os, o de restituir ao termo "religião" o significado exato, o da dupla ligação que o amor a Deus e ao próximo, síntese da Religião, estabelece entre a criatura e o Criador. Suprimir-lhe esse primordial caráter seria tirar-lhe o de Paraclito ou Consolador prometido por Jesus e que ele em tudo e por tudo atesta ser-lhe inerente, bastando, para verificá-lo, se atente na circunstância da perenidade da sua permanência entre os homens, predita no que dele disse o mesmo Jesus.

De fato, promanando, quanto aos fenômenos sobre que se ergue a sua estrutura doutrinária, das relações entre os dois planos da vida, o visível e o invisível, ou seja, entre encarnados e desencarnados, por virtude de lei imutável e eterna, como o são todas as que surgem da sabedoria divina, relações, por conseguinte, a que nem o restabelecimento das torturas de todo gênero e das fogueiras obstará, uma vez que a iniciativa delas não pertence ao homem, clara se faz a legitimidade da afirmativa de que o seu advento exprimiu o cumprimento de uma das mais relevantes promessas que à Humanidade fez o divino Salvador. Nada mais será necessário, parece-nos, para que, ao caráter de ciência, que nenhuma das "religiões" existentes apresenta, se lhe reconheça o cunho indelével de religioso.

Surgindo, como dissemos, em cumprimento de uma das promessas do Cristo, que personifica a única Igreja verdadeiramente universal, o Espiritismo é, sem dúvida, a revivescência do verdadeiro Cristianismo, agora desempecido de todos os véus da letra, de todas as obscuridades do mistério, do manto maravilhoso do milagre, as três principais geratrizes dos dogmas. Nenhuma outra doutrina, conseguintemente, lhe pode disputar a qualidade de religião. Tão predominante é nela essa qualidade, que não há

tê-lo por "uma" religião, mas como "a" Religião, no mais lato sentido do vocábulo.

Efetivamente, com o clarear, desenvolver e completar os ensinamentos do Cristianismo do Cristo, o Espiritismo torna nitidamente perceptível o caminho ascensional para Deus, o que a Ele diretamente leva, por ser o do amor, essência mesma e substância da Divindade, caminho que nenhum Espírito pode deixar de palmilhar, porquanto o integrar-se na Divindade pela perfeição moral absoluta é o destino que Ela a todos assinou, sem exceção não só dos que compõem a humanidade terrena, como dos que constituem as demais humanidades, na infinidade dos mundos que dentro do universo infinito representam, na frase de Jesus, as diversas moradas da Casa do Pai Celestial.

Proclamando e comprovando essa unidade de destino, em correspondência à identidade de origem de todos os seres, o Espiritismo faz notória a universalidade dos seus postulados e, diante dessa universalidade, é de ver-se que nada lhe falece para que seja, não "uma" religião, mas "a" Religião por excelência, posto que encerra tudo quanto, sobre a base do amor universal, pode e deve ligar e religar as criaturas ao Criador, em testemunho da unidade perfeita e absoluta da obra divina.

Estabelecida assim, de maneira que nenhum sofisma, teoria ou doutrina pode invalidá-la, a universalidade do Espiritismo, entre cujos princípios fundamentais se inclui, a realçá-la, o dos renascimentos ou reencarnações, em que se expressa sublimadamente a justiça misericordiosa de Deus, suuperlativa ele a universalidade do Cristianismo em espírito e verdade, sua fonte de origem, do Cristianismo do Cristo, bem diverso do dos seus vigários, conforme em obra magistral o demonstrou o Padre Alta.

Tendo por lei básica e suprema a do amor, que é lei universal, a solidariedade e a fraternidade, corolários precípuos dessa lei, perdem nele a feição de hipóteses meramente simpáticas, mas pertencentes ainda ao rol dos ideais utópicos, e assumem a de realidades irrefragáveis, que um dia presidirão soberanas às relações entre os homens da Terra, destinados a formar um só rebanho sob a direção de um só Pastor, e também às

relações, por enquanto imperceptíveis para nós, porque puramente psíquicas, entre todas as humanidades existentes no seio da criação sem lindes.

Desfazendo a confusão ainda reinante entre religião e seita religiosa, o Espiritismo, em face da razão esclarecida e da consciência desembaraçada de entraves sectaristas, se sobrepõe a tudo o que com o nome de religião se adorna. Não o faz, todavia, como religião particularista, ou também sectarista, por humanamente dogmática, sim como religião universalista, ou universal, única, portanto, visto que qualquer outra que apresentasse as mesmas características com ela forçosamente coincidiria em todos os pontos.

Por virtude da idéia errônea de que o culto é que caracteriza a religião e não os preceitos morais, ou os laços que faculta a criatura para, em união com o Criador, caminhar acordemente com os seus desígnios, cumprindo os deveres que suas leis lhe prescrevem, orientados para a realização do grandioso destino que a aguarda, alega-se que o Espiritismo carece de caráter religioso, porque não tem culto. A esta objeção igualmente respondeu, vitorioso, o autor da presente obra, mostrando que o Espiritismo tem o seu culto próprio, diferente, é certo, dessas cerimônias mais ou menos complicadas e pomposas que se celebram nos templos, de natureza a impressionar os sentidos físicos das massas, deslumbrando-as, mas o culto que o Divino Mestre instituiu, quando mandou que seus discípulos fossem pelo mundo pregar o Evangelho do Reino a todas as nações, curando os enfermos, expelindo os "demônios", ressuscitando os "mortos", isto é, o culto da caridade, que só este se compadece com o seu ensino acerca da maneira por que Deus, o Deus Espírito, que Ele revelara, quer e deve ser adorado. Esse, na verdade, o culto exclusivo que pode admitir a religião consubstanciada no duplo mandamento do amor a Deus e ao próximo.

Esse, por isso mesmo, o culto do Espiritismo, culto de que decorrem as reuniões simples e humildes que efetuam os crentes, quais as efetuavam os primeiros discípulos, para a meditação e a prece, e em que, dominando-as o espírito de fraternidade, se cumprem estas palavras suas: "Onde dois ou

três se acharem reunidos em meu nome, eu com eles estarei." Assim que o Espiritismo tem, na prática da caridade, material, moral e intelectualmente considerada, o seu culto, caridade que implica solidariedade, radicada na paternidade divina.

Alega-se, por outro lado, que o Espiritismo nada tem de religião, porque não há nele dogmas. Realmente, não há nele desses dogmas de elaboração humana, decretados pelas Igrejas como pontos de fé cega, sobre os quais não é lícito aos respectivos fiéis pensar, procurando compreendê-las à luz da razão, penetrá-los com a força do raciocínio. Há, porém, os dogmas naturais, porque oriundos das próprias leis divinas, e perante os quais se curvam quantos não trazem o espírito obliterado pelo orgulho e não colocam a Divindade, por influência desse orgulho, donde nascem todas as presunções, a serviço de quaisquer interesses e caprichos.

Podem citar-se, por exemplo, como dogmas espíritas, a existência de Deus, com atributos de perfeição absoluta, a existência e a imortalidade do Espírito, a sua sobrevivência, portanto, à morte do corpo, a sua destinação acorde com os atributos do Criador, dogmas que não podem ser, como o são todos os dias aqueles outros, abolidos, ou, sequer, infirmados pelos progressos das ciências, pelo crescimento do saber humano, resultante do desenvolvimento das inteligências e do seu aparelhamento para mais clara percepção das coisas, ou melhor, da obra divina, por meio do livre exame, da observação, da análise e da experiência.

Seguindo a diretriz que estas despreziosas e mal articuladas observações deixam entrever, o ilustre escritor a quem a bibliografia espírita vai dever as páginas do volume que temos a honra e o júbilo de prefaciar, magníficas e indubitavelmente banhadas de viva luminosidade, pôs por terra, um a um, os esteios em que tentam arrimar-se os que se afadigam por proscrever, como contrária e inimiga das "religiões", uma doutrina que mais não faz, no que lhes diz respeito, do que proporcionar bases e meios a todas de se espiritualizarem, para de alguma forma justificarem semelhante denominação.

Nem só, entretanto, nos gratuitos adversários do Espiritismo pensou ele ao arquitetar e escrever a obra a que ora dá publicidade e que tanto excede pela forma e pela substância. Ante a sua visão espiritual também perpassaram, quiçá com maior interesse e a lhe confrangerem a alma, os que, espíritas, emparelham com esses adversários, nivelando às deles muitas de suas teses e teorias.

De livro de sentimento foi como, linhas acima, qualificamos este admirável trabalho com que Carlos Imbassahy, discutidor sereno e empolgante, preletor lúcido e convincente, escritor sempre disertado e atraente, houve por bem, num momento de feliz inspiração, ilustrar as letras espíritas com uma produção lítero-doutrinária em cuja singeleza se refletem a modéstia do seu espírito e a forte emotividade do seu coração afeiçoado no bem e à verdade.

Como livro de sentimento, é fora de dúvida que este, elaborado, como ficou dito, com o escopo de pôr a nu mais uma das insidiosas tramas com que os adversários do Espiritismo, que são os inimigos da luz, procuram incansavelmente abatê-lo, não poderia deixar de objetivar também os espíritas, sobretudo para advertir dessas insídias os sinceros, os simples, os de boa-fé, a fim de que se precatem dos golpes que de súbito os podem surpreender, desferidos contra a crença que lhes é tão cara. Mas, evidentemente, não se explicaria que, dirigindo-se a esses, de modo geral, não tivesse em conta, ao mesmo tempo e de maneira particular, os que, embriagados talvez pelas emanções da vaidade, que os induz a aberrantes inovações, prestam mão forte, conscientemente ou não, aos que, mais ou menos embaçados, hostilizam e combatem a doutrina de que continuam a dizer-se profitentes.

Na primeira linha desses espíritas sui generis, não de forçosamente contar-se os que movem campanha contra a prece, objeto de um capítulo especial do volume - "Religião", e contra tudo mais que, imprimindo cunho religioso ao Espiritismo, estabelece de forma indestrutível a sua íntima ligação com o Cristianismo do Cristo, que nele revive e refloresce, chegando alguns a declarar que o Espiritismo só é admissível como ciência filosófica,

nunca como Cristianismo, nem como o que de qualquer modo o faça entrar na fila das religiões.

Ao que sobre tais afirmativas e declarações expõe com extrema ponderação e segurança o autor, acrescentaremos apenas que elas envolvem a renegação formal e completa do Evangelho e, por conseguinte, do maior, do mais eminente e excelso instrutor que a Humanidade já teve em seu seio, o que lhe revelou o Deus verdadeiro, o Deus infinitamente bom, justo e misericordioso; que a iniciou num conhecimento mais profundo das verdades divinas, consubstanciando-as numa só lei: [a do amor que ao Pai devem todos os seus filhos e do amor que cada um destes deve alimentar para com os seus irmãos](#); que a edificou Com um ensinamento que ela ainda não recebera tão amplo, preceituando-lhe a maneira de se porem as criaturas em comunhão espiritual com o Criador, a fim de haurirem, na fonte da compaixão inesgotável, capacidade e energias para ascenderem, por esforço próprio, à máxima perfeição moral, realizando o destino a todas outorgado.

De fato, proscrever a prece, tachando-a de obsoleta, de inoperante ou inócua, ou de pura manifestação de doentio misticismo, é renegar do Cristo, porquanto o desempenho da sua missão terrena, do começo ao fim, outra coisa não foi, senão toda uma oração, uma ininterrupta prece. Ele orava pelos atos, pelas obras que praticava, pela exemplificação do que pregava, pelas suas contínuas referências ao "Pai que está nos céus", acentuando sempre que nada fazia, nem dizia, senão em satisfação dos desígnios d'Aquele que o enviam, com a investidura de seu magnificente embaixador, aos homens de boa-vontade, aos simples, aos humildes, aos pobres de espírito do século, a convidá-los para a edificação do reino divino em suas almas delinquentes. E, por saber que mesmo esses não apreenderiam, em todo o seu alcance e valor, a prece assim ensinada, ensinou-a mais explicitamente, formulando a oração dominical ou "Pai nosso"; dizendo que o que pedissem ao Pai em seu nome seria concedido; recomendando: quando fordes orar, encerrai-vos no vosso aposento e fazei a vossa rogativa, porque o Pai, que vê e sabe o que se passa em secreto, vos escutará; orando Ele próprio no Horto de Getsêmani; e encerrando a sua

missão sem par com a prece amorosamente dolorida do Perdão, proferida do alto da cruz, no cimo do Calvário.

Mais ainda: repetidamente aconselhava a seus discípulos que orassem e vigiassem, para não caírem em tentação, conselho que, entendido segundo o espírito, contém o grandíossimo ensinamento de que ao Espírito falido, e o são todos os que na Terra encarnam, cujas múltiplas falências oferecem a prova de que nele só fraquezas existem, unicamente na oração, na prece humilde, fervorosa e potencializada pela fé, forças se lhe depararão para resistir às do mal, às quais de continuo o trazem, sujeito a precariedade dos sentimentos e a inferioridade moral.

Infere-se daí, logicamente, que negar valor e utilidade à prece, amesquinhá-la, condená-la, seja a que título for, equivale a renegar de Jesus, o Cristo de Deus, a afastar-se dEle, a tomar rumo oposto ao que Ele seguiu quando evolvia para a suprema culminância da perfeição, rumo que veio patentear às criaturas terrenas, embora nenhum progresso ou aperfeiçoamento houvesse mais de colher da Terra, dado que a esta baixou como Espírito de pureza perfeita e imaculada.

Mas, qual poderá ser, legítimo é perguntar-se, a conseqüência de repudiarem as ovelhas o Pastor que as ama e trabalha por encaminhá-las para as altas mansões da felicidade perene? A semelhante pergunta responde o episódio evangélico em que alguns de seus discípulos, tendo por dura a prédica que Ele acabara de proferir e em que se proclamara o pão vivo que do céu descera, se apartaram da sua companhia, o que o levou a perguntar aos que lhe permaneceram ao derredor: Também vós não quereis ir-vos? Ao que Simão Pedro respondeu: Senhor, para quem havemos de ir? Tu tens as palavras da vida eterna. Cremos e conhecemos (sentimos) que és o Cristo, Filho de Deus: Em face de tão tocante e instrutivo lance, ocorre perguntar ainda para onde poderão ir os que agora de novo se apartarem daquele que é caminho, verdade, tida, depois de terem sido agraciados, mediante a Terceira Revelação, com a luz necessária a bem o conhecerem e sentirem através dos seus ensinamentos, palpantes de sublimes verdades, verdades divinas, na esplendência do amor mais puro e santo que se possa conceber ou imaginar, senão para os

estreitos e acanhados redutos do negativismo, tornando-se os materialistas do Espiritismo, por muito híbrida que pareça a reunião destes dois termos.

Para o materialismo, sim, porque nele mesmo a idéia da Divindade e das suas perfeições absolutas pode subsistir íntegra na mente, nem no coração, dos que rejeitam o testemunho máximo, prestado, acerca da preeminência de uma e outras, pelo único Ser cuja sabedoria e excelsitude moral lhe facultavam afirmar: "Eu e o Pai somos um; ninguém conhece o Pai, senão o Filho e aqueles a quem este o queira revelar; ninguém vai ao Pai senão por mim", isto é, senão pondo em prática os meus ensinamentos e exemplos de humildade, abnegação, renúncia e amor, nos quais se concretizam a observância e a aplicação plenas das leis que, exprimindo a sabedoria absoluta, regem a vida e a destinação dos seres no universo inteiro.

Personificando, como personifica, a moral, a lei de amor que pregou aos homens pela palavra e pelo exemplo; personificando a doutrina de que foi portador ao mundo e que é a fórmula das verdades eternas, Jesus, conforme dizem as Escrituras, é a pedra que os primitivos edificadores rejeitaram e que se tornou a pedra angular da regeneração e redenção humanas, pedra contra a qual, di-lo a seu turno o Evangelho, se despedaçará todo aquele que com ela se chocar e que esmagará todo aquele sobre quem ela cair.

Mais não é preciso se diga para definir a situação a que se condenam os que consciente e propositadamente se divorciam do Cristo, Senhor e Mestre, depois de o haverem conhecido na magnificência de suas lições e atos, e que, dele apartando-se para as terras árulas do cientificismo materialista, ousem contrapor à sua doutrina, de edificação e salvação, quaisquer outras, que só poderão ser de destruição e morte espiritual.

Este trabalho é, portanto, menos uma defesa do Espiritismo contra os que, adversários, lhe negam caráter religioso, para nivelá-lo a credices e superstições cuja prática as leis humanas consideram passíveis de repressão, do que advertência amiga, exortação fraterna, partida de alma substancialmente cristã, colimando despertar consciências deploravelmente amodorradas nesta bom grave, de confusão inexcedível, em que somente

as forças do Bem, adquiridas pela prece na fonte que as gera, o seio de Deus, Pai amantíssimo e longânime, lograrão opor dique aos transbordamentos das forças do Mal, oriundas da treva, em cujos domínios elas nascem da ignorância, geradora do orgulho, da presunção, da vaidade e, do egoísmo, que obumbram o senso moral, forças que, atuando sem peias, se constituem fator de depuração dos que, supondo-se sábios e poderosos, pela posse de minguadas aquisições intelectuais, lhes conjugam as suas fraquezas e vêm a ser, por fim, vítimas delas.

Advertência amiga aos que impensadamente fazem coro com um dos ditadores materialistas dos modernos tempos, quando dizia que a religião é o ópio das nações, donde se deduziria com acerto que a prece, a oração não passam de mero entorpecente.

Entretanto, fosse-o ela apenas isso e a consideraríamos um entorpecente bendito, por anular a ação dos estimulantes violentos que conduzem aos crimes, às iniquidades e crueldades, às abominações e abjeções, aos horrores sem conta de que neste momento é teatro o mundo, e por facultar se divise, para lá do estendal de misérias e monstruosidades que transformaram a Terra num desses lugares onde, segundo a palavra evangélica, só há "prantos e ranger de dentes", o advento de uma era de paz e fraternidade reais, em que os homens, curvados à soberania do Evangelho em espírito e verdade, clamarão, dentro da grande Jerusalém, o que clamava outrora a multidão, às portas da Jerusalém dos Judeus: Glória ao que vem em nome do Senhor onipotente!

Temos assim por lícito e verdadeiro dizer que "Religião", obra que um espírito esclarecido e servidor do bem oferece à meditação de seus irmãos em Deus e em crença, é uma como prece, que não deixará de repercutir nos páramos da espiritualidade onde reina o amor e de veicular daí, para os que se hajam deixado embriagar pelos néctares venenosos do orgulho, da vaidade e da pretensão de muito saber, um raio da luz viva que dissipa do entendimento e do sentimento as brumas que se erguem das doutrinas dos falsos profetas e dos falsos cristos.

Eis qual, ao nosso ver, o trabalho de que falamos; esse o prisma por que ele se nos mostra em sua grandeza efetiva e que, atestando-lhe a oportunidade, também nos faz manifesta a inspiração superior que presidiu à sua elaboração.

Que nos perdoe o bondoso autor, se não soubemos apreciar devidamente os impulsos generosos e os propósitos elevados que o induziram a escrevê-lo, assim como o lhe havermos empanado o fulgor de um trabalho de tão singular relevância, antepondo-lhe este prefácio incolor e dessaborido, porém, que, todavia, expressa, bem ou mal, não importa, o que, com o lhe perlustrarmos as páginas, experimentamos na alma, onde surpreendemos novas energias advindas à nossa fé cristã-espírita, ao mesmo tempo que vigor novo ganhava o nosso obscuro espírito para, a despeito de tudo e de todos, manter-se em guarda, pela prece, pela oração, contra o que quer que nos possa arrastar para fora do caminho luminoso do Evangelho, que nos faz perceber e sentir os eflúvios do amor dos amores, do amor de N. S. Jesus-Cristo, símbolo supremo da verdade e da sabedoria para a Humanidade do ínfimo globo que habitamos; caminho luminoso e santo pelo qual conseguiremos libertar-nos um dia da escravidão do erro e da mentira e lograremos ressurgir da morte no pecado, para a vida eterna, galgando com proveito os degraus que até lá nos farão subir: as existências planetárias, penosas e aflitivas, pelo sepultamento da carne, e perigosas sempre, por imporem o flagício das ilusões, fonte das mais fragorosas falências.

Praza ao Senhor dos universos que, nalgum ao menos, dos que se demorarem na leitura destas páginas, idênticos efeitos se produzam, de sorte que o trabalhador diligente e abnegado que as traçou possa dizer, de si para consigo, num esto de reconhecimento pela graça recebida: ganhei bem o meu dia de labor na seara da verdade. De nós, cremos que o ganhou, valorosa e cristãmente.

GUILLON RIBEIRO

**DO ORGULHO
DOS HOMENS
À MODESTIA
DOS SÁBIOS**

Procura com cautela a Verdade, onde pensas que esteja. Mas, no afã de procurá-la, evita o orgulho e a presunção que o fanatismo incita nos que julgam transpor as alturas imensas ...

Não combatas ninguém. Luta, sofre e exercita na alma esse grande amor que tolera outras crenças. Esforça-te por ser leal, para que venças. Os sinceros e bons têm a Graça Infinita.

Todos, com a mesma fé, buscam a mesma coisa: e encontram só - na eterna angústia da existência a Esfinge que no umbral dos séculos repousa!

Faze da dor alheia um elo de amizade, da cólera dos maus - um culto de indulgência, e então compreenderás um pouco da Verdade.

JONNY DOIN -

(Do Revelador, outubro de 1941, S. Paulo)

Poucos axiomas são tão verdadeiros como aquele que diz - in medio consistit virtus.

A virtude está no meio-termo, já proclamavam os romanos. E esse fruto da sabedoria popular ser-nos-ia sempre agradável, se a nossa ignorância, ou, melhor, o nosso orgulho não nos levasse sempre ao extremo da balança, onde os homens pesam todas as coisas, assim humanas como divinas.

Há uma propensão enorme, entre as criaturas, para as idéias arraigadas, irremovíveis; daí nasceu o dogma, do dogma a intolerância, escalracho doutrinário que invade e estiola a consciência.

Quando o indivíduo crê firmemente e intransigentemente no que quer que seja, sem estudar as razões, ou mesmo as hipóteses que lhe possam contrariar a opinião, já não é um espírito em progresso. Está a um passo do fanatismo, que é a obnubilação completa da razão.

Devemos - e dizemos isto sem sombra de dúvida - estar prontos para modificar nossas idéias, quaisquer que elas sejam, desde que a verdade se imponha. E é nisto que consiste a superioridade da doutrina espírita sobre as demais doutrinas.

Enquanto o crente se mantém em suas crenças obsoletas, por maiores que sejam as provas que lhe demonstrem o erro, o espírita se deixa orientar pelos ventos do progresso e se encaminha para onde a sã razão o conduz.

Nós estaremos onde estiverem as provas daquilo que afirmamos. Afirmar sem provar, garantir sem esteios, impor sem raciocínio não poderá ser, jamais, o nosso critério.

Ê bem de ver que, muitas vezes, nos faltam as provas daquilo em que cremos; nem sempre temos o arrimo necessário para sustentar as nossas hipóteses. Proceda-se, então, como no terreno científico: serão questões abertas, serão doutrinas pessoais, serão hipóteses de trabalho. O mal, porém, é que, ao possuir uma idéia, sem elementos que a abonem, temo-la, para logo, como absolutamente certa, e não admitimos que ninguém a possa acreditar errada, ou mesmo contrariá-la. Surgem, assim, os extremistas nas questões doutrinárias.

Ora, o supor-se alguém como seguro detentor da verdade, num planeta atrasado como o nosso, a manifestação de vaidade, uma espécie de vaidade subconsciente, que por aquela forma se traduz.

Tal tem um pensamento e, uma vez que o perfilhou, não pode estar errado. Ele não pode errar e, assim, tudo em que opina leva o cunho da verdade absoluta. E não admite, então, a opinião contrária. Aquele que o contraria é riscado das suas relações de amizade. Esse não pode ter idéias também; se as tem, discorda, se discorda é inimigo.

Vemos, destarte, muitos homens inteligentes, probos, trabalhadores, que todos podiam caminhar juntos, unidos pelo princípio comum da solidariedade, pregando juntos a fraternidade humana, que é a cruzada que deve reunir, sob uma só bandeira, as criaturas de prol - vemo-las desavindos, e desavindos por questões de nenhum valor para o progresso moral do gênero humano.

Mas os que se metem pelas betesgas, deixando a estrada real, os que supõem que toda a verdade se foi encantonar nos seus principiozinhos, frágeis e insustentáveis, não sabem que o verdadeiro sábio é aquele que sabe que não sabe nada.

Conta-se de Teofrasto, o divino tribuna do qual não se sabia o que mais admirar, se a modéstia, se o saber, que, certa vez, tão receoso ficou diante do público e tão desconfiado de si mesmo, que nada pôde dizer aos atenienses.

E era um sábio naqueles tempos.

Um douto, que percorre com o olhar interno a extensão do conhecimento, percebe sempre os limites do seu. É por isso, talvez, que grandes oradores, como Demóstenes, emudecem, por vezes, diante das multidões.

Horácio afirmava que a ninguém é dado saber tudo: nec scire tas est omnia.

Um dos mais modernos escritores, Alexis Carrel, e, além de escritor, cientista notável, assegura: En fait, notre ignorance est tres grande. Que nossa ignorância é muito grande, só o desconhece, de fato, os que pouco sabem.

Também é essa a opinião de Richet; e assim nos diz o pranteado professor: "Vivemos mergulhados num oceano de trevas e de dúvidas." "Nous vivons plongés dans un océan de ténèbres et de doutes."

E mais: "Persuado-me que não sabemos absolutamente nada do universo que nos rodeia." E ainda: "Não sabemos nada do mundo mental."

Goethe, o famoso escritor alemão, nos seus últimos dias, confessava aos amigos que, apesar de já estar nos oitenta anos de idade, mais desejava viver para estudar e aprender, porque nada sabia.

Teixeira de Paula lembra-nos a modéstia do Batista: Profeta és tu? Et respondit non; da de Platão, conforme o relato de Cícero; da de Sócrates, o autor da Panathenaicus; da de Leontinos Górgias, e, entre nós, da de Machado de Assis, Humberto de Campos.

Para Pitágoras só Deus é sábio. Convinha, aos que se presumem de sabidos e soletram pela cartilha cristã, a leitura do Novo Testamento. Ali diz o apóstolo Paulo: "Se alguém supõe que sabe alguma coisa, esse ainda não sabe como é preciso que o saiba."

O filósofo Sócrates, considerado o grande mestre, afirmava a seus discípulos: Eu só sei que nada sei. E não fazia mais que repetir aquilo que muitos anos antes dizia Buda aos seus discípulos, e Buda era o iluminado.

O nosso amado Mestre, o Mestre Divino, de cujo saber nenhum cristão duvida, afirmava, na sua pregação: Quem sabe é o Pai que está nos Céus.

Necessariamente, não de perguntar-nos, por que, sabendo que se sabe tão pouco, vimos apresentar o nosso conhecimento.

Poderíamos responder como Maeterlinck:

"Dir-se-me-á - explica o filósofo belga, justificando sua confissão de ignorância - dir-se-me-á: uma vez que nada sabes, por que te propões a falar-nos do que não sabes? Mas, se todo mundo ficasse calado e continuasse a calar-se, não saberia mesmo que nada sabe."

Mas não é bem por isso que aqui estamos. Embora a precariedade do nosso saber, apresentamos idéias e razões que podem estar certas. Além do que, não nos limitamos a expô-las; procuramos escudá-las em argumentos.

O que nos parece mal é a opinião axiomática; o que não compreendemos é que alguém se julgue o soberano detentor das verdades, quando ninguém sabe por que lhe coube tal privilégio; o que procuramos fazer ver é o erro

dos que se fecham em determinados limites, e não só não saem mais dali, como acham que toda gente deve ficar ali também; o que procuramos salientar é a imensidade dos nossos horizontes, é o infinito que temos diante de nós; e diante de tal imensidade, seria ridículo traçarmos um círculo e achar que todo o conhecimento cabe dentro dele.

Enchemo-nos, portanto, de muita pena, quando vemos um pobre mortal assegurar que quem sabe é ele.

A intransigência, o exclusivismo doutrinário, o não admitir alguém que outrem possa emitir opinião diversa, equivale a esta declaração formal: Quem sabe sou eu! Eu sei tudo! ...

E, como ele sabe tudo, não pode consentir que o outro saiba alguma coisa. Daí para as divergências profundas e pueris o passo é pequeníssimo. Surgem, então, os cismas, os retaliamentos, às vezes, mesmo, as verrinas, a descompostura grossa ...

Há tempos, um amigo, meu, creio que o Vaz de Carvalho, falou-me num quadro do Cristo, sem barbas. Tão impressionante o achou, que pretendia expô-lo.

-Estás doido, positivamente doido - disse-lhe eu.

-- Mas - replicou ele - não há certeza se o Mestre tinha ou não a barba que se lhe atribui. Penso, pois, que não haveria inconveniente ...

Eu o atalhei, imediatamente, com a presteza de quem vê um raio quase a fulminar-nos.

- Afugenta, meu amigo, essa idéia terrível!

Já previste o que irá suceder? Formar-se-ão logo os partidos. Haverá uma luta acérrima. Imprimir-se-ão os panfletos. Os amigos se separarão. Amanhã não se cuidará mais de saber o que dizia o Cristo, mas se ele tinha barbas ou não as tinha.

Virão, ainda, outros propugnadores, outras variantes. Em vez de barba, dar-lhe-ão um cavanhaque. Haverá os cavanhaquistas e os não cavanhaquistas. Em breve, correrão rios de tinta e de desaforos. Em breve,

ninguém quererá mais saber como serão os textos do Evangelho, mas de como seriam as barbas do Divino Mestre.

O meu amigo sorriu amargamente, como quem descobre, com grande pesar, que era certo o que eu estava a expor-lhe. Chamou, então, um rapazinho e ordenou: - Vá ali, ao Sr. Américo, e diga-lhe que eu desisto do retrato.

É de crer que, por um declive insensível, se chegue à crença de que não devemos ter idéias. Seria um desastre tal conclusão. Ela nos levaria à indiferença senão ao ateísmo. Podemos e devemos ter idéias, defendê-las com o ardor que nos for possível despende. Mas entre o calor e a intransigência existe um abismo. Outro abismo e muito maior é o que há entre defender idéias e lançar anátemas aos que pensam de modo diverso.

Há indivíduos frios; há mesmo os cépticos, embora filiados a um credo religioso. Parece incrível, mas há.

O arcebispo de Tolosa pretendia, no reinado de Luís XVI, o lugar de esmoler-mor. Mas esse monarca, que era sinceramente religioso, afastou-o, em virtude de sua reputação de céptico, e declarou: -Eu não gosto muito de um arcebispo que não crê em Deus.

Dizia Alexandre Dumas que o cardeal Mazarin, famoso ministro de Ana da Áustria, ao tempo de Luís XIV, na sua qualidade de cardeal e de primeiro-ministro, era pouco mais ou menos ateu e inteiramente materialista. O rol é grande. Mas vamos às conclusões. Nem tanto ao mar. Longe de nós o ateísmo do arcebispo ou a indiferença do cardeal. Se o arcebispo de Tolosa era mesmo céptico e se Mazarin não passava de um materialista mais ou menos ateu, vá tudo por conta dos narradores.

O que é certo é que, na defesa do nosso deísmo e do nosso espiritualismo, temos que apresentar razões e não meras alegações, fatos e não meras asserções. E, baseado no princípio do fato e da prova, é que o Espiritismo, ou a Terceira Revelação, como lhe chamamos, surgiu, rodeada de toda a extensa gama da fenomenologia psíquica; de agora em diante não se trata mais de crer, porém de saber.

Compreendendo a ineficiência do dogma, a impossibilidade de divulgar princípios, só porque neles crêem, é que alguns pensadores e publicistas vêm expendendo o melhor do seu tempo com a demonstração daquilo que afirmam.

O pobre escritor destas linhas, notando que é essa a base única e sólida da sustentação de qualquer princípio, tem procurado acompanhar as pegadas daqueles pensadores, não sem refletir na grande distância que separa um e outros.

Também notou quanto é precário o seu conhecimento e daí a necessidade de esteá-lo da melhor forma possível. Spencer estabeleceu como lei a sua relatividade. E viu, ainda, que as idéias extremas são sempre obscurantistas, que, aos seus propagadores, falta isenção de ânimo, serenidade, tranquilidade espiritual; e que, finalmente, tudo na natureza nos está a demonstrar que a grande virtude reside no meio-termo.

Só deveríamos ser radicais quando tivéssemos em mãos as provas seguras, e até estas falham tantas vezes! ...

Imagine-se, agora, o radicalismo, o absolutismo, sem prova nenhuma!

Tais considerações vêm à baila, porque nos censuram as idéias científicas, no que toca ao Espiritismo - achando muitos que o Espiritismo não é ciência, é religião.

Outros, ao contrário, pensam que é condenável a religiosidade em Espiritismo, e afirmam, com grande cópia de argumentos, que o Espiritismo não é religião, é ciência.

Chama-se a isto estar preso por ter cão e por não ter cão.

Mas, o que a eles, ou a pouca gente se afigura claro, é que o Espiritismo possa ser, ao mesmo tempo, religião e ciência. É com este caráter que ele se nos apresenta; é por esta forma, consequentemente, que o encaramos.

Parece ter sido de balde que os mestres no-lo expõem sob esse duplo aspecto, ou melhor, ainda, sob o tríplice aspecto de religião, ciência e filosofia.

Ficou estabelecido como um dos fins da Federação Espírita Internacional: - "O estudo, em comum, sob o prisma científico, filosófico, moral e religioso, do Espiritismo e das ciências afins."

Muitos, porém, só o reconhecem por uma das faces. E o fato se explica e justifica de maneira clara. Vamos buscar no passado as raízes dessa preferência. E em vez de condená-la, tentaremos, ao contrário, explicá-la.

Muitos de nós, que hoje militamos na doutrina espírita, viemos das fileiras religiosas, do absolutismo religioso. Vivemos, durante séculos, folheando os livros sagrados, engranzando rosários, comentando as Escrituras, apostrofando os incréus ou os díscolos, anatematizando os contrários, proibindo as discordâncias, impondo os pontos teológicos.

Seria impossível que esse lidar, durante tempos imemoriais, num sentido único e num só feitio, não nos fizesse uma ranhura na alma. Daí o infalibilismo bíblico, o sectarismo religioso, a inflexibilidade na interpretação dos textos, a fé desarrazoada, a inclinação a toda sorte de fanatismo, o abandono da iniciativa pessoal, a propensão a deixar tudo por conta e às costas do Espírito Santo, em nosso caso, o Espírito-guia.

Eles não podem ver, ainda, com bons olhos o Espiritismo científico, que lhes parece orgulho, bazófia e até ignorância.

Há o reverso; há o outro extremo: os que não admitem o espírito religioso. Para eles só vale o conhecimento. Foram provavelmente, como Jules Mazarin, conforme no-lo pinta Dumas. Não tinham nenhum elemento de convicção. Faltando-lhes a fé, sua crença não passava de mera encenação, espécie de fogo de vista. Só acreditavam nos cinco sentidos e nas fracas noções que a ciência nos oferece. Não viam, nem vêem que muita coisa há que nos entra na alma pela via da intuição; que há pobres de espírito mais iluminados que muitos sábios sublunares; que uma simples prece faz conseguir o que muitos anos de esforço não podem realizar.

O estudo, a meditação, a lição dos maiores convenceram-nos de que amputaremos o Espiritismo, se lhe tirarmos uma de suas faces.

Em resumo: [devemos ater-nos ao tríptico aspecto do Espiritismo,](#)

a) procurando na parte filosófica a nossa origem, o nosso destino, o problema do ser;

b) buscando, na parte religiosa, manter o traço que nos deve ligar ao Criador e seguir a Moral que Ele nos vem transmitindo através das idades e dos meios que cada época requer;

c) colhendo, na parte científica, a prova, a documentação das partes anteriores, e, conseqüentemente, adquirindo a certeza de que são autênticas.

Tudo isto afirmamos escudado em elementos que se nos afiguram de real valor, indiscutíveis, probantes. Tudo isto é fruto de acurado labor, de indefesso estudo, norteador-nos, apenas, o farol da verdade. É esta, tão-só, que desejamos atingir.

Longe de nós, como deve estar longe de toda a pessoa sincera e desinteressada, a imposição de modos de ver: o dogma são as algemas do espírito.

Também não estamos convicto da infalibilidade absoluta das nossas asserções, da intangibilidade de nossos dizeres, que o mesmo seria colocar-nos ao nível dos que não admitem contestação, nem que possa alguém divergir das idéias que um dia lhes passaram pela cabeça.

Os nossos princípios se mantêm, todavia, enquanto não forem destruídos; que se nos permita apresentá-los e afirmá-las enquanto não vierem os desmentidos sérios, as provas categóricas em contrário.

Tal é o que a razão aconselha e tal é o caminho que todos deveriam seguir, se, infelizmente, as paixões humanas não se colocassem acima do raciocínio e do entendimento.

Quanto ao terreno, continuaremos mourejando na planície. Caem de muito alto os que muito sobem. Infelizes os que se julgam no ápice da glória, quer os que com a espada escrevem páginas dolorosas e sangrentas, quer os que com a pena abrem profundas feridas na consciência e na liberdade alheias.

Procurássemos subir muito e poderia dar-se o desastre que previa Ariosto:
Quem sobe muito alto cai, muitas vezes, precipitadíssimamente.

Chi troppo alto sale cade sovente precipitevolississimamente.

Os fatos e a História estão fartos de comprovar o dito do poeta. Os astros do triste firmamento humano ascendem cheios de glória e, muitas vezes, precipitam-se das alturas, cobertos de lama.

Não é principalmente orgulho, senão lamentável imprevidência o não nos fazermos pequeninos, como mandava o Divino Mestre.

Carlos Imbassahy

O ESPIRITISMO É UMA RELIGIÃO?

Despacho do Sr. Diretor do Ensino a um pedido para o ensino do Espiritismo em escola primária

A Constituição Federal de 16 de julho de 1934, categórica no tocante à obrigatoriedade da admissão do ensino religioso nas escolas, dispunha:

Art. 153 - O ensino religioso... constituirá matéria dos horários nas escolas públicas primárias, secundárias, profissionais e normais.

Menos imperativa, a Constituição de 10 de novembro de 1937, diz simplesmente:

Art. 133 - O ensino religioso poderá ser contemplado como matéria do curso ordinário das escolas primárias, normais e secundárias.

Continua, porém, em vigor, no Estado de S. Paulo, sem colidir, aliás, com a Constituição de 10 de novembro, o Decreto nº 6.766, de 11 de outubro de 1934, que ordena às escolas públicas facultar o ensino religioso, desde que solicitado pelos pais dos alunos.

Art. 12 - Fica incorporado ao regime escolar dos estabelecimentos oficiais de ensino primário, secundário, profissional e normal, o ensino religioso.

Isto posto, examinemos o caso presente.

O Prof. Oscar Augusto Guelli, Delegado Regional do Ensino em Casa Branca, consulta, por ofício de 11 de fevereiro deste ano, se deve atender a trinta e cinco pais de crianças matriculadas no Grupo Escolar de Itobi, pais esses que desejam seja ministrado o ensino do Espiritismo a seus filhos.

Anteriormente à minha administração, o ensino do Espiritismo, considerado como religião, foi praticado no Grupo Escolar "Rui Barbosa", de Caçapava, mas depois foi suspenso em virtude de incidentes a que deu causa. Em 1937, houve pedidos de autorização, nessa mesma localidade, assim como em outras duas cidades do interior, tendo sido todos negados por se haver apresentado fora da época legal.

A atual solicitação, encaminhada pelo Sr. Delegado Regional de Casa Branca, está dentro do prazo regulamentar e atende aos requisitos formais estipulados pelo Decreto paulista nº 6.766, e pelas "Instruções" desta Diretoria.

Cumprе, entretanto, decidir uma questão preliminar:

É o Espiritismo uma religião?

Sem entrar no delicado tema da conceituação filosófica de "religião" faremos notar que nas religiões, em geral, o objeto para o qual se volta o espírito humano é o sobrenatural, o misterioso:

"Qualquer conceito de religião envolve um processo de relações vitais entre a criatura humana e o sobrenatural." (Alfred Bertholet - Encyclopedia of the Social Sciences.)

Demais, a forma pela qual o homem recebe as verdades religiosas é, inicialmente, a revelação, secundariamente, a persuasão, que se dirige de preferência à personalidade afetiva: mantendo-se essas verdades no espírito humano em virtude da crença, alicerçadas na fé. Por isso o conteúdo subjetivo das religiões é de fundo preponderantemente afetivo e

modestamente cognitivo. Por isso, ainda, como assevera Georges Dumas (Traité de Psychologie, II, 208) , todas as Igrejas sempre protestaram contra a subordinação da fé ao raciocínio.

Ora, o Espiritismo, no dizer dos seus mestres, foge do sobrenatural e do mistério.

"Não existe o sobrenatural", diz Camille Flammarion junto à sepultura de Allan Kardec. O Espiritismo "é o fim do sobrenatural e do milagre", declara outro iniciado, Léon Denis (No Invisível, trad. de L. Cirne, Rio, 1909, pág. 27) .

Para o próprio Allan Kardec, o Espiritismo vem mostrar o mundo espiritual, "não mais como coisa sobrenatural, porém, ao contrário, como uma das forças vivas e sem cessar atuantes da Natureza, como a fonte de uma imensidade de fenômenos até hoje incompreendidos e, por isso, relegados para o domínio do fantástico e do maraavilhoso." (O Evangelho segundo o Espiritismo, tradução de Guillon Ribeiro, 24.a edição, RiO, 1938,)

Vê-se, pois, que, ao contrário das religiões, o Espiritismo recusa o sobrenatural e o milagre.

Os métodos por ele preconizados não são os das religiões e sim os da Ciência:

O Espiritismo gloria-se de adotar a observação e a experiência, e acha que vem sendo "formado gradualmente por sucessivas observações". (Allan Kardec, Trabalho, perseverança, Solidariedade, trad. portuguesa, 8.a edição, 1935, pág. 361)

Como a Física ou a Química, "A ciência espírita compreende duas partes: uma experimental .. e outra filosófica." (O mesmo autor, O Livro dos Espíritos, página 46.)

O Espiritismo (sempre no dizer de seus autores) estuda a alma humana pelos mesmos processos por que Claude Bernard estudou as funções do fígado: através da observação e da experiência.

"De meio século para cá, o estudo da alma passou do domínio da Metafísica e do mero conceito, ao da experiência e da observação." (Léon Denis, ob. cit., pág. 19.)

Mas o que é muito mais categórico do que tudo isso, é a atitude dos mestres do Espiritismo, quando reclamam expressamente para o seu corpo de doutrina o epíteto de delícia. Ouça-se Allan Kardec, nestas passagens em que, como nas subseqüentes:

"O Espiritismo é a ciência nova que vem revelar aos homens, por meio de provas irrecusáveis, a existência e a natureza do mundo espiritual e as suas relações com o mundo corpóreo." (O Evangelho segundo o Espiritismo, pág. 5.)

"Assim tem sido até hoje com o Espiritismo. Formado gradualmente por sucessivas observações, como todas as ciências." (Trabalho, Solidariedade, Perseverança, pág. 361.)

"Depois de havermos exposto em O Livro dos Espíritos a parte filosófica da ciência espírita damos nesta obra a parte prática." (O Livro dos Médiuns, 7.80 ed., Rio, 1914, pág. VIII.)

"O Espiritismo, que alcança graves questões de filosofia, em todos os ramos da ordem social, que abrange ao mesmo tempo o homem físico e o homem moral, é, só por sí, uma ciência, uma filosofia, que não pode ser aprendida em horas, como não o pode ser qualquer outra ciência." <Idem, ibidem, pág. 13,)>

Essa a opinião insuspeita de Allan Kardec: O Espiritismo é uma ciência.

Não menos afirmativo se mostra Léon Denis:

"Faça ela (a ciência francesa) do Espiritismo uma ciência nova, que completa as outras ciências." (Ob. cit., pág. 26,)

"O Espiritismo é a ciência do além-túmulo." (Ob. cit., pág. 30,)

"A essa filosofia, a essa ciência, livre, independente, emancipada de toda pressão oficial, de todo compromisso político, as descobertas contemporâneas trazem cada dia novas e preciosas contribuições." (Mesmo

autor, O Problema do Ser, do Destino e da Dor, trad. port., Rio, 1910, pág. 16.)

O próprio autor do Contrato Social, chamado do outro mundo a opinar, diz textualmente (sob a fé dos espíritas que o invocaram e que lhe propagam as palavras), numa definição que tanto serve para o Espiritismo como para a psicanálise de Freud:

"Creio que o Espiritismo é um estudo completamente filosófico das coisas secretas, dos movimentos interiores da alma, pouco definidos até agora." (Comunicação de além-túmulo de J. J. Rousseau, in O Livro dos Médiuns, pág. 439.)

O Espiritismo, como se vê, procura insinuar-se no quadro das ciências. Ciência que, como as demais, recusa o sobrenatural e o mistério: ciência positiva, que apela para o raciocínio e não para a fé; que quer perscrutar a Natureza através da observação e da experiência; que, evitando a cristalização, o acabado das doutrinas religiosas, espera desenvolver-se e aperfeiçoar-se à custa do estudo. Tudo isso se opõe a que tanto os iniciados como os adversários e até os indiferentes possam considerá-lo uma religião.

Por isso, Camille Flammarion pôde dizer no seu já mencionado discurso à beira da sepultura de Kardec:

"O Espiritismo não é uma religião, e sim uma ciência da qual mal conhecemos o a-bê-cê."

Por isso, ainda, o Espiritismo, em lugar de "templos" em que o coração dos fiéis se entrega sem reservas ao poder sobrenatural de Deus e se impregna dos seus mistérios, possui sucursais mais ou menos idôneas de associados como a Society for Psychical Research, laboratórios científicos em que o cérebro dos estudiosos se aplica, em atitudes de crítica, na observação das mesas girantes, na catalogação dos "barulhos espontâneos", nas investigações sobre o perispírito e os "espíritos glóbulos", na análise das evocações, na interpretação dos fatos de "xenoglossia" ou de "mediunidade animal".

Pouco importa que os espíritas também divulguem e pratiquem certos princípios normativos da conduta humana, extraídos da moral leiga ou da religião: essas noções de empréstimo são para eles tão acessórias como o juramento hipocrático o é para as ciências médicas, ou como a ética profissional dos advogados para as ciências jurídicas.

O Espiritismo não só não é e nem quer ser uma religião, como ainda se coloca de certo modo em oposição ao dogmatismo religioso:

"A Religião só teria a ganhar em autoridade se acompanhasse o progresso dos conhecimentos científicos." (G. Melusson, *Iniciação no Espiritismo*, trad. portuguesa de G. Ribeiro, sem data, Rio, pág. 23.)

E nessa situação voluntariamente procurada, de estudo científico que deseja ser imparcial, objetivo, "livre, independente, emancipado", isento de noções preconcebidas, inimigo do sobrenatural e do mistério, o Espiritismo espera que um dia todas as Igrejas o adotem, como doutrina neutra capaz de convir a quaisquer religiões.

"Aceito e aconselhado por todas as igrejas." (G. Melusson, ob. cit., pág. 23.)

Por não ser uma religião - como se acaba de demonstrar, quer pela análise dos seus caracteres fundamentais, quer pelo propósito expresso dos seus arautos - o Espiritismo não pode reclamar as prerrogativas facultadas pelo Art. 133 da Constituição Federal e asseguradas pelo Decreto paulista nº 6.766, de 11 de outubro de 1934. Poderá, se entender conveniente, pleitear, como "ciência do além-túmulo", o seu ingresso na seção de Ciências Físicas e Naturais da Universidade. Porque, se no dizer de Allan Kardec (*O Evangelho segundo o Espiritismo*, pág. 15), o estudo exige maturidade mental, o Espiritismo não está ao alcance da inteligência das crianças de sete a catorze anos, que freqüentam a escola primária.

Nego, portanto, a autorização solicitada. Oficie-se ao Sr. Delegado Regional de Casa Branca, enviando-se-lhe cópia deste despacho. São paulo, 7 de março de 1938. (a) A. ALMEIDA JÚNIOR

Carlos Imbassahy

RELIGIÕES FILOSÓFICAS

A sobrenaturalidade, o mistério e o dogma o Dr. Almeida Júnior negou a autorização solicitada, pelas razões expostas precedentemente, conforme o parecer que, para maior fidelidade, transcrevemos na íntegra.

Principia o então Sr. Diretor por decidir uma questão preliminar, a de saber se o Espiritismo é uma religião.

E declara que:

"sem entrar no delicado tema da conceituação filosófica de religião, faz notar que nas religiões, em geral, o objeto para o qual se volta o espírito humano é o sobrenatural, " misterioso."

Cita, então, Alfred Bertholet, Encyclopedia of Ihe Social Sciences:

"Qualquer conceito de religião envolve um processo de relações vitais entre a criatura humana e o sobrenatural."

E aí temos o estabelecimento de medidas definitivas só porque um autor e determinada enciclopédia dizem que o conceito de religião envolve um processo de relações vitais entre a criatura e o sobrenatural.

Acha ainda S. S^a que o Espiritismo se coloca, de certo modo, em oposição ao dogmatismo religioso.

Seria pouquíssimo para a providência. Há ainda mais: é que, ao proferir o seu despacho, estava certo S. S^a de que a sua doutrina não abrangia a unanimidade das religiões, visto afirmar que "em geral, o objeto para o qual se volta o espírito humano é o sobrenatural e o misterioso".

Em geral - é como quem diz - comumente, aplicável à maior parte, a grande número; logo, não o é a totalidade; logo, o Espiritismo poderia escapar à medida do emérito administrador.

Fez bem em lançar nas suas razões aquele prudente em geral. Uma das maiores religiões do mundo, tal como saiu do espírito de seu fundador, nada tem do misterioso e sobrenatural, que a Enciclopédia e o diretor perfilham. Referimo-nos ao budismo.

Dizia o Buda: "Não aceito o mundo, como o vejo e o experimento; não aceito a dor, que dele é a lei. Insurjo-me por mim e por meus irmãos. Procurarei o meio de livrá-los e livrar-me a mim. Creio na possibilidade de realizar o empreendimento sem nenhum socorro sobrenatural."

E Alexandra David acrescenta: "Ninguém se pode dizer budista se não pronunciou uma declaração desse gênero.

Quanto à obediência, uma doutrina baseada na pesquisa pessoal da verdade só poderia tê-la por nefasta. Obedecer é uma espécie de morte momentânea."

É tido o budismo como religião filosófica" ou lhe chamam simplesmente filosofia, mas não há quem tenha a coragem de retirá-lo do quadro das grandes religiões.

Também não existe o mistério e o sobrenatural nos princípios religiosos da China.

Floresceram na China vários filósofos. São consideradas as suas doutrinas monumentos de saber e de moral. São elas o guia espiritual do povo chinês. Os livros sagrados, que traduzem o pensamento filosófico dos grandes mestres, dir-se-iam repositórios dos mais belos ensinamentos. Mas, assim dos livros como das doutrinas, surgiram as religiões do antigo Celeste Império.

Por maneira que a religião na China é uma filosofia, ou a filosofia chinesa é uma religião. Ou melhor ainda: naquele corpo doutrinário há uma parte de ciência, uma parte de filosofia, uma parte de religião.

Os chineses se prosternam diante de Lao-Tseu, de Confúcio, de Meneio e de Buda, como os ocidentais diante do Cristo. E ninguém teria a temeridade de excluir dos princípios de fé a moral daqueles Iniciados, sob o pretexto de que nela não se encontra a sobrenaturalidade, o mistério e o dogma, nem excluí-la dos quadros religiosos pela natureza filosófica dos princípios.

No capítulo sobre a religião da China, escreve Serrano:

"Antes de Confúcio já Lao-Tseu, nascido por volta de 600 a.C., ensinava uma doutrina filosófico-religiosa semelhante à de Buda."

Mais ou menos na mesma conformidade do que precede, pensa o escritor italiano, L. Friso:

"Da tempo immemorabile la Cina se nutre del medesimo alimento scientifico e religioso."

O alimento científico e religioso da China são as chamadas doutrinas filosóficas. O autor explica:

"Dois livros contêm a doutrina em que se baseiam as suas crenças e religiões: o Y-King, livro das transformações, atribuído a Fou-Hi, que compreende a metafísica, e o Chou-King, livro dos anais de Ki-Tseu, antigo texto moral, rico de preceitos, de uma casuística mínima, que procurava regular todos os atos da vida pública e particular.

A moral de Chou-King é inteiramente racional, não se apóia em dogmas, mas é superior a todas as doutrinas ateístas ou panteístas, ou espiritualistas, assim como também ao naturalismo supersticioso do vulgo ignorante.

Nesse fundo, desenvolveu-se a filosofia da China, que começa no VI século a. C., contemporânea da filosofia grega da escola de Talete, pitágoras, Xenofonte."

Sobre Confúcio, declara: "Também ele procurou, nos antigos livros religiosos, os princípios da ciência e da virtude.

Depois de vinte e cinco séculos, a China venera ainda e segue os ensinamentos do seu grande moralista, que merece colocado entre os homens que mais contribuíram para a educação do gênero humano. (Che merita di essere collocato fra gli uomini, che piu contribuirono all educazione del genere umano.) Desdenhando-se apoiar nas bases da superstição, só falou em nome da razão, confiando na bondade e na evidência de seus preceitos."

Diz Cantu, comentando um dos admiráveis capítulos de Lao-Tseu:

"Este, só por si, encerra os elementos de uma religião, e não é de estranhar que os sectários de Lao-Tseu, hábeis, como todos os asiáticos, em tirar de um princípio estabelecido todas as conseqüências que dele derivam logicamente, deduzissem um culto e um sacerdócio das doutrinas do filósofo, pois que, se existe um Deus supremo, e as boas ações e o conhecimento que dEle se tem são os únicos meios pelos quais o homem pode alcançar a eterna ventura no seu seio, é evidente que são necessários medianeiros que guiem as inteligências ignorantes e débeis.

Pode dizer-se, usando da linguagem de muitos padres da Igreja e de escritores católicos modernos, que a doutrina de Lao-Tseu, como todas as da Asia com quem tem mais afinidades, são um cristianismo primitivo. De feito, se nos fosse dado traduzir, aqui, todo o Tao-te-King, mostraríamos que nele se contém os princípios fundamentais do Cristianismo, expostos de um modo peculiar à Asia."

Na filosofia de Confúcio, fácil, prática e simples, não entram os conceitos a que se refere a Enciclopédia.

"Ela é essencialmente prática - diz Pauthier impõe ao homem a perfectibilidade, a obrigação de se aperfeiçoar: todos devemos aperfeiçoar-nos por atingir a perfeição ideal, que se encontra realizada no próprio Confúcio, o instituidor por excelência, perfeição que se chama a virtude da humanidade."

E isto é o Espiritismo e Cristianismo.

É ainda o mesmo autor quem assegura:

"O grande fim dessa filosofia, o fim por assim dizer único, era a melhoria constante de si próprio e dos outros."

É o que colima o Espiritismo.

Em nenhum dos livros clássicos onde os chineses receberam os seus ensinamentos de moral e religião, há lugar para aquilo de que trata a Enciclopédia. Nem o Ta-Hio ou o Grande Estudo, nem o Tchoung-Young ou a

Invariabilidade no Meio, nem o Lun-Yu ou Dissertações Filosóficas de Khoung-Tseu, nem o livro de Meng-Tseu se ocupam do sobrenatural, ou do mistério, ou do dogma.

Por se chamarem de filosóficos esses trabalhos, ou filosofias as suas doutrinas, não perdem uns e outras o caráter religioso. Tal é o que se dá em Espiritismo.

Autores de nomeada chamam a essas doutrinas religião, ou filosofia, ou empregam ambas as denominações, e nelas incluem também o budismo, como faz Theodore Robinson.

Este escritor as estuda no capítulo intitulado Religiões Filosóficas: "Notamos - diz ele - que em um sistema Politeista, os homens que pensam têm tendência a destacar-se das crenças e das práticas admitidas, para encontrar uma forma de culto que lhes dê uma satisfação pessoal.

Essa tendência age em duas direções, uma metafísica, outra moral, e duas das mais importantes religiões atuais mostram como esse duplo impulso pode desviar inteiramente os homens da religião, no sentido estrito da palavra, para os Conduzir finalmente a uma fé nova e quase Independente. São o budismo, que conta hoje mais adeptos que qualquer outra religião, e o confucionismo, que está espalhado não só em toda a China, como conta numerosos partidários."

Também na Índia, filosofia e religião se acham associadas. Diz o mesmo autor: "Dans l'Inde philosophie et religion sont officiellement alliées" - e acrescenta:

"Pode-se, sem dificuldade, assinalar uma origem religiosa a certas idéias, e a outras uma origem filosófica, visto que o hindu médio não faz nenhuma diferença entre umas e outras."

Todas essas filosofias que nasceram e se desenvolveram na Ásia, e que foram, se podemos assim dizer, a semente do moderno espiritualismo humano, filosofias que, por sua elevada moral, chegavam a ser equiparadas ao cristianismo puro, são todas elas consideradas de caráter religioso, ou

mesmocomo religiões, por lexicógrafos, filósofos, historiadores, geógrafos e humanistas vários.

Vamos apresentar mais alguns exemplos, para que se veja não se desdoiram os homens de saber, no denominarem religião uma doutrina filosófica a que fogem os dogmas, a fé desarrazoada e cega, o sobrenatural e o mistério.

Diz o Faria, p. ex.: Confúcio (Religião de), Religião da China.

E tratando desse país, na parte que concerne à religião, esclarece: "Há na China três cultos diversos: 1º, o de Confúcio ou dos letrados, que é a religião do Estado e das classes mais elevadas. Este culto reconhece um Ente Supremo; tem templos, mas não tem sacerdotes, porque o imperador é quem desempenha os deveres religiosos em nome de todo o povo; esse culto recomenda especialmente a piedade filial, o respeito à velhice e o culto dos mortos. 2º, o de Tao-Tsé ou razão primitiva, culto da razão, estabelecido 600 anos antes de Jesus-Cristo por Lao-Tseu. 3º, o culto de Buda."

Lemos em Achilles Alves, ao tratar da China: "Civilização. A civilização chinesa, que progrediu menos que todas as outras, malgrado seja uma das mais antigas, se baseava no regime patriarcal. O imperador era chefe do país e pai do seu povo ao mesmo tempo.

A religião dominante é a do confucionismo, que tem por base o culto dos antepassados. O taoísmo ou religião metafísica e budismo ou religião de Fó contam, porém, numerosos adeptos."

Henry Thomas refere:

"O Grã Khan invadiu a China. A civilização chinesa estava-se, então, em seu apogeu. No sétimo século, o Imperador Taitsung, quando visitado por missionários cristãos e muçulmanos, possuía a Bíblia e o Alcorão, já traduzidos para o chinês, lia-os cuidadosamente e julgava que seu próprio conterrâneo Confúcio havia ensinado a mesma religião essencial, cinco séculos antes de Cristo e doze antes de Maomé."

Aí temos os ensinamentos de Confúcio a par dos da Bíblia e do Alcorão, e o filósofo ensinando a mesma religião que fora depois ensinada por Cristo e por Maomet.

E ainda de Thomas:

"O confucionismo é hoje a religião dos aristocratas chineses e dos sábios."

Beuchat e Hollebecque, entre os grandes grupos religiosos inclui o sinismo. E define:

"Sob o nome de sinismo designa-se menos uma religião do que um estado religioso particular dos chineses. Os ritos, as crenças, os ideais de moralidade foram extraídos do budismo e da velha religião nacional, a religião de Confúcio. Qualquer chinês pode ser, ao mesmo tempo, um adepto dos três cultos. De fato, estas três religiões não se distinguem pelos sectários, mas sim pelas diferentes funções que elas desempenham na sociedade."

A julgar pelo que o Sr. Diretor do Ensino, auxiliado pela Enciclopédia, tem como conceitos de religião, ainda outra das mais importantes religiões modernas teria que sair do mapa onde elas se inscrevem.

Aludimos ao islamismo e reportamo-nos a Oltramare, professor da Universidade de Genebra:

"A sublimidade da virtude está no sacrifício do interesse pessoal, pelo bem do próximo, sem pensamento oculto."

"Uma das mais possantes religiões do mundo (une des plus puissantes religions du monde) não conhece, em sua forma verdadeiramente ortodoxa, nem sacramentos, nem sacrifícios, nem sacerdócio, nem monarquismo. Os dogmas que ensina são simples e pouco numerosos; não há mistérios; (pas de mystère); uma idéia vaga e rudimentar de uma forma transcendente de existência. Sua moral é prática e moderada; nenhum ascetismo."

Isso posto, notaremos que essas chamadas religiões filosóficas têm inúmeros pontos de contacto com a doutrina dos Espíritos, hoje codificada por Allan Kardec, com o nome de Espiritismo.

A moral, a grande lei que os Espíritos trouxeram aos homens, fora já inspirada àqueles vultos memoráveis do passado, a quem os pósteros admiram, de cuja sabedoria pasmam, e diante de cujas virtudes se curvam.

Como em Espiritismo, na doutrina de Lao-Tseu, o Criador é a Razão Suprema, e o ser ascende sempre, procura sempre alcançá-lo, até chegar à suprema iluminação.

Ninguém sobe ou progride enquanto está no erro, na injustiça, na iniquidade.

O homem puro só se inquieta com a infelicidade dos outros. É o altruísmo que o Espiritismo prega:

São faltas graves, como no ensino dos Espíritos, o não cumprimento dos deveres, a vaidade, o orgulho, a violência.

Dizia Sócrates: - "Homem, conhece-te a ti mesmo." Outro tanto ensinava Confúcio: - "Não te aflijas que os homens não te conheçam, mas não deixes de conhecer-te a ti próprio."

Também em Espiritismo se manda que nos conheçamos a nós para extirpar de nossos espíritos as imperfeições que lá se encontram.

A doutrina da evolução dos seres, do conhecimento e das virtudes proporcionais a essa evolução já se encontrava nos ensinamentos do filósofo.

Também em Espiritismo se afirma que a criatura se desenvolve pelas virtudes e pela inteligência.

Aquelas o conduzem na senda da moral; esta lhe faculto o saber. E o saber e a moral são as asas que fazem o espírito levantar vôo rápido às altas regiões da espiritualidade.

Na lei de Confúcio preconiza-se a justiça, a equidade, a benemerência; nela se estabelece, do mesmo passo que na doutrina dos Espíritos, a máxima severidade para conosco, para os nossos atos, e a maior benevolência para com o próximo.

Dizia o filósofo: - "Sede severos, para convosco e indulgentes para com os outros."

O filósofo ensinava ainda:

Há três espécies úteis de satisfação e há três perigosas. São as primeiras, a de instruir-se o indivíduo, a de instruir os homens nos princípios da virtude, a de possuir grande número de amigos dignos; contam-se entre as inúteis e prejudiciais a que produz a vaidade e o orgulho, a da ociosidade e a da preguiça, a da fartura e dos gozos.

Declaram, por seu turno, os Espíritos, que é pelo conhecimento, pelo trabalho, pela virtude, pela humildade, que o ser se alcandora às grandes altitudes, entretanto que a ignorância, a indolência, o vício e o orgulho o entorpecem, desmoralizam, infelicitam.

Em suma, como na doutrina do Além, Khoung-Tseu, o filósofo chinês, pautava a norma para com os outros no bem que toda pessoa quer para si.

É a grande máxima, que vemos pregada em todas as grandes doutrinas, máxima que as Entidades Espirituais ditaram a Kardec como imperativo categórico.

Acham-se nos mandamentos do Buda, muitas vezes, *ipsis litteris*, as ordenações da moral espírita. Noutros, guarda-se a distância do tempo, a diversidade da raça, as contingências geográficas.

O Espiritismo é o budismo, ampliado, comentado, esclarecido, ilustrado e provado.

Vamos encontrar ali a roda das vidas sucessivas, que é a reencarnação dos Espíritos; temos lá o carma, o carma inexorável, que é a lei espírita de causa e efeito, ou seja, a remissão da dívida pelo seu pagamento integral: é o sofrimento como causa de libertação; tal como em Espiritismo, pregava o Buda a evolução dos seres, e só havia progresso do espírito, quando ele vence as suas imperfeições; lá a felicidade estava no nirvana, que é a paz espiritual, a perfeita tranqüilidade que os espíritas aceitam.

Diz a moral budista:

"O pecado, no budismo, é uma ofensa ao próprio pecador, pois que o homem, achando-se sozinho, vigiado pelo Rama impiedoso, julgado pelas suas malhas inexoráveis, o que fizer de bom produzirá naturalmente boas reações, o que de perverso praticar, sobre ele mesmo produzirá seus efeitos cruéis. É como diz um sutá: destas más ações por ti cometidas, não serão responsáveis nem teu pai, nem tua mãe, nem teus amigos, nem teus conselheiros; foste tu mesmo que as cometeste, serás tu quem conhecerás os frutos por elas produzidos."

É o que proclama o Espiritismo: o homem é feitura de si próprio. Não é com o pé dos outros ou da divindade que ele caminhará, é com os seus. É o único responsável pelos seus atos, e por eles será feliz ou desventurado. A si próprio compete o seu destino. Ele escreve numa existência a página que terá de desdobrar e ler numa existência seguinte, e nesta própria já colhe os frutos da má semente que plantou.

Lê-se em O Livro dos Espíritos: "As aflições da vida são, muitas vezes, a consequência da imperfeição do Espírito.

Quanto menos imperfeições tanto menos tormentos. Aquele que não é invejoso, nem ciumento, nem avaro, nem ambicioso, não sofrerá as torturas que se originam destes defeitos."

É ainda de O Livro dos Espíritos:

"Interrogamos, aos milhares, Espíritos que na Terra pertenceram a todas as classes da sociedade, ocuparam todas as posições sociais; estudamo-las em todos os períodos da vida espirita, a partir do momento em que abandonaram o corpo; acompanhamo-las passo a passo na vida do além-túmulo, para observar as mudanças que se operavam neles, nas suas idéias, nos seus sentimentos, e, sob esse aspecto, não foram os que aqui se contaram entre os homens mais vulgares os que nos proporcionaram menos preciosos elementos de estudo. Ora, notamos sempre que os sofrimentos guardavam relação com o proceder que eles tiveram e cujas consequências experimentavam; que a outra vida é fonte de ventura para os que seguiram o bom caminho.

Deduz-se daí que, aos que sofrem, isso acontece porque o quiseram, que, portanto, só de si mesmos se devem queixar, quer no outro mundo, quer neste."

E no Evangelho:

"Procura e acharás: trabalha e produzirás. Desta maneira serás filho de tuas obras, terás delas o mérito e serás recompensado de acordo com o que hajas feito."

Quando os Espíritos sofredores se comunicam com os vivos, referem que a vida que tiveram foi inteiramente de desatinos, iniquidades ou maldade. Os bons, os honestos apresentam-se felizes.

Os desgraçados, os miseráveis de hoje foram os perversos, os potentados de ontem. Uma vida é o reflexo da outra. - É o que dizem os Espíritos.

Fica patente, do que acabamos de expor, que o mistério, o sobrenatural, o dogma não são característicos de uma religião, dela não fazem parte essencial, não entram no seu conceito; que há religiões, como tais consideradas, a que geralmente se dá o nome de filosóficas, tal como acontece com o Espiritismo; que aquelas religiões se assemelham a esta em seus princípios, em seus processos, em seus fins; que a moral que elas ensinam é a que é ensinada pelos Espíritos; que, em suma, dir-se-iam todas como que frondes de uma grande árvore.

E se assim é, não sabemos por que negar ao Espiritismo, ou melhor, à sua parte teológica, o nome de religião, quando às demais doutrinas filosófico-morais não é ele negado, retirado ou vedado.

Mas, afinal, bem medido e pesado tudo, vemos que poderá existir também em Espiritismo o milagre, o mistério e o sobrenatural, embora os empreguemos com outras acepções. O que, para vários será um milagre, tem-se como um fenômeno; o mistério é o fato incompreendido, é aquilo que se conserva no domínio das coisas desconhecidas; o sobrenatural é o paranormal, é o fenômeno pouco, mal ou nenhumamente estudado.

Quase que pura questão de nomes.

Deixemos as religiões filosóficas e vamos ao Cristianismo.

Creemos que, sobre o Cristianismo, não haverá dúvida nenhuma de que se trata de uma religião, no sentido lato ou no sentido estrito do vocábulo.

Carlos Imbassahy

O CRISTIANISMO

Folheemos um compêndio insuspeito, visto que é "um manual de instrução religiosa", ou seja, de instrução católica "para uso dos colégios e catequistas" .

Diz o Manual:

"Religião - É palavra de origem latina. a) Vem de relegere, recolher, tratar, com cuidado (oposto de neglerere, deixar de lado, descuidar), porque o homem religioso zela, com máximo empenho e profundo respeito, pelas coisas referentes ao culto de Deus. É a etimologia que dá Cícero; b) outros autores, como Lactâncio, S. Jerônimo, S. Agostinho pensam que vem de religare, ligar, porque a religião tem, como base, os laços que unem o homem a Deus.

A etimologia, aliás, pouco influi. Usamos a palavra religião com diversas acepções: Doutrina. Professar a religião cristã é admitir a doutrina, os ensinamentos de Nosso Senhor Jesus-Cristo: é crer as verdades que nos revelou e observar os mandamentos que nos deu."

Como se vê, por um manual inteiramente infenso ao Espiritismo, religião quer dizer - tratar com cuidado as coisas referentes a Deus, ou então - ligar, ligar os homens a Deus.

Ora, o primeiro capítulo de O Livro dos Espíritos, de Kardec, trata, exatamente, de Deus. Estabelece-lhe os atributos, que são aqueles que apresentam as seitas cristãs.

Estamos aí, portanto, perfeitamente com a cartilha e, enquanto o digno serventuário da Instrução permitia que católicos e protestantes a ensinassem, proibia, do mesmo passo, que o fizessem os espiritistas.

Ainda, pela cartilha, professar a religião cristã é admitir a doutrina, os ensinamentos de Nosso Senhor Jesus-Cristo.

Outra coisa não fazem os espiritistas, em matéria doutrinária, que não seja admitir os ensinamentos do Cristo, nosso Mestre.

Entre os livros básicos da codificação kardeciana se encontram os Evangelhos do Senhor. A Federação Espírita Brasileira inscreveu, entre os princípios que formulou e que foram unanimemente aprovados pelas Sociedades que lhe são adesas, o de que não há Espiritismo sem Evangelho. Estabeleceu, ainda, que o Espiritismo é o Cristianismo, e no frontispício de sua revista se encontra a declaração de que ela é órgão religioso de Espiritismo cristão.

Aliás, se nos fosse dado formular o voto, diríamos que o Espiritismo reúne, sintetiza, condensa e interpreta os magnos princípios de todas as religiões, de que o Cristianismo é a suprema expressão.

Força é convir, porém, que a redação com que foi aceito o princípio é a que se acha nas obras de Allan Kardec.

Como se acaba de ver, não só admitimos como pregamos as lições do Divino Mestre.

Se é religião, como ensina o compêndio católico, professar a doutrina do Cristo; se nós a professamos; se temos como princípio assente que o Espiritismo é o Cristianismo; se ninguém nega que o Cristianismo seja uma religião, não nos parece curial excluir o Espiritismo das religiões ensinadas no Grupo Escolar de Itobi.

De fato, as pedras angulares da pregação espírita assentam na base de granito da pregação evangélica.

É óbvio, para quem conhece os ensinamentos dos espíritos, que eles andam par e passo com os ensinamentos de Jesus.

A lei das vidas sucessivas, que no-la revelam as entidades espirituais, muitos a encontram claramente no Evangelho:

- "Em verdade, em verdade vos digo - explica Jesus a Nicodemos - que não pode ver o reino de Deus quem não nascer de novo."

Depois da decapitação de João Batista, diz ele a seus discípulos: - Elias já veio, porém não o conheceram. E os discípulos compreenderam que se tratava de João Batista.

O Espiritismo proclama a pluralidade dos mundos habitados. Dizia Jesus: - Há muitas moradas na casa de nosso Pai.

Fala o Espiritismo na fé, como capaz de sustentar-nos em todos os embates; dizia o Cristo: -A fé remove montanhas.

O Espiritismo prega o mais absoluto desinteresse material nas coisas sagradas; o Cristo mandava: - Dai de graça o que de graça receberdes.

Prescreve o Espiritismo o maior comedimento e critério nos nossos juízos: estabelecia o Mestre:

-Não julgueis para não serdes julgados.

Ensina o Espiritismo que devemos, primeiro, olhar para as nossas faltas, antes de nos lembrarmos das dos outros; dissera Jesus: - Aquele que se julgar sem culpa, que lhe atire a primeira pedra.

O Espiritismo afirma que todos se salvarão. Disse o Cristo: - Não se perderá nenhuma das ovelhas que o Pai me confiou.

O Espiritismo assegura que as penas são temporárias e de acordo com as faltas. E o Cristo disse: - Os publicanos e as meretrizes entrarão primeiro que vós, fariseus hipócritas, no reino de Deus.

O Espiritismo quer que se amparem os fracos e os desprotegidos; e disse Jesus: - Deixai vir a mim os pequeninos.

O Espiritismo apresenta os fatos como uma demonstração da doutrina; e o Mestre Divino mandou: - ide e anunciai a João as coisas que ouvís e vedes: os cegos vêem, os coxos andam, os surdos ouvem ...

Diz o Espiritismo que o indivíduo é o detentor temporário das riquezas que possui e áduas contas terá que dar conforme o uso que delas fizer. E, mais, que é perigosa a prova da fortuna. E o Nazareno declarava: - É mais fácil entrar um calibre pelo fundo de uma agulha do que um rico no reino dos Céus.

Ensina o Espiritismo que este mundo é um planeta de provas e aqueles que sofrem redimem as dívidas e adquirirão a felicidade. E Jesus clamava: - Bem-aventurados os que choram porque serão consolados.

O Espiritismo prega a humildade, e o Cristo dizia: - Bem-aventurados os pobres de espírito.

O Espiritismo tem como lei suprema a caridade, e ordenava o Mestre dos mestres: - Dai de beber a quem tem sede, dai de comer a quem tem fome, vesti os nus, abrigai os desamparados.

O Espiritismo afirma que temos que resgatar as nossas faltas, e o Mestre proclamava: - Não saireis dali sem pagardes até o último ceutil.

Têm os espiritistas como certo que, assim como fizemos, assim seremos punidos, e o Divino Pregador aconselhava a Pedro: - Mete a espada na bainha, que quem com ferro fere com ferro será ferido.

No Espiritismo se estabeleceu a ordem, como necessária ao progresso, e o cumprimento da lei, como necessária à ordem; e aconselhou o Mestre: - Dai a César o que é de César e a Deus o que é de Deus.

Busca-se em Espiritismo a perfeição máxima, para que nos possamos aproximar do Criador, e o Divino Rabi mandava: - Sede perfeitos como o Pai celestial é perfeito.

Não veio o Espiritismo revogar as velhas e sábias ordenações, assim como o Cristo não veio destruir a lei.

Diz o Espiritismo que teremos o mérito de nossas obras, e o Mestre manda: - Buscai e achareis.

Dá-nos o Cristo uma consoladora esperança: - Pedi e se vos dará; batei à porta e se vos abrirá.

É o exemplo de humildade que o Espiritismo prega, da fé que aconselha, do amor a Deus que preconiza, e que traduz na oração.

Finalmente, os espirítistas procurando criar o ensino espírita, em Casa Branca, o que buscavam, ainda, era a divulgação das leis do Cristo, o cumprimento das suas ordens, quando pedia: - Ide e pregai o Evangelho a toda parte e a toda criatura.

Em Espiritismo, como no Cristianismo, trata-se do destino das almas, e isto é matéria religiosa. Se os Espíritos não vão para determinados compartimentos, dirigem-se, entretanto, a zonas, onde são felizes ou infelizes conforme os rebates da consciência e as faltas que cometeram. É o que diz a Doutrina Espírita.

As religiões oriundas do Cristianismo referem-se a demônios e diabos; as demais têm os seus espíritos, deuses, anjos ou duendes, seres, bons uns, maléficos, geralmente. Em Espiritismo há, mais ou menos, a mesma classe de entidades espirituais: existem, destarte, os Espíritos-guias, e a extensa gama dos obsessores, que nos fazem sofrer e cair.

A tentação é figura essencialmente religiosa; consta dos Evangelhos e, do mesmo passo, faz parte do ensino espírita.

Penas e recompensas numa vida futura existem em diversos livros sagrados. É tema também da doutrina dos Espíritos.

No catecismo católico é ponto de importância as virtudes teologais. Uma delas é meio de salvação na cartilha protestante: sem a fé ninguém vai ao reino dos Céus. Também os espíritas as consignam em sua cartilha; também uma das virtudes é elemento imprescindível de progresso: - [fora da caridade não há salvação](#).

Catolicismo e protestantismo baseiam-se no Cristianismo, difundem os ensinamentos do Cristo, propagam os Evangelhos e o têm como lei suprema. No Espiritismo pensa-se da mesma forma, faz-se precisamente o mesmo: aceita ele o Cristianismo, difunde os ensinamentos do Cristo, propaga os Evangelhos, tem como lei suprema da conduta humana os preceitos do Divino Mestre.

Pois bem! Catolicismo e protestantismo são religiões. Ninguém, absolutamente ninguém o contesta. Agora, o Espiritismo, não!

O Espiritismo não é religião; não pode ser religião; nem mesmo uma parte religiosa lhe admitem e, quando a admitem, pouco valor lhe conferem.

É como pensa o honrado ex-Diretor do Ensino, em S. Paulo, que assim se expressa:

"Pouco importa que os espiritas também divulguem e pratiquem certos princípios normativos da conduta humana, extraídos da moral leiga ou da religião: essas noções de empréstimo são para eles tão acessórias como o juramento hipocrático o é para as ciências médicas, ou como a ética profissional dos advogados para as ciências jurídicas."

Não me parece que as comparações tenham cabimento, ou as não compreendemos.

Como quer que seja, o que é inteiramente inexato é que seja simples acessório toda a moral espírita. Basta dizer que o Espiritismo é a moral. Não foi para outra coisa que os Espíritos baixaram a este plano, senão para trazer-nos um código por onde nos deveríamos conduzir; esse código é a lei do aperfeiçoamento humano.

Não fora a moral espírita e seriam inteiramente inúteis os ensinamentos dos Espíritos.

O que eles pretendem é encaminhar-nos, na senda do bem, para a suprema felicidade. Tal o fim que colimam as revelações.

O fim do Espiritismo é, por consequência, a reforma do indivíduo; logo é essa moral, leiga ou religiosa, que é a parte primordial, a parte essencialíssima na doutrina.

E nunca os princípios normalísticos da conduta humana seriam noções de empréstimo, acessórias como o juramento hipocrático, ou a ética profissional dos advogados, quando constituem eles o Cristianismo, de que o Espiritismo é a continuação, é o complemento, é a seqüência da revelação.

Tem-se o Espiritismo como o Consolador prometido pelo Cristo, o Espírito de Verdade, que nos havia de ensinar todas as coisas:

"Se me amais, guardai os meus mandamentos; e eu rogarei a meu Pai e ele vos enviará outro Consolador, a fim de que fique eternamente convosco. O Espírito de Verdade, que o mundo não pode receber, porque não o vê e absolutamente não o conhece.

Mas quanto a vós, conhecê-lo-eis, porque ficará convosco e estará em vós. Porém, a Consolador, que é o Santo Espírito, que meu Pai enviará em meu nome, vos ensinará todas as coisas e vos fará recordar tudo a que vos tenho dito."

Pois bem, esse Consolador é o Espiritismo, dizem os Espíritos.

Por considerarem os espiritistas, segundo revelaram os Espíritos, que o Espiritismo é esse Consolador, esse Espírito de Verdade, esse Santo Espírito, ou esse Paracleto, o qual nos vinha ensinar, não só o que o Cristo ainda não havia ensinado, como também nos faria recordar os seus ensinamentos já ministrados, é que ficou sendo tido como a Terceira Revelação.

Confirmemos nossa afirmativa. Abramos o Kardec:

"Jesus prometeu outro Consolador, o Espírito de Verdade, que a mundo não conhecia ainda, por não estar bastante amadurecida para compreendê-lo, mas que o Pai enviaria para ensinar todas as coisas. Se o Espírito de Verdade teria que vir mais tarde ensinar todas as coisas é porque o Cristo não revelou tudo; se viria lembrar o que a Cristo disse é porque a esqueceram e compreenderam mal.

O Espiritismo vem, no tempo mareado, cumprir a promessa do Cristo. O Espírito de Verdade preside ao seu restabelecimento, chama os homens à observância da lei, ensina todas as coisas, fazendo compreender o que o Cristo só disse por meio de parábolas."

Folheemos, agora, A Gênese: "Uma importante revelação se processa na época atual; é aquela que nos mastra a possibilidade de comunicação com os seres do mundo espiritual.

Por sua natureza, a revelação espírita tem um duplo caráter; participa ao mesmo tempo da revelação divina e da revelação científica ...

Em uma palavra, o que caracteriza a revelação espírita, é que a fonte é divina, a iniciativa pertence aos Espíritos e a elaboração é o produto do trabalho do homem.

O Espiritismo, tendo seu ponto de partida nas palavras do Cristo, é uma consequência direta de sua doutrina.

O Espiritismo, muito longe de destruir o Evangelho, vem, pelo contrário, confirmá-lo, explicar e desenvolver, pelas novas leis da natureza que revela, tudo o que disse e fez o Cristo; ele traz a luz aos diversos pontos obscuros de seu ensino, de tal forma que aqueles para quem certas partes do Evangelho eram ininteligíveis ou pareciam inadmissíveis, compreendem-nas sem esforço, com o auxílio do Espiritismo e as admitem; vêem-lhe melhor o alcance e podem distinguir onde, está a realidade e onde está a alegoria; o Cristo lhes parecerá maior; não será simplesmente um filósofo, mas um Messias divino."

Como se vê até aí, o Espiritismo é uma revelação, aquela prometida nos Evangelhos e, por consequência, uma continuação do ensino do Cristo.

Prossigamos: Vimos A Gênese, folheemos, agora, O Livro dos Médiuns:

"No Espiritismo, a questão dos Espíritos é secundária e consecutiva; não passa de um ponto de partida ... "

Tratando das diversas categorias de espiritistas, enumera:

"1 - Os que crêem pura e simplesmente nas manifestações ;

2 - Os que vêem no Espiritismo mais do que fatos ;

3 - Os que não se contentam com admirar a moral espírita, mas a praticam e lhe aceitam as consequências. .. São estes os verdadeiros espíritas, ou melhor, os espíritas cristãos. (Ce sont, là les vrais spirites ou mieux les spirites chrétiens.)"

Aqui, como se lê, os verdadeiros espiritistas, que melhor se chamariam espiritistas cristãos, são os que, além de apreciarem a moral, ainda a praticam e lhe aceitam as conseqüências.

No Evangelho, explica Allan Kardec:

"Esta obra é para uso de todos. Dela podem todos haurir os meios de conformar com a moral do Cristo o respectivo proceder.

Quis Deus que a nova revelação chegasse aos homens, por mais rápido caminho e mais autêntico. Incumbiu, pois, os Espíritos de levá-la de um pólo a outro, manifestando-se por toda parte ...

" O Espiritismo veio completar, neste ponto, como em vários outros, o ensino do Cristo, fazendo-o quando os homens já se mostram maduros bastante para apreciar a verdade."

Em O que é o Espiritismo, encontramos:

"Disse tudo o Cristo? Não, porque ele mesmo o declarou: Teria ainda muitas coisas a dizer-vos, não as compreenderíeis, porém, e é esse o motivo por que vos falo por parábolas. O Espiritismo vem hoje completar e explicar o que o Cristo propositadamente tocou de leve."

Da lição dos Espíritos se infere, pois, que a revelação evangélica continua a propagar-se, com o nome, agora, de Espiritismo. O Espiritismo será, sem solução de continuidade, na Doutrina, a pregação do Divino Mestre.

Representa a Terceira Revelação, visto que o Cristianismo é a segunda e a Lei das Doze Tábuas, apresentada a Moisés, é considerada como a primeira.

É o Consolador que o Cristo prometeu, e de que fala João em seu Evangelho; será pois o seguimento dos preceitos evangélicos, com a nova luz derramada sobre eles, luz que lhes não pôde ser trazida naquelas épocas remotas.

Tais preceitos fazem parte do ensino espírita. Assim disseram os Espíritos, assim acreditou Allan Kardec, assim se encontra em seus livros, assim pensam os espiritistas, e assim o dizem por toda parte.

Não seria, portanto, admissível que essa moral evangélica, que essa moral religiosa, assunto principal e constante da Doutrina Espírita, corpo dessa doutrina, como o era da de Jesus, seja uma noção de empréstimo, um mero acessório, à maneira de um juramento hipocrático ou uma ética profissional.

Mais um passo e vamos ver que essa moral é aconselhada, nos livros kardecianos, como o meio único da redenção; que é ela ponto fundamental em Espiritismo.

Abre o Evangelho a seguinte comunicação assinada pelo Espírito de Verdade: "Eu vos digo, são chegados os tempos em que todas as coisas devem ser restabelecidas em seu verdadeiro sentido, a fim de dissipar as trevas, confundir os orgulhosos e glorificar os justos ...

Homens, irmãos a quem amamos, estamos juntos de vós; amai-vos também uns aos outros."

A essa mensagem aduz Kardec esta nota: "A instrução supra, transmitida mediunicamente, resume o verdadeiro caráter do Espiritismo; colocamo-la, por isto, como prefácio."

São de O Livro dos Espíritos os trechos que se seguem:

"Gravitar para a unidade divina, eis o fim da Humanidade. Para atingi-lo três coisas são necessárias; a justiça, o amor, a ciência." (De Paulo, o Apóstolo.)

"Falsíssima idéia formaria do Espiritismo quem julgasse que a sua força lhe vem da prática das manifestações materiais ... "

Como efeitos do Espiritismo, enumera Kardec, em sua conclusão:

"O primeiro e mais geral consiste em desenvolver o sentimento religioso ...

O segundo efeito é a resignação nas vicissitudes da vida ...

O terceiro efeito é o de estimular, no homem, a indulgência para com os defeitos alheios ... "

E mais: ". .. O Espiritismo, com os fatos, matou o materialismo. Fosse este o único resultado por ele produzido e já muita gratidão lhe deveria a ordem

social. Ele, porém, fez mais: mostra os inevitáveis efeitos do mal e, conseqüentemente, a necessidade do bem."

E ainda, a respeito das divergências em Espiritismo: "Notai que os princípios fundamentais são os mesmos por toda parte e vos hão de unir num pensamento comum: [o amor de Deus e a prática do bem.](#)"

E aí temos a que tendem os princípios fundamentais do Espiritismo - os quais se encontram em toda parte, em todo doutrinador e em toda a doutrina - a prática do bem e o amor de Deus.

Resumamos:

Faz parte do ensino dos Espíritos, da doutrina espírita, de sua propagação doutrinária, a declaração de que o Espiritismo é a continuação dos Evangelhos, o Consolador Prometido; que esse Consolador veio confirmar as lições do Mestre Divino, esclarecendo-as naqueles pontos que eram obscuros; que é secundária a questão dos Espíritos, visto que a primária é a moral que eles nos trazem; que os espíritas cristãos, os verdadeiros, são os que admitem e praticam a moral; que nos devemos amar uns aos outros, e que nisto se resume o verdadeiro caráter do Espiritismo; que para alcançar os fins a que a Humanidade se dirige são necessários a justiça, o amor, a ciência; que o que o Espiritismo aponta são os efeitos do mal e a necessidade do bem, e, por fim, que esse bem e o amor de Deus são os princípios fundamentais do Espiritismo.

Como se poderia chamar acessório a tudo isso? Como acessórios os princípios, se são eles fundamentais?

Se o verdadeiro caráter do Espiritismo se resume no "amai-vos uns aos outros", como são acessórios os seus princípios de moral?

Como, sendo o Espiritismo a segunda parte do Cristianismo, o segundo tomo das lições do Cristo, seria a sua moral um acessório? Como, tratando da salvação e até tendo por lema que fora da caridade ela não existe, e declarando que a felicidade do homem consiste no bem, na justiça, no amor, não passarão estes princípios de fórmulas como o juramento hipocrático, e algo à maneira da ética profissional dos advogados?

Do que expusemos, ao que nos parece, se conclui justa e precisamente o oposto.

Pelas leis morais do Cristo, que segue; pela parte do Cristianismo, que representa; pela obrigação que se impôs de divulgar o Evangelho; pelo dever, que mantém, de colocar as leis divinas acima de tudo, como a fonte do progresso humano, o Espiritismo reivindica a parte que lhe cabe no seio das religiões.

Carlos Imbassahy

DAS ORIGENS

Revelação - Raciocínio

O eminente mestre, Dr. Almeida Júnior, baseou algumas de suas razões, num excerto de Georges Dumas:

"A forma pela qual o homem recebe as verdades religiosas é, inicialmente, a revelação, secundariamente, a persuasão, que se dirige, de preferência, à personalidade afetiva: mantendo-se essas verdades no espírito humano, em virtude da crença, alicerçadas na fé. Por isso, o conteúdo subjetivo das religiões é de fundo preponderantemente afetivo e modestamente cognitivo."

Continuando, escudado ainda no autor citado, ensina o catedrático paulista:

"Por isso, como assevera Georges Dumas, *Traité de Psychologie*, II, 208, todas as Igrejas sempre protestaram contra a subordinação da fé ao raciocínio."

Objetaremos a Georges Dumas e ao digno professor Almeida, inicialmente, que as primitivas religiões não se originaram de uma revelação, no sentido teológico do termo, mas do fato. Foi o fato espírita, foi o fenômeno psíquico que encaminhou os homens para as atitudes religiosas.

A primeira idéia de religião surgiu com a idéia do Espírito. Data da aparição dos Espíritos a aparição da religiosidade.

Segundo: se a Revelação entra no conceito moderno de religiões, ou na gênese das religiões modernas, dela não escapará também o Espiritismo, tido como a Terceira Revelação, ou como o Consolador prometido, de que fala o Evangelho.

Finalmente, há ainda equívoco no supor que as Igrejas sempre protestaram contra a subordinação da fé ao raciocínio. Se tal protesto existe, as principais Igrejas não se mostram fiéis aos princípios de seus fundadores.

Mas, tal não há, como provaremos. E teremos, assim, por terra, a opinião de Georges Dumas, ou um dos esteios em que se firmou o honrado Diretor do Ensino.

Vamos demonstrá-lo. Uma grande autoridade em matéria religiosa, o Prof. Oltremare, da universidade de Genebra, ensina na sua obra - A Religião e a Vida do Espírito:

"A l'origine le divin est en quelque sorte diffus. Il est partout: il n'est nulle part chez lui. Des dieux? Non pas, mais des "esprits", sans personnalité, sans attributs, sans nom, qui révelent leur présence de la maniere la plus imprévisible."

"Isto é, originariamente, o divino era difuso. Existia por toda parte. Não havia ainda deuses, senão Espíritos, sem personalidade, sem atributos, sem nome, que revelavam sua presença de maneira imprevisível."

Está patente que, naquelas sociedades inferiores, o que havia era a manifestação de Espíritos inferiores, atribulados, perturbados, incapazes de se identificarem, ou por deficiência do aparelho mediúnico, ou por conturbação espiritual.

E temos, naqueles povos recuados, os sinais, embora primitivos e rudimentares, do Outro Mundo, tais como são eles hoje descritos nas obras de Allan Kardec. E se aqueles deram começo a religiões, também primitivas e rudimentares, os de hoje, iluminados pela luz de uma grande filosofia e observados com os rigores de uma nova ciência, abrem caminho a uma

religião, consoante o século que vivemos, de acordo com a aurora que sentimos despontar.

Segundo de Vesme, nos povos selvagens, ainda os mais atrasados, vêem-se, por toda parte, invariavelmente, as mesmas crenças: espíritos inferiores, fantasmas, etc.

E mais adiante acrescenta o mesmo historiador: "A crença na alma, na sobrevivência, nos Espíritos impõe-se ao homem, quer ele queira, quer não - bon gré, mal gré - independentemente dos seus desejos, pela observação dos fatos. Que foi a observação de tais fatos o que originou no espírito humano a idéia religiosa, concluem, sem sombra de dúvida, os modernos antropologistas, os pensadores, os etnógrafos, os filósofos, todos os que, jogando fora o velho lastro, se aprofundam em tais estudos, com a mira posta em descobrir a verdade.

Folheemos, ainda, o autor citado, que viu sua obra laureada pela Academia Francesa:

"A crença na sobrevivência, nos fantasmas, nos Espíritos, na feitiçaria, encontra-se em quase todos os povos, com uma uniformidade impressionante."

Já Herbert Spencer notava que as crenças eram tentativas de interpretação de fenômenos. Também assim opinava Maxwel:

"Os sonhos verdadeiros produzem-se em estados que a Ciência chama hipnóides, sonambúlicos, transes, êxtases. Eles favorecem certas percepções de ordem instintiva ou supranormal. A origem das crenças religiosas é, talvez, devida a esses fenômenos."

Ernesto Bozzano, O afamado escritor, cuja vida vem sendo dedicada ao mais acurado estudo dos fenômenos psíquicos, declara que a crença no "Espírito" sempre existiu, sempre foi testemunhada e tem sido a base das religiões primitivas.

Escreve o notável filósofo em sua obra - Das manifestações supranormais entre os povos selvagens:

"Basta consultar as obras dos mais eminentes antropologistas e sociólogos para verificar que todos esses autores reconhecem, de comum acordo, que a crença na sobrevivência humana é universal.

E. B. Taylor, em sua *Primitive Culture*, observa que "a fórmula mínima para definir uma religião consiste na crença em entidades espirituais, crença que se encontra nas raças humanas mais atrasadas, com as quais conseguimos entrar em relações bastante íntimas."

Ele salienta, ainda, que a crença em entidades espirituais implica, em seu pleno desenvolvimento, a crença na existência de uma alma sobrevivente à morte do corpo, e prossegue:

"Essa crença é a base fundamental de toda a filosofia das religiões, a partir da religião dos selvagens mais atrasados, para chegar à dos povos mais civilizados; essa mesma crença constitui, aliás, a filosofia mais antiga e mais universal."

Seguindo a mesma linha, poderíamos citar com Bozzano vários e notáveis publicistas, entre os quais, Grant Allen:

"A religião contém, em si própria, um elemento infinitamente mais antigo que a própria religião, mais fundamental e persistente que toda a crença em Deus ou nos deuses; isto é, mais antigo, mesmo, que o uso da propiciação aos deuses e aos espíritos, por meio de oferendas, e este elemento é a crença na sobrevivência dos trespassados. Ora, é nessa crença universal primitiva que se fundaram todas as religiões."

Brinton: "Há religiões, por tal forma rudimentares, que não têm altares, nem templos, nem ritos; mas é impossível demonstrar que haja a uma só que não nos ensine a crença em entidades espirituais, que se comunicam com os homens."

Globet d'Alviella: "As descobertas desses vinte e cinco últimos anos mostraram, de maneira decisiva, que na época do mamute já o homem praticava os ritos fúnebres, cria na sobrevivência da alma."

Powers: "As tribos da Califórnia não têm nenhuma idéia do Ser Supremo, mas crêem na existência de espíritos."

E Huxley: "Há selvagens sem Deus, mas não os há sem espíritos."

Alguns autores de menor tomo, imbuídos, mesmo, das velhas teorias do medo, do pavor, dos sonhos, das sombras, como gênese das religiões, denunciam o fato, ou sejam os fantasmas, na gênese das religiões, embora sem o compreenderem bem. Não lhes passou despercebido que os "espíritos" já povoavam as mentes dos povos primitivos e dos selvagens.

Assim é que, para Lefevre, o animismo admite que todo o bem e todo o mal são devidos à ingerência de Espíritos propícios ou malévolos. Os vícios, as doenças são originados por Espíritos maus que se alojam num corpo vivo.

Não há religião - acrescenta ele - por mais pura que se diga, cujos fundadores e ministros não reivindicam o privilégio de expulsar os demônios.

Demônio, como se sabe, significa Espírito mau, gênio ou simplesmente Espírito.

Verificou esse historiador que, desde prístinas eras, o homem concluiu pelo desdobramento das pessoas durante o sono, pela formação de um duplo, e assim vem mostrar que a existência da alma e sua independência para com o corpo, base da doutrina espírita, já era verificada de longos tempos.

Os fidjeanos e australianos do Sul - é o dotado autor quem refere - para explicar as catalepsias prolongadas, supõem que o Espírito se ausenta durante o sono cataléptico; as almas viajam durante o sono, diziam eles.

Os oldemburgueses acreditavam que os Espíritos voltam, e os tcherimísses costumavam pregá-las junto ao cadáver, provavelmente para que tal fato não se desse. Viu o autor que muitas pessoas se mudavam, apressadamente, depois que morria alguém na casa.

"Naus avons vu de nombreuses peuplades, en Afrique et en Asie, quitter en toute hâte, pour une ou plusieurs années ou pour toujours, la maison du mort."

O autor confessa que o abandono se combina com a idéia de libertação, desembaraço. (Déjà l'abandon se combine avec l'idée de délivrance.)

Os boschimans levavam os cadáveres a uma caverna e fugiam.

Não estão muito distanciados, como se vê, daqueles que se mudam precipitadamente de uma casa, por mal-assombrada, ou receiam os cemitérios às horas mortas da noite, apesar da crença enraizada de que os mortos não voltam.

É que as crenças resistem aos fatos. E aí os temos influenciando nas primitivas idéias religiosas.

Quase nas mesmas águas do escritor acima apontado velejou Reinach:

"A história da Humanidade é a história de uma laicização progressiva, longe ainda de estar concluída. Na sua origem, toda a atmosfera em que ela se movimenta está saturada de animismo. Por toda parte esvoaçam espíritos perigosos, senão malfazejos por princípio, mas que pesam sobre a atividade do homem e a paralisam.

A seleção dos tabus foi um primeiro progresso, mas não foi o único. A Humanidade não ficou passiva em presença das mil forças espirituais de que se julgava rodeada. Para reagir contra elas, para as domar e as acomodar aos seus fins, encontrou um auxiliar em uma falsa ciência, que é a mãe de todas as verdadeiras ciências: a Magia ...

Graças à magia, o homem toma a ofensiva contra as coisas, ou, antes, torna-se, por assim dizer, o diretor de orquestra no grande concerto dos espíritos que lhe zumbem aos ouvidos."

Como se vê, também Reinach reconhece a intervenção dos Espíritos nos fastos da humanidade. Os magos de então chamar-se-iam hoje médiuns. O seu poder sobre os Espíritos, a sua influência sobre eles, ou, pelo menos, a faculdade de lhes servir de intermediários nas suas manifestações, dava a impressão de que os dominavam de maneira espantosa.

O desconhecimento do fenômeno faz com que se desconheça o assunto e, por vezes, o desvirtuem.

O fato ficou um tanto incompreendido. Não nos compete, nem é nosso intuito esclarecê-lo agora. O que temos em mira é deixar firmado o

princípio de que os Espíritos sempre existiram, e, como o afirma a brilhante plêiade de escritores citados, eles se encontram no fundo das religiões, sendo como que o ovo de que se originaram.

Reconhece Reinach que a magia de ontem - ciência ou falsa ciência, ou mãe das ciências -, com que os homens reagiram contra as forças espirituais, ou o animismo de que promana, é o Espiritismo de hoje:

"Sob os nossos olhos, ainda, os tabus tendem a codificar-se em leis razoáveis. O animismo perde o terreno, que lhe é conquistado pela Física, pela Química, pela Astronomia, refugiando-se nos confins da Ciência, no Espiritismo."

Aí vêm, pois. Esse fenômeno, a que se deu o nome de animismo, que se encontra nas primitivas religiões, que se percebe em sua gênese, que evoluiu nas mais modernas, sob diversos aspectos e sob diversas denominações, refugiou-se nos confins da ciência e assume agora, com caráter científico, a figura de uma grande doutrina.

Não se pode, conseqüentemente e conscienciosamente, negar a essa doutrina sua parte religiosa, oriunda de manifestações de Espíritos, quando essa parte se encontra ab ovo nas religiões do passado, quando delas é parte essencial, quando se acha na formação e constituição de quase todas, quando é o característico principal das idéias de que se originou o conceito religioso.

Creemos ter evidenciado, pelo testemunho de grande cópia de pesquisadores, muitos de notável saber, que a crença nos Espíritos dominava entre os povos primitivos e que foi essa a semente do espírito religioso.

É evidente a religiosidade em Espiritismo; ela é baseada na manifestação espiritual; e aquela semente, germinada através dos tempos, floresceu e deu os frutos contidos na doutrina de Kardec, que é a chave, que é a prova, que é a cúpula da lição evangélica.

Revelação, segundo o ensino dos seminários, tem duas acepções: é o ato pelo qual Deus comunicou aos homens os mistérios e os mandamentos; é o conjunto das verdades que Deus nos ensinou,

Segundo Baissac é um ensino de viva voz ou uma inspiração pessoal, que emana de um agente exterior.

Revelação é, enfim, uma mensagem divina transmitida aos homens, por intermédio de um profeta.

Missionários baixaram a este orbe de pecado e sofrimento com a incumbência de trazer-nos a palavra de Deus, ou os seus ensinamentos, ou a sua moral, ou os preceitos pelos quais nos devemos guiar na senda do amor divino e na senda do amor humano.

Foi assim que o verbo se fez carne.

Mas esses mensageiros entraram em contacto com as potências superiores pela vasta gama da fenomenologia espírita.

Diz-se que Moisés recebeu do Criador a Lei das Doze Tábuas; aí, veríamos as manifestações de uma mediunidade vidente e auditiva.

Maomet fundou uma religião do seu colóquio com o anjo Gabriel. O profeta era sujeito a visões e a vários outros fenômenos.

Buda retirou-se para o deserto e lá, no silêncio e na meditação, hauriu as lições que deveriam libertar o homem do desejo e do sofrimento. Temos a mediunidade inspiradora.

Zoroastro recebeu o Zend Avesta das mãos de Ormuzd, no monte Albordjeh, em meio de relâmpagos e trovões.

As religiões oriundas do Cristianismo falam no Espírito Santo, que é o símbolo da inspiração superior.

Temos, pois, ainda aí, o fato psíquico, o fato mediúnico, na base das revelações.

Tal é, sem tirar nem pôr, a gênese de toda a Doutrina Espírita. Em vez de um só Espírito, são muitos os Espíritos que nos vêm trazer as revelações; é

da concordância delas que estabelecemos a Verdade e, por cima de todas, paira a sombra dAquele que no-la enviou.

Essa Verdade vem trazida periodicamente à Terra até que os homens a compreendam, sintam e estimem. Ela promana de Deus, não importa os vasos que a conduzam.

Nem a palavra Revelação faltou à nossa doutrina.

No dizer de Allan Kardec, o Espiritismo foi inicialmente uma revelação, como quer Dumas que o sejam todas as religiões.

Veja-se A Gênese e logo no primeiro capítulo encontrar-se-á o seguinte título: caracteres de la révélation spirite.

É ainda de A Gênese: "Cristo e Moisés foram os dois grandes reveladores, os quais mudaram a face do mundo, e aí se vê a prova de suas missões divinas.

Atualmente, importante revelação se nos apresenta: é a que nos mostra a possibilidade de comunicar-nos com os seres do mundo espiritual."

Desenvolvendo o tema, Kardec refere-se longamente às três revelações e declara: "21. Moisés, como profeta, revelou aos homens o conhecimento do Deus único ...

22. O Cristo, tomando à antiga lei o que é eterno e divino, rejeitou o que não passava de transitório, de puramente disciplinar e de concepção humana ...

30. O Espiritismo, tendo seu ponto de partida nas próprias palavras do Cristo, como o Cristo o tinha nas de Moisés, é uma consequência daquela doutrina."

E é essa a linguagem de seus seguidores:

"... A revelação dos Espíritos é impessoal, universal, escapa à maior parte dessas influências, ao passo que reúne a maior parte de probabilidades, senão de certezas."

Vejamos, agora, se os fundadores das religiões protestam contra o raciocínio.

Principiemos por aquela religião que mais parece pôr o raciocínio de lado e leiamos esse luminar das letras católicas, que é o eminente Padre Franca:

Diz ele, referindo-se à Bíblia, em resposta a Eduardo Carlos Pereira: "Antes, porém, de chegar a estas conclusões dogmáticas, cumpre-lhe resolver um sem-número de dificuldades preliminares. Dificuldades lingüísticas. .. Dificuldades críticas, Dificuldades gramaticais ... Dificuldades exegéticas "

Mais adiante, acrescenta o ilustre Padre: "Na Escritura há verdades que se devem crer e preceitos que se devem praticar; há prescrições locais e temporárias e prescrições perpétuas e universais. Tudo isto deve ser analisado, discutido, discriminado antes de se redigir um simbolo ou formular um código de moral."

Como abstrair do raciocínio em meio ao cerraceiro de tais dificuldades, sendo as Escrituras uma das fontes do ensino eclesiástico?

Se tudo deve ser discutido, analisado, discriminado, impossível abolir o entendimento.

Littera occidit, spiritus vivificat. Para tirar da letra que mata o espírito que vivifica, força é utilizar a cabeça, embora essa utilização seja conferida, apenas, a um pequeno número, na religião católica.

Outro ramo do Cristianismo, o protestantismo, estabelece o livre exame. Aí todas as cabeças devem raciocinar.

Lutero proclamava: "A todos os cristãos e a cada um em particular pertence julgar a doutrina."

E o Padre Franca comenta: "Era a teoria do sacerdócio universal. Todos os fiéis são reis e sacerdotes, senhores absolutos na interpretação das Escrituras, livres de expor e de ensinar a fé."

Isto que é senão o uso franco da razão? .. O próprio S. Paulo a estabelece, quando manda: "[Examinai tudo e escolhei o que for bom.](#)"

Não poderia haver maior poder de síntese na prescrição do raciocínio. E é S. Paulo quem fala.

Buda, o Iluminado, ensinava aos seus discípulos: "Não creais numa coisa, só porque vos hajam dito, nem em escritos de sábios, só porque estes os escreveram; nem em fantasias que se digam inspiradas por anjos; nem em deduções inferidas de alguma fortuita suposição; nem na meia autoridade de vossos mestres e instrutores; **temos que crer o escrito, doutrina e dito quando corroborados por nossa própria razão ou consciência.**"

Breuster, que escreveu a vida de Buda, segundo as escrituras pális, diz, a respeito da doutrina do Mestre: "Em compensação ouvimo-lo também concitar seus adeptos a considerarem bem o valor moral de sua doutrina, antes de a seguirem, e tomá-la a ela e não a ele como mestre, a serem os guias de si mesmos, e não os cegos discípulos de um mestre qualquer."

Como se vê, nem todas as Igrejas e nem todos os seus fundadores pregavam esse servilismo da consciência que o Prof. Dumas tem como um caráter da religião, e em cujas águas navegou, despreocupadamente, o Prof. Almeida.

Carlos Imbassahy

CONHECIMENTO E IGNORÂNCIA

O conhecimento não poderia ser proscrito em religião. Não se acha omitido em muitas mensagens, nem esquecido por muitos mensageiros. Não o vemos proibido por Aqueles que nos trouxeram a luz, não se encontra excluído do ensino religioso.

Da mais remota antigüidade, aconselha-se o estudo, o saber como fonte de progresso. O conhecimento é preconizado como uma necessidade para o espírito nos velhos textos sagrados.

Em quase todos os ensinamentos religiosos se fala no conhecimento.

Citemos as autoridades para validar nossa afirmativa.

A Sra. Annie Besant, reportando-se ao Tao Teh Ching, velho livro sagrado, que significa o Caminho, nome que designava a Realidade única, na antiga religião turaniana e mongólica, livro que ainda hoje é respeitado e seguido na China, transcreve o seguinte relanço:

"O sábio esquece-se de si mesmo e, no entanto, encontramos-lo sempre em primeiro lugar. Trata sua pessoa como se lhe fosse estranha, contudo esta pessoa está protegida. Será por que ele não tem nenhum objetivo pessoal? Sem vaidade, eis por que brilha. Sem pretensão, eis por que o distinguem. Nunca se gaba ou vangloria, eis por que o seu mérito é reconhecido. Sem manifestar arrogância, adquire sempre superioridade. E porque está assim livre de toda a luta, ninguém pode lutar com ele."

No bramanismo O conhecimento é uma das formas de progresso espiritual. O indivíduo precisa saber; o saber é uma das chaves que lhe abrem as portas da redenção:

"O homem é entregue por seus desejos à roda que gira constantemente. Terá que libertar-se pela devoção, pelo aniquilamento dos desejos, pelo conhecimento."

Na velha religião dos hindus a pureza, a inteligência, e, conseqüentemente o saber, têm função essencialmente primordial, na evolução dos seres.

O Vedanta chegava a colocar o Conhecimento acima da Virtude, absurdo que, aliás, não subscreveríamos.

Tomemos, ainda, à Sra. Besant, a seguinte passagem: "O corpo de luz ou corpo radiante dos hinduístas é o corpo luciforme dos neoplatônicos, por meio do qual o homem se eleva até encontrar o ego, que não pode ser percebido, nem pela vista, nem por palavras, nem pelos outros sentidos, nem pela austeridade, nem pelos ritos religiosos.

É pela sabedoria serena, somente pela pura essência, que se pode ver, na meditação, o Único Invisível. Este ego sutil será conhecido pela inteligência, na qual a quintupla vida dos sentidos está adormecida. A inteligência de toda criatura está dominada por estas vidas, mas, quando se encontra purificada, o ego nele se manifesta."

Vemos o saber proclamado como uma virtude na religião de Confúcio. Dir-se-ia que o filósofo, na constante repetição do seu ensino, queria fazer com que ele ficasse seguro na memória dos seus discípulos.

Disse o filósofo: "Homem ignorante e sem virtudes deve esperar grandes males."

"Tornai-vos completamente senhor do que aprenderdes e aprendei sempre de novo, que vos podereis tornar um instituidor."

Disse mais o filósofo: "O homem superior deve aplicar todo seu estudo em formar sua educação."

O homem superior se eleva continuamente em inteligência e penetração; o homem sem mérito desce continuamente na ignorância e no vício.

O amor da humanidade sem o amor do estudo tem por defeito a ignorância ou a estupidez; o amor da ciência sem o amor do estudo tem por defeito a incerteza e a perplexidade; o amor da sinceridade e da fidelidade sem o amor do estudo, tem por defeito a burla; o amor da retidão sem o amor do estudo tem por defeito uma temeridade inconsiderada; o amor da coragem viril sem o amor do estudo tem por defeito a insubordinação; o amor da firmeza e da perseverança sem o do estudo tem por defeito a demência ou a ligação a uma idéia fixa."

O Buda, transmitindo o seu ensino aos Arhats, proclamava:

"O sábio, pela sinceridade, virtude e severidade, transforma-se em uma ilha que nenhum dilúvio pode submergir.

O sábio conserva cuidadosamente o dom precioso da fé e da sabedoria, e são estes os seus maiores tesouros; rejeita qualquer outra riqueza.

Todo aquele que manifesta rancor não pode nunca tornar-se puro, mas quem não sente rancor pacifica os que o odeiam. Sendo o ódio uma fonte de misérias para a Humanidade, o sábio não conhece o ódio."

A ignorância era, para Buda, o maior mal do homem.

"A inteligência é o caminho único que o leva ao conhecimento e assim o conduz até à essência divina."

"Qual é - disse o Buda num dos seus sermões aos monges - qual é o caminho que abre os olhos e o espírito, que conduz à sabedoria, à pacificação, à ciência, ao Sambodhi, ao Nibbana?"

É o nobre Caminho de oito ramificações: a visão reta, a vontade reta, a linguagem reta, a ação reta, a existência reta, a aplicação reta, o pensamento reto, a meditação reta."

A finalidade dos ensinamentos búdicos era chegar à sabedoria e ao nirvana.

Na doutrina de Zoroastro se lê:

"Que há de mais belo no mundo, de mais puro e imortal, de mais brilhante? Tudo o que constitui o bem. Honraremos o bom espírito, honraremos o bom reino, a boa lei, a boa sabedoria. A pureza é o melhor bem. Feliz é, na verdade, o mais puro. Todos os bons pensamentos, as boas palavras, as boas ações são executados graças ao conhecimento. Todos os maus pensamentos, as más palavras, as más ações não são executados com conhecimento."

Proclamava Meneio (Meng-Tseu) que quem desenvolve seu espírito conhece sua natureza, quem conhece sua natureza conhece o Céu.

Disse Camilo que o homem não explica a imortalidade, enquanto não sobe em grau na escala dos seres inteligentes.

De fato, quanto mais esclarecida a inteligência, melhor penetra o Espírito nesses horizontes, insondáveis até agora ao gênero humano.

Quanto maior for o surto da inteligência, maior será o vôo a essas alturas onde se encontram aqueles que vivem na eterna luz.

Quanto mais sobe a criatura, mais se aproxima do Criador, aproxima-se em amor, em virtude, mas também em arte, em conhecimento. Quanto mais se lhe aprimora a inteligência, melhor compreende as belezas que o cercam, melhor percebe a criação.

Quanto maior for o seu discernimento, melhor verá a necessidade de se desfazer dos seus erros, de suas maldades, de seus vícios, de suas más inclinações.

Quanto mais rútila se lhe fizer a razão, maior será a necessidade de se aperfeiçoar, como ensina o Evangelho.

Em suma, o estiolamento da inteligência, a falta de saber, equiparam o homem ao bruto. E fazerem parar as funções do cérebro, onde elas mais precisam de atividade, é conduzir o homem à intolerância, ao fanatismo, que o mesmo é levá-lo às portas da demência.

Pois é isto o que se nos apresenta como elemento de uma religião, e é a isso que se quer reduzir a criatura.

É aquele o ensino que deve ser ministrado, espalhado, tonitruado por toda parte, enquanto se mandam calar as vozes dos Espíritos, incômodas e perturbadoras.

É preciso impedir que, nem de leve, se encrespem as águas do marnel em que deve descansar a nossa consciência religiosa. Nada de alterar o que já se firmou como fonte divina.

Nem razão, nem conhecimento. Não se poderia estabelecer pior programa para a evolução do espírito humano!

Parece-nos ter evidenciado que o principal elemento de uma religião, desde o período em que começa a esboçar-se na mente humana, é o fenômeno psíquico, fenômeno que deu origem, justa e precisamente, ao Espiritismo; que a Revelação, em que se obstinam os opositores, entrou na gênese da doutrina espírita; que foi ainda o fenômeno a fonte em que sempre se inspirou; que dessa mesma fonte promanaram as religiões, assim reveladas como não reveladas; que, finalmente, nas principais religiões se desestima a ignorância, aconselha-se como necessário o raciocínio e se estabelece o conhecimento como processo de evolução.

CARLOS IMBASSAHY

DEFINIÇÕES

Ainda o mistério, o sobrenatural, o sacerdote, o dogma, o não-senso, o rito, o culto, o templo

Muitos acham, a exemplo do Dr. Almeida, que o Espiritismo não cabe entre as doutrinas religiosas, porque não há religião sem o mistério, o sobrenatural, o dogma, a falta de raciocínio, o sacerdote, o ritual, o culto e o templo, como vimos.

Mas tais elementos não entram na definição das aludidas doutrinas, e tal não se daria se fossem eles imprescindíveis.

A encarar, ainda, as religiões por aquele prisma, teríamos que ver muito reduzido o seu quadro e dele excluídas as principais, como já tivemos ocasião de observar.

Para evitar essa dificuldade, diz Reinach que proporia a definição seguinte:

"Um conjunto de escrúpulos, que servem de obstáculo ao livre exercício de suas faculdades."

Explica ele que, havendo múltiplas religiões, há limitações múltiplas também, e sua definição teria a vantagem de eliminar do conceito fundamental de religião tudo o que tínhamos o hábito de considerar como sendo o objeto próprio do sentimento religioso.

De fato, são tantos os aspectos por que devemos encarar uma religião, e tantas as formas religiosas, que não é possível firmar uma regra comum e rígida onde encaixá-las todas.

E se não é possível estabelecer um quadro onde caibam, sem exclusão, todas as doutrinas religiosas, de igual passo não será possível negar a uma delas o título de religião, uma vez que não há modelo inflexível para todas.

A própria origem do termo é causa de debates, e assim tem sido sempre.

Já dizia Nelson: "The origin of the latin world religion has been the subject of discussion since the time of Cicero."

Vemos, entretanto, das definições propostas por autores vários, inda os menos liberais, que o Espiritismo se sente à vontade dentro delas. Outras há que lhe cabem inteiramente.

Baissac empresta ao termo religião um sentido de solidariedade universal.

Poucas doutrinas há, em o nosso minúsculo orbe, onde se ensine e pregue a solidariedade como na doutrina espírita.

Vejamos Léon Denis: "On peut dire que la religion est l'effort de l'humanité pour communiquer avec l'essence éternelle et divine."

Melhor definição não se poderia acolchetar ao Espiritismo, cujo esforço máximo é comunicar com a essência divina, por intermédio de Espíritos Superiores.

Colho em Salomon Reinach várias outras definições:

Para Schleiermacher consiste em um sentimento absoluto de nossa dependência.

É, diz Feuerbach, um desejo que se manifesta pela prece, pelo sacrifício e pela fé.

Kant via na religião o sentimento de nossos deveres, fundados em mandamentos divinos.

A religião, segundo Max Muller, é uma faculdade de espírito que põe o homem em condições de apreender o infinito.

Tylor admite, como definição mínima, a crença nos seres espirituais.

Jean Guyeau introduziu na definição de religião o caráter social.

E ainda, segundo o modo geral por que é encarada, e, no sentido etimológico do termo, é a ligação entre o Criador e a criatura.

Ora, encontramos no Espiritismo a crença de que acima de nós existe um poder supremo que nos rege e a quem devemos obediência: é a dependência de que fala Schleiermacher.

A doutrina estabelece a fé, como necessária a estreitar os laços com as entidades espirituais; o sacrifício das nossas paixões em benefício do nosso progresso; a prece, como um ato de contrição e submissão; e aí temos os elementos exigidos por Feurbach.

Se o Espiritismo estatui a obrigatoriedade de seguirmos os mandamentos divinos, acha-se com a definição de Kant.

Os Espíritos, dizendo-nos que o infinito é povoado de mundos e de seres, e, mais, comunicando-se conosco, põem-nos em estado de percebê-la. Temos, ainda aí, o Espiritismo ajustado à definição de Max Muller.

O Espiritismo é a doutrina dos Espíritos, tanto importa dizer é a doutrina da crença nos seres espirituais. Não poderia estar melhor acolchetada à opinião de Tylor.

É evidente o caráter social que os Espíritos imprimem aos seus ensinamentos, desde que procuram pela reforma do indivíduo a reforma da sociedade. O que eles colimam é a construção de um mundo novo, pela reconstrução deste velho mundo. É a evolução do ser para o progresso geral. E assim não se afasta o Espiritismo do que pensa Jean Guyeau.

Lembra, com acerto, Teixeira de Paula, que muitos se guiam, em matéria de religião, pela influência da religião católica, e, destarte, se afastam do verdadeiro sentido do vocábulo. Transcrevemos suas palavras:

" ... Como a influência da Religião Católica, em grande parte da Humanidade, foi enorme, hoje quase que não podemos perceber o verdadeiro sentido do termo Religião, porquanto mal pensamos, e por muito levemente que seja, em Religião, logo corre e ocorre à nossa mente o nome da Religião Católica, para confusão de idéias e significados. "

Qual é a etimologia da palavra Religião? Cícero queria que fosse a de relegere, Lactância e Santo Agostinho ensinavam que era a de reeligere - escolher novamente.

É de Lactâncio a tirada:

"Hoc vinculo obstricti Deo et religati sumus; unde ipsa religio nomen accepit; non at Cicero interpretatus est a relegendo."

Em fraca linguagem portuguesa, responde assim:

"Somos, por este laço da virtude, ligados e sujeitos a Deus; daí a mesma religião tirou o seu nome, e não de religando, como queria Cícero."

Entretanto vem de Religio onis: união, ligação.

Santo Agostinho disse: Religat nos Religio omnipotenti Deo: A Religião nos une ao Deus onipotente.

Cícero discorre largamente a respeito no seu De Natura Deorum, L. 2 C. 28 N. 72. Deixemo-lo, porém.

Se atentarmos no termo religioso, veremos nele várias significações. Abramos o autor latino Aulo Gélio: aí aprendemos uma lição de Nigídio Figulo:

"As palavras, diz Nigídio Figulo, tais como vinoso, pessoa dada ao vinho, mulheroso, pessoa dada a prazeres com mulheres, religioso, pessoa supersticiosa, numoso, pessoa rica, e outras mais que têm a mesma desinência, indicam excesso ou abuso de alguma coisa de que se trata. Assim, pois, chama-se religioso àquele que se submete ao jugo de uma religião exagerada e supersticiosa, não obstante o termo encerrar uma blasfêmia." (A. Gellii - Noctium Atticarum, lib. IV, capítulo IX, edição de 1843,)

Outro significado dá-lhe Aulo Gélio, como o de - "homem casto e puro, leal observador da regra e sempre ocupado com o cumprimento dos deveres". - (O mesmo, aí mesmo.)

No entanto, hoje, a confusão é enorme. Quando se fala em religioso, a primeira coisa que se pensa é que se refere a um religioso sacerdotal, exclusivamente. Há engano e erro bravo.

"Religioso não é apenas o homem que abraça uma seita sacerdotal, o que está desligado do mundo pelos dogmas de uma Igreja, mas assim todo aquele que é honesto, crente e bom."

Theodore Robinson, a igual dos que estudam a sério o problema que aqui encaramos, acha que o vocábulo religioso é dos que escapam a qualquer definição lógica. Pensa, entretanto, que, se é, por exemplo, difícil definir a vida, fácil será distinguir entre vivos e mortos. O mesmo em religião.

Pode-se ver, assim, que toda religião implica dois aspectos: de uma parte, o objeto adorado para com o adorador; de outra, a atitude do adorador em relação ao objeto do culto. Numa, a divindade se aproxima do homem; na outra, o homem se aproxima da divindade.

E aí teríamos, segundo esse autor, a religião como o laço que une o Criador à criatura.

A aproximação da Divindade junto ao homem chama-se revelação, não importa a forma que possa assumir.

Quanto aos métodos empregados pela humanidade para se aproximar de Deus, são eles múltiplos e variados. Há um termo que convém - o culto.

A prece estaria incluída aí necessariamente. Estabelecendo os aspectos de uma religião, Robinson lhe firma o conceito.

A religião implica um objeto de adoração: Deus; o adorador: o homem. Deus se aproxima da humanidade e a humanidade se aproxima de Deus.

De uma parte, há revelação; de outra, há o pensamento, as formas do culto, a prece, os atos que podem agradar ao Senhor.

Ora, diz-se que o Espiritismo é a Terceira Revelação. E aí teríamos o Criador aproximando-se da criatura.

Também, pelo Espiritismo, o homem necessita despojar-se de suas imperfeições, de seus maus pendores, de seus pecados, ele ora e deve orar em várias circunstâncias da vida: e aí temos a criatura aproximando-se do Criador.

Pelos aspectos que Robinson apresenta, vemos, mais uma vez, o Espiritismo inscrever-se no quadro das religiões.

Chega-se à mesma conclusão folheando-se os léxicos.

Religião - o culto a Deus, e aos santos.

Não escapou a René Kopp que, na questão religiosa, o problema que se impõe é o da origem, do destino, do sentimento da vida:

"S'il existe une question grave et solennelle, c'est bien la question religieuse, puisqu'elle pose le probleme de l'homme lui même: son origine, sa destinée, le sens de sa vie."

Não esquece o autor que, no domínio religioso, os homens não refletem. Nega-se ou se afirma com julgamentos a priori. Qualquer ponto de história ou de filosofia é resultado, sabe-se de antemão pelos princípios que o indivíduo já tem em seu espírito. Se a verdade periclita, pouco importa, ela será desviada, diluída, acomodada de tal jeito, que parece dar razão ao sectarista.

Diante da contradição, levanta-se a cólera, recorre-se ao sarcasmo, à ameaça, à injúria, porque, colocando-se o indivíduo no ponto de vista subjetivo, já não discute com a razão, senão com a sensibilidade. Esta situação não vem de meditações anteriores, mas de influências recebidas. A hereditariedade, a educação, o meio, as sugestões, os vexames, as recordações explicam a orientação do espírito.

A Igreja Católica, compreendendo esse estado psicológico, tudo sacrifica a suas casas de educação. Lá, ela molda o menino como o escultor molda o gesso, a fim de que mais tarde pense conforme ela quer que ele pense.

Quando se trata dos seus padres, desde a primeira idade até à madureza, ela os enclausura e, longe do mundo, da família, de qualquer influência humana, molda-os em uma forma de que eles não saem mais. Inútil esperar que possam pensar por si próprios; a comoção recebida desde a infância é muito forte, o sinete muito acentuado.

Acha, ainda, o citado autor, que os homens, mesmo os cultivados e inteligentes, não possuem a força necessária para encarar o assunto. E desde que sejam obrigados a optar, deixam-se levar passivamente por questões de lugar, de meio, de educação, de ascendência, de sugestões, e nós acrescentaríamos, de interesses.

Tal estado da alma tem perigosas conseqüências, visto que as questões religiosas não são seriamente estudadas. Além disto, cria uma dolorosa e nefasta anarquia moral. Esses graves problemas separam, em vez de unir, desonram em lugar de desenvolver os espíritos e os lançam no fanatismo.

Quando, no meio dos partidos religiosos, o indivíduo procura a verdade, transpondo as barreiras em que está metido, fica logo confuso.

Dir-se-á que a verdade religiosa nos escapa, que ela está fora do nosso alcance.

Tal não se dá.

Se assim fosse, deveríamos negar todas as verificações obtidas por indução e dedução, rejeitar as leis e entidades causais e cair numa abstração inepta.

Quaisquer que sejam os limites do conhecimento, é possível estabelecer o problema religioso, observando a natureza e analisando a alma humana. Pode-se chegar a uma classificação: Há três espécies de religiões, as primitivas, as sociais e as morais.

O autor coloca, entre as primitivas, aquelas de pura miragem e grosseiras superstições; entre as segundas, o confucionismo, o islamismo, o judaísmo; entre as terceiras, o budismo e o cristianismo, os quais apresentam uma sabedoria que deve impressionar o pensador e fixá-lo numa opinião definitiva e motivada. "Buda e Jesus se erguem acima da História como duas muralhas gigantescas. Para não os ver é preciso uma singular irreflexão."

Finalmente, ainda que não se encontre uma verdade sensacional, pode-se ter, no caso, uma exata orientação.

Tais são, em síntese, as idéias do elegante e criterioso pensador.

Das judiciosas observações do professor citado se vê que a religião o que procura é estabelecer a origem, o destino, o sentimento da vida, fim a que também se propõe o Espiritismo.

Os homens, no seu acanhamento de espírito, esforçam-se por conduzir o seu semelhante na trilha da subserviência mental, e desde cedo o preparam para as idéias preestabelecidas, determinando-lhe ao cérebro que não funcione e estiolando-lhe, assim, o raciocínio.

Não é, pois, a religião que lhe veda o uso, são os sectaristas que preparam o terreno para dominar, sozinhos, na vasta extensão do entendimento humano. Têm eles receios de que o raciocínio esclareça as mentalidades e afastem as criaturas dos princípios e práticas que a razão repele. Enclausuram-lhes, então, o corpo, na adolescência, e a alma por toda a vida.

Não é a isso que chamamos religião.

O que pretendemos se restabeleça nos limites da religiosidade não é tão-só o uso de uma faculdade que nos coloca nas altitudes a que temos direito, para diferenciar-nos dos animais inferiores, mas também o estudo de todas as crenças, que certas seitas proíbem, com o mesmo intento egoístico com que proíbem o raciocínio; é a observação de fenômenos naturais, a pesquisa nos domínios científicos, a liberdade, para o indivíduo, de encaminhar as suas idéias para onde entender, de examinar o que lhe estiver ao alcance, de perquirir o que achar mais conveniente, de aceitar o que quiser. Nenhuma imposição, nenhuma restrição à inteligência.

Assim sempre julgaram os Espíritos superiores. Mas, na sua cegueira, incapazes de perceber que ninguém pode obstar aos desígnios de Deus; que, se Ele nos deu a razão, não foi para que a prendêssemos ou a paralisássemos, senão para que a desenvolvêssemos, buscando atingir a perfeição infinita, os homens o que conseguem não é o predomínio absoluto sobre as consciências, como desejam, mas a anarquia moral, a ignorância, o fanatismo, com suas deploráveis conseqüências, tanto no campo material quanto no espiritual.

Tal situação, que será julgada criminosa numa sociedade de pensadores, é a única que se quer aceitar como compatível com o estudo religioso; o princípio da estagnação do raciocínio é o que se deve apresentar aos meninos, quando eles principiam a galgar os primeiros degraus do conhecimento.

Mas, tirante o desuso da razão, coisa que só pode ser aceita em regiões escravizadas e por cidadãos escravizadores, o mais talvez não passe de termos, se reduza a uma questão de termos e se resolva em termos. Trata-se, de fato, de maior ou menor acepção de vocábulos.

Já vimos que o mistério e o sobrenatural poderiam ser substituídos por outras palavras, sem que se lhes alterasse muito o resultado.

Quanto aos ritos, não se poderá dizer que os não tem o Espiritismo. Apenas, na ritualística do espiritualismo moderno, há sempre, ou quase, uma razão para a cerimônia ou o preceito ritualístico.

Quando em uma sessão, mesmo doutrinária, que é a mais simples e de pouco aparato, os indivíduos se reúnem, colocam um presidente à testa dos trabalhos; quando este se faz ladear de médiuns ou quaisquer outras pessoas, conforme as conveniências do momento; quando todos ficam em recolhimento ou se levantam para a prece; quando se designa um médium para o recebimento da comunicação inicial; quando todos observam religioso silêncio durante o recebimento da mensagem, que é tudo isto senão um ritual?

Não será, portanto, por falta de ritos, que o Espiritismo deverá ser excluído da comunhão religiosa.

A adoração de Deus, o respeito aos Espíritos superiores, a sua invocação como Espíritos protetores nos atos espirituais, ou mesmo nas situações aflitivas da vida, não podem deixar de ser formas de culto.

O culto ainda não é motivo de exclusão.

Não o poderá ser também a falta de sacerdotes, Sacerdotes, com ou sem indumento próprio, são todos aqueles que propagam e pregam o bem, a caridade, o amor,

Nem ao dogma, talvez, se fugisse, visto que, para o espiritista, a existência de Deus é ponto fundamental e indiscutível.

Temos o templo. O templo é a casa onde se reúnem os que prestam culto à divindade. Não importa que se lhe chame Igreja, Mesquita, Pagode ou Centro. É sempre o local para onde vão aqueles que acreditam no Criador e que em seu nome se agregam, se unem, se harmonizam.

E que não houvesse o Centro. Temos a natureza: sua abóbada cerúlea é como o teto da nave que habitamos todos, onde Deus reina por toda parte e por toda parte se acha, onde ouve os nossos gemidos, vê as nossas lágrimas, sente as nossas prédicas.

Carlos Imbassay

OS EVANGELHOS

Um materialista nos dirá que a convicção no Novo Testamento, ou mesmo no Evangelho, não tem base sólida.

Firmando-se nas aparências, e pela ausência de provas, mostrar-nas-ia que o depoimento dos evangelistas não passa de lendas. A própria existência do Cristo poderia ser negada, que dela não falam os historiadores, sendo considerada como uma interpolação a referência de Flávio Josefo.

O drama da Judéia, ao que parece, foi ignorado pelos que fizeram o relato daqueles tempos, e as curtas páginas que a ele se referem são tidas como enxerto.

Quem poderá assegurar que Mateus, Marcos, Lucas e João foram os próprios autores dos escritos que se lhes atribuem, e quem dirá que neles se encontra uma narrativa, sem a colaboração dos homens e as alterações do tempo?

O Cristo nada escreveu. Seus ensinamentos foram transmitidos pela tradição. Marcos e Lucas não teriam sabido nada da boca do Mestre; escreveram por

ouvir dizer. Mateus e João só apresentaram os Evangelhos 60 anos ou mais após a sua morte.

Há mesmo quem afirme que os Evangelhos de Mateus e Lucas só teriam aparecido lá para os fins do 1º século, enquanto o de João surgiu 110 anos depois do Cristo: dizem-no as epístolas de Inácio e de Policarpo aos Filipenses. Outros vão mais longe, ainda, como Delafosse, e dão o 4º Evangelho como datando do ano 135.

E assim fica cheia de dúvidas a origem desse Testamento.

Diz-se mais que cada cristão fazia um Evangelho e o ocultava aos outros. Depois, perderam-se os arquivos.

Chegaram a existir 54 Evangelhos. Daí a perplexidade de S. Jerônimo, quando, em 384, foi incumbido de traduzir o Velho e o Novo Testamento, tradução hoje conhecida com o nome de Vulgata.

Ficou ela constituída por trechos antigos, cujas cópias diferiam entre si: tot sunt enim exemplaria quot codices.

Tais dificuldades fizeram com que S. Jerônimo declarasse ao Papa:

"De uma obra antiga me pedis que faça uma nova. Quereis que me torne árbitro entre os exemplares das Escrituras, que estão dispersas por todo o mundo, que diferem entre si, tendo eu que distingui-las, de acordo com o texto grego verdadeiro. Piedoso é talvez esse trabalho, mas também perigosa ousadia ... "

Diante de tão temerária empresa e tão vultoso trabalho, o céptico teria onde meter o garfo.

Conta-se ainda que, diante do elevado número de Evangelhos, não se sabendo como escolher, e sendo difícilimo um ensaio de seleção, colocaram-nos todos num altar, invocaram o Espírito Santo e jogaram-nos ao solo. Rolaram eles ao chão, menos os que já conhecemos.

As Escrituras teriam sido traduzidas do hebraico para o grego, por pessoas nem sempre preparadas para tão importante mister; do grego vieram para o latim e do latim para vários idiomas.

E nessas várias passagens já a crítica descobre motivos de desconfiança.

Dos Evangelhos, os sinóticos refletiriam o pensamento judaico, o de João o pensamento grego.

Há outras correntes: Os Evangelhos considerados apócrifos foram excluídos, porque não convalidavam a doutrina então reinante.

Cada Igreja tinha seu modo de ver especial; a tradição era incerta; os textos se achavam em manuscritos, sujeitos às alterações dos copistas; os pergaminhos seriam frágeis, estragáveis, quebradiços, não resistiam ao manuseio nem à ação do tempo.

Por seu turno, a obra de Jerônimo iria sendo alterada por padres, frades, concílios e papas. Depois, multiplicaram-se as interpretações e, afinal, sob o vacilante pedestal do critério humano surgiram várias religiões com o nome de Cristianismo.

Os críticos não param em sua arremetida: No Novo Testamento intercalaram-se muitos episódios para que se cumprissem as profecias do Velho.

Diz o Evangelho de João que Jesus foi o Verbo; seria patente a intervenção, visto que a palavra lagos, o verbo, era desconhecida dos judeus.

Em Lucas refere-se que Cirênio governava a Síria quando Jesus nasceu; ora, o governador da Síria, ao nascimento do Cristo, era Varo.

S. Mateus fala na fuga para o Egito, que Lucas diz não ter havido.

Não param as ferroadas:

Nas bodas de Caná o Cristo renega sua mãe quando exclama: - Que há, mulher, entre mim e ti?

Jesus desfaz nos seus antecessores, em termos impróprios.

Contribuindo para que dois mil porcos se afogassem, numa terra, aliás, em que era proibido comer carne de porco, Jesus teria arruinado muita gente. Expulsando a chicote os vendilhões do templo, não só comete uma violência, como uma iniquidade, visto que os comerciantes, naquela época,

tinham licença para seu comércio, pagavam impostos e, provavelmente, estavam ali tão inocentes e descansados, como os barraqueiros nas festas de Igreja.

Fez secar uma figueira, que não lhe pertencia, porque a figueira não dava figos, isto em ocasião que não era de figos.

Em vez da paz, veio trazer a guerra. Ele mesmo o disse.

Há ordenanças inteiramente ininteligíveis: "deixai os mortos enterrarem os seus mortos". Em certas passagens o Cristo contradiz-se: "Lázaro dorme .. , Lázaro morreu."

Esta geração não passará sem que aconteça isto e aquilo. .. A geração passou e não aconteceu nada.

Seria falsa a narrativa de que Judas fosse discípulo do Cristo: era um simples oficial do Sinedrim e, como tal, incumbido de prender o Mestre.

Poderíamos continuar por aí além. Mas o que fica basta para demonstrar a incerteza que existe quanto à origem, à autenticidade, à legitimidade dos Evangelhos.

Não se diga que nada se tem oposto àquelas afirmativas.

O Cristo não escreveu coisa nenhuma, é fato. Os originais dos apóstolos perderam-se; também é fato. Escritos num papiro muito delicado, proveniente dos pântanos do Egito, não puderam subsistir. Perderam-se também as primeiras cópias. Mas há, por exemplo, o Codex argenteus, do Bispo Ufilas; é o texto sagrado; e estava em mãos daquele bispo, por volta do 4º século; o texto esteve em Werden e depois foi levado para a Suécia.

Há outros: sobem a mais de dois mil. Citam-se o Codex Vaticanus, no ano 350, mais ou menos, o Cynaiticus, em Petrogrado, hoje Leningrado, se ainda não foi queimado, o de Cambridge, o de Paris ...

Existem antigas traduções: uma chamada Peschittha, descoberta num convento, e que deve datar do século 3º; a Concordância dos Evangelhos, de Taciano, do século 2º; uma versão dos séculos 3º e 2º e outra,

denominada Itala, divulgada na península, na Gália e na África, também lá pelo século 2°.

Não é só: Temos as citações aos Evangelhos, feitas pelos antigos padres e doutores da lei. Lagarde colheu milhares em Sto. Agostinho. O Bispo Irineu, discípulo de Policarpo, por sua vez discípulo de João Evangelista, apresenta umas cem citações.

Já entre 140 e 145 o ateniense Aristides apresentava ao imperador Antônio uma defesa dos cristãos e lhe pedia que lesse os livros sagrados deles.

Recuando no tempo, vamos encontrar o testemunho do filósofo Justino, que, em viagens, de 120 a 140, citava trechos testamentários; o de Basilides, de Alexandria (120-125); o do Bispo Papias, de Hierápolis, e de Quádrato, discípulo dos apóstolos, que se referia a curas de Jesus, o do Bispo Sto. Inácio, devorado num circo.

Há uma epístola célebre, que também se perdeu, a de S. Clemente, Os escritores antigos, porém, citavam-na concordantemente, como Dionísio, de Corinto, que a fazia ler todos os domingos; Irineu, que lhe chamava monumento augusto; Eusébio, que a qualifica de grande e admirável epístola. Referia-se a ela o próprio Bauer, materialista.

Há outra epístola notável, a de S. Barnabé.

Perdeu-se. Mas é citada por Clemente de Alexandria, Orígenes, S. Jerônimo, Eusébio e outros, Pode-se citar ainda a epístola de sto. Eusébio.

Pouca mais há em matéria de provas. Os documentos originais perderam-se; as primeiras cópias também; o que há são cópias de cópias, sujeitas a erros de tradição, de transcrição, de tradução; há, ainda, as suspeitas de interpolação; permanecem todos os percalços da mão do tempo e da mão do homem.

De tudo se conclui que existem, apenas, indícios, começos de provas; nada que indique uma documentação robusta. Aqueles indícios, mesmo, não estão isentos de vulnerabilidade. Podem ser contestados, em virtude da sua vetustez e poucos elementos comprovantes.

Restam os textos indecifráveis, as incongruências, as discordâncias, que se explicam pelas interpretações. Estas, porém, variam de acordo com as escolas, com as Igrejas, com as doutrinas, e até com as opiniões pessoais de cada um; algumas dir-se-iam bem achadas; outras, nem isso.

A variedade é grande; a diversidade de opiniões ainda maior. Nada firme ainda aí.

Surge, porém, uma filosofia de caráter acentuadamente religioso, que alguns fazem questão que seja científica. E nós também.

Por essa doutrina filosófico-religiosa poder-se-ia demonstrar, dentro dos métodos científicos de que lança mão, a origem, a autenticidade, a realidade, o valor dos Evangelhos; poder-se-iam esclarecer os pontos obscuros, os lapsos, os apólogos, as parábolas, os dizeres do Cristo; poderia provar-se a exatidão de tudo que neles se contém. Viria trazer a chave dos enigmas que há tantos séculos preocupam o espírito humano.

Não se trata de suposições, nem de conjeturas, nem de modos de ver individuais, nem de hipóteses. Seria uma demonstração como aquelas que se obtêm por processos de ciência; seria uma prova como se consegue comumente, pelo valor, pela uniformidade, pelo número de testemunhos.

Verificada a existência dos Espíritos, provada a sua comunicabilidade, fácil é perceber que, se de toda parte, de todas as classes, de todos os meios, em todas as épocas, os Espíritos nos falam dos Evangelhos, nos garantem que ali está o ensino do Divino Mestre e nos trazem a explicação dos vários textos sobre cujo sentido se vem discutindo até hoje, teríamos, finalmente, a demonstração tão ansiadamente desejada.

Pois é precisa e justamente o que acontece. A prova evangélica está sendo feita pelos Espíritos, pelo Paracleto prometido nos próprios Evangelhos.

O valor dessa prova é incalculável. Ele é imenso para o progresso moral da Humanidade. É a certeza da palavra do Cristo; é a convicção de que são verdadeiros os seus ensinamentos; compreenderíamos que haveria outro rumo a tomar, que não aquele que temos seguido até agora; que deveríamos

abandonar esse mar de lágrimas e de sangue em que nos debatemos, desde o começo da vida; que a trilha certa é a da solidariedade universal.

Desapareceriam todas as desgraças que pesam sobre o planeta, com a reforma dos nossos espíritos; não mais os vícios, que estragam o caráter e arruinam o corpo; não mais a insaciabilidade dos apetites; não mais o egoísmo grosseiro, que faz desprezemos os fracos e indefesos; não mais os atentados aos direitos do próximo; não mais o orgulho, que não nos deixa ver a nossa pequenez; não mais o interesse desmedido, que nos leva ao crime; não mais as paixões tumultuosas que conduzem à demência; não mais as vinganças, que perpetuam as inimizades; não mais as desarmonias domésticas e as convulsões sociais; não mais o flagelo da guerra, esse delito inominável, essa insânia dos tiranos e desalmados, esse ato de loucura coletiva, essa manifestação de insensibilidade moral, da mais estúpida barbaria, da mais revoltante indiferença pela propriedade, pela liberdade e pela vida, que leva a desventura a todos os lares e a miséria a todos os povos.

Não mais essa guerra que os fortes provocam para humilhar ou espoliar os fracos.

O Espiritismo viria trazer a prova das asserções religiosas que correm mundo.

Seria a implantação da fé sob os auspícios da Ciência. É o maior patrimônio dos seres; é a reconstrução de um majestoso monumento. Será a Igreja de cuja cúspide se apontará às criaturas a estrada do Criador.

Mas, esta não. Isto nunca! Não serve: - não é uma religião. Não é uma religião como alguns convieram que seja uma religião.

As que valem são as outras, as que existem com esse nome, ou aquelas a que deram esse nome, embora não correspondam aos ensinamentos, às prescrições dos Instrutores.

Nelas nada se prova; pensa-se pela cabeça de outro, crê-se no que se manda crer; embrutece-se o espírito, trata-se de abolir a razão, escraviza-se o pensamento, enchem-no de dogmas, de inutilidades, de superfluidades,

de absurdos, de mistérios, de textos impenetráveis e irreconciliáveis; ordena-se a fé cega, a impassibilidade mental, a obediência servil; enche-se a vida de um cerimonial inútil, de um ritual sem significação; impõem-se sacrifícios penosos, um culto complicado, uma série de atos, incômodos uns, ridículos outros, dispendiosos quase todos.

Religião é isto. Isto sim! Isto é que deve ser divulgado, ensinado, proclamado.

Esta é a teoria vigente. E vemo-la patrocinada por pessoas de alta projeção.

CARLOS IMBASSAHY

O ESPIRITISMO ENTRE AS RELIGIÕES

As religiões aparecem no mundo, ou pela palavra de um profeta ou pelo verbo da natureza.

O profeta é o missionário divino encarregado de espalhar as verdades eternas, que devem conduzir o homem ao bom caminho; a natureza é o livro constantemente aberto e francamente acessível, mas lido unicamente pelos que sabem ler. É a verdadeira Bíblia, a Bíblia que não falha, não engana, não erra.

O Espiritismo tira suas raízes dessas duas grandes fontes do saber religioso.

Com base em dados históricos, podemos assegurar que as grandes religiões, em seus princípios fundamentais, são uma verdade como a ciência. E se esta estabelece as suas leis por métodos seguros de indagação, aquelas enunciam os seus axiomas por um processo especial; esse, quando não vem da experiência, desce diretamente à alma, como raio projetado do seio de Deus.

Isto posto, podemos estabelecer diversos princípios:

As religiões são como galhos de um mesmo tronco, e que têm por fim levar as flores da paz, da concórdia, do amor a todo o gênero humano.

Falham à sua missão as que favorecem a cupidez, estimulam o egoísmo, alimentam o erro, promovem a desarmonia, fomentam o ódio, abençoam a guerra.

O Espiritismo é um desses galhos, e o que nos parece mais frondoso, diante dos seus postulados categóricos do mais absoluto desinteresse, do mais abnegado altruísmo, do mais irrestrito amor pelo próximo; **diante do seu lema de que fora da caridade não há salvação.**

O Espiritismo tem, pois, um lado religioso, visto que nele se ensina e prega o que pregam e ensinam as outras religiões.

Sendo os seus mandamentos hauridos, tanto na inspiração, como formados pela observação e pela experiência, pois que o que divulga é fruto da lição dos fatos, e é ele iluminado pelos clarões que vêm do Alto, o Espiritismo, nunca é demais repetir, toma o tríplice aspecto de ciência, filosofia e religião.

Religião, não veio para combater as demais, senão para difundi-las, para esclarecê-las, escoimando-as do escalracho que os homens, na sua miopia, no seu atraso, lhe deitaram.

É o Espiritismo, a nosso ver, por consequência, uma como síntese de todas as religiões, que as interpreta, ilumina, dá força e divulga.

Nele se enquadra o Cristianismo, o Cristianismo do Cristo, incumbindo-lhe, entre outros imperativos, o de trazer o amor, o amor em toda a sua amplitude, o amor divino e o amor humano, até onde for possível levá-la e quaisquer que sejam os sacrifícios que se imponham para o fazer.

O Espiritismo é, em suma, a reprodução dos planos do Criador, através dos tempos e através do Espaço.

CARLOS IMBASSAHY

DOCTRINAS E DOCTRINADORES

MOISÉS

Há quatro mil anos, Moisés recebeu no Sinai as Doze Tábuas da Lei.

Na sua simplicidade, elas representam um valioso código.

Limitamo-nos a lembrá-las, porque não há quem desconheça os mandamentos da lei de Deus.

Além de médium, Moisés era legislador e homem como os demais.

A grande lei, diz ele, foi transmitida diretamente por Deus. Mas, conhecidos, como hoje se conhecem, os fenômenos psíquicos, logo se percebe que um Espírito elevado foi o mensageiro daqueles mandamentos, que o profeta transmitiu à posteridade com as falhas infalíveis do crivo humano e os acréscimos que a época lhe impunha.

Quem diz médium diz apenas o indivíduo que tem faculdades supranormais, ou seja, o dom um tanto complexo, um tanto difícil, um tanto misterioso, de perceber vibrações, que não as comuns, de poder debruçar-se sobre as janelas do Infinito e divisar o que por lá vai: ou os deslumbramentos dos Espíritos de luz, ou os horrores dos Espíritos de treva.

Mas, um médium é um médium simplesmente, e erra quem dele fizer um santo; assim, por baixo das suas invejáveis qualidades mediúnicas, ocultase o barro, cheio das impurezas da espécie, impurezas que, através de sucessivos avatares, vieram até ao homem, transmitidas de longe, como poeira que o vento do progresso não consegue fazer baixar, nem a noite dos tempos pôde fazer esconder.

Moisés médium, Moisés profeta, ainda possuía a rudeza desse barro humano, e daí o rigorismo de sua legislação, a aspereza de suas ordens, a inflexibilidade de seu caráter, a violência de suas ações, que tudo estava a denunciar a nossa fragilidade, como se à exceção de Jesus e poucos,

pouquíssimos além dEle, devessem participar de um contágio universal todos os que pisam o solo impuro, malsão e inóspito do nosso planeta.

Sem poder compreender ainda esta parte, os crentes não distinguem entre as duas conchas onde se encerram os ensinamentos bíblicos; recebem-na inteira, a Bíblia, como um testamento, como inconsútil mensagem do Alto, e emprestam-nos, como a palavra infalível de Deus, os conselhos temíveis e muitas vezes escabrosos que se encontram no livro sagrado; dizem-se ações divinas as lutas, as guerras, as matanças, quais as promovidas pelos sátrapas, pelos ditadores, pelos truculentos de todos os tempos.

E vemos, então, lado a lado, no livro de Deus, este fato extraordinário, páginas cheias de amor, páginas cheias de fel; é o humano e o divino de par em par, é a esfera bivalva onde todos nós nos agitamos, nessa carreira interminável para o Infinito, para o Alto; mas lá chegaremos, e as páginas rubras irão esmaecendo, até tomarem essa cor pálida, poética, sublime, do céu que nos envolve.

Já um padre católico, l'Abbé Drioux, nos diz:

"É preciso distinguir, com S. Tomás de Aquino, na lei de Moisés: as leis morais, as leis religiosas, as leis políticas, as leis civis.

Ao lado dos preceitos morais há no Pentateuco as outras leis. Elas regulavam as relações dos cidadãos, a maneira de adquirir e transmitir a propriedade, deveres do cidadão, constituição da família, a sorte dos escravos e servidores, impostos, formação dos exércitos, direito da guerra ... "

Até aqui o Padre Drioux. Como se vê, isto não tem nada de transcendental. E custa-nos crer venham verticalmente de Deus disposições que impliquem a manutenção da guerra e a manutenção de escravos.

Há quem diga que todo aquele aparato bélico da Bíblia, principalmente o do Deuterônomo, é um simbolismo. É preciso, pois, interpretar, num domínio religioso, em que é vedado o uso do raciocínio.

Como quer que seja, trata-se de uma interpretação pessoal, que cada um dá a seu gosto e que nós aqui não temos gosto nenhum de dar.

Mas - e é o que queremos deixar patente - já há quatro mil anos vinha ao mundo, nas tábuas moisaicas, a lei do Senhor.

Era a primeira revelação conhecida do Ocidente.

Carlos Imbassahy

BRAMA

Há muitos séculos, floresceu na Índia uma religião, que ainda hoje se mantém com o nome de bramanismo.

As suas máximas, umas confusas, outras incompreensíveis, quase sempre redundantes e prolixas, deixam atônitos os que não estão acostumados ao estilo oriental, mormente ao estilo sagrado daqueles recuados tempos.

Existem ensinos, entretanto, que vêm confirmar a opinião dos que, como nós, acreditam na constante intervenção divina, no intuito de conduzir os homens a melhores destinos.

Em meio aos elevados mandamentos, há a ganga humana, mais ou menos ali encaixada por interesse e ignorância, e daí, por vezes, as enormes discordâncias que notamos na obra religiosa, com seu cortejo de incongruências, senão de dislates.

Vejamos, porém, as obras-primas da literatura hindu.

No Bhagavad-Gítâ se recomenda intrepidez, limpeza de vida, firmeza na sabedoria, filantropia, autodomínio, sacrifício, austeridade, retidão.

Pede-se mais a inofensividade, a verdade, a ausência de cólera, a placidez, a ausência de tortuosidades, a compaixão para com todos os seres vivos, a ausência de cobiça, a brandura, a modéstia, a constância.

É quase toda a moral humana em dois versículos.

O Prasada, também da Índia, ou o poema dos poemas, atribui a Krishna uma série de máximas que, segundo Jacolliot, estabeleceram, de maneira indiscutível, a influência moral e religiosa no mundo antigo e moderno.

Entre elas notaremos algumas de grande relevo:

"Quando morrermos, nossas riquezas ficarão em casa, mas nossas virtudes e nossos vícios, nossas boas obras e nossas faltas seguir-nos-ão em a outra vida."

"O sábio apresenta o mesmo semblante, assim na adversidade como na prosperidade; não se deixa abater por aquela nem orgulhar por esta."

"O melhor remédio a todos os males, a todos os sofrimentos, a todos os pesares é a virtude."

"Quem trabalha com perseverança não sofrerá a fome, quem se entrega à meditação não cometerá grandes pecados, quem for vigilante nunca será apanhado desprevenido, quem ama o próximo possui todas as virtudes."

"O orgulho, a arrogância, a avareza, a crueldade, a cólera, o tédio, as paixões vergonhosas, eis os vícios que tornam o homem desprezível; a constância, a resignação, a humanidade, a doçura, a compaixão, a ação de retribuir o mal com o bem, o amor do próximo, a temperança, a probidade, a pureza, a repressão dos sentidos, a fidelidade conjugal, a veracidade, a bondade, o estudo das Santas Escrituras fazem o homem honesto e estimável."

"Da mesma forma que o leite nutre o corpo e a intemperança causa doenças, assim a meditação nutre o espírito, enquanto a dissipação o depaupera."

"Poderíamos descer ao Naraca, estabelecer nossa morada no seio de Brama, ou no paraíso de Indra, precipitar-nos nos abismos do mar, subir ao cume das mais altas montanhas, ir habitar os mais pavorosos desertos, meter-nos nas entranhas da Terra, afrontar o perigo dos combates, residir em meio aos mais venenosos insetos, e não transformaríamos o nosso destino; não deixa de acontecer-nos o que não está em nosso poder evitar."

"É preciso renunciar às riquezas e aos prazeres que não forem aprovados pela consciência."

"Os males de que afligirmos o próximo perseguir-nos-ão como a sombra segue o corpo."

"As obras que têm por princípio o amor do seu semelhante devem ser ambicionadas pelo justo, porque são as que mais pesarão na balança celeste."

"O que é humilde de coração e de espírito é amado de Vishnu."

"Assim como o corpo é fortificado pelos músculos, a alma é fortificada pela virtude."

"A ciência é inútil ao homem sem juízo, assim como um espelho a um cego."

Os mandamentos de Krishna aos seus sacerdotes ainda são mais severos e rígidos.

Em todos eles se resume a moral universal. Segue-os de perto a lição dos Espíritos, quando nos recomenda a prática das virtudes, porque estas é que são o patrimônio da alma; quando estabelece a resignação e a calma nos bons e maus dias: quando enumera aquilo por onde nos devemos nortear - o trabalho, a constância, a bondade, a pureza, a docilidade, o bem, e este, ainda quando nos façam mal.

Há alguns princípios que se diriam repetição dos espiritistas, como o de que não podemos fugir ao destino; e isso assentaram os Espíritos porque é esse destino o resgate de nossas faltas ou a recompensa de nossas boas ações; - o de que a ciência nada vale nas mãos dos que a não sabem utilizar; o de que as nossas mafeitorias nos perseguirão; o de que a meditação nos é necessária, sabendo-se que é ela, entre os espiritistas, com o nome de concentração, o meio de comunicar-nos com guias e benfeitores.

E o que se dá com o Espiritismo se verifica para com os Evangelhos; há no bramanismo, ou nos seus velhos livros, preceitos idênticos, no fundo e às vezes na forma, aos de Jesus:

"Toda planta que não plantei perecerá ... "

"Todo pensamento que não vier de mim é amaldiçoado ... "

"Não haverá para ti uma pedra onde repousar a cabeça "

" E Krishna respondeu: Que seja feito como desejam, porque disse o Veda:
- Aquele que conhece a lei não deve ocultá-la aos outros."

"Mas, sabei-o, esta palavra nada valerá sem as obras; ela, somente, não vos salvará do Naraca, porque é pelas obras que sereis julgados."

"Mas, sabei-o: -- Ninguém chegará ao seio de Brama somente pelas preces; só as boas obras amenizarão as vossas faltas, e entre aquelas as mais meritórias serão as que tiverem por móvel a caridade."

"Nossa mãe deve ser a verdade, nosso pai a justiça, nossa mulher a comiseração, nossos amigos a deferência para com os outros: esse parentesco sustentar-nos-á na vida e nos indicará o caminho reto."

Todos esses pensamentos estão de conformidade com as palavras do Divino Mestre:

- Toda planta que o Pai não plantou morrerá;
- Eu sou o caminho, a verdade e a vida;
- O Filho do homem não tem onde repousar a cabeça;
- Colocai a candeia bem alto, acima dos telhados ...

Ali se diz, como o Cristo, que o pai, a mãe e os parentes são os que fazem a vontade do Senhor; que pouco vale o bater de peitos e o dizer: - Senhor, Senhor - se não são ditados pelos sentimentos e acompanhados das obras; ali, enfim, se proclama a Caridade, essa que fazia distinguir aos olhos de Deus os que lhe deviam ficar à esquerda e à direita; essa caridade, sem a qual, para a doutrina espírita, não há salvamento.

O bramanismo, enfim, ensina a reencarnação.

Sua filosofia sobre a existência assenta na peregrinação das almas através das vidas sucessivas, onde elas colhem o fruto de suas ações, se depuram, se elevam, se divinizam.

CARLOS IMBASSAHY

ZOROASTRO

De longos tempos, talvez imemoriais, Zoroastro ou Zaratustra, fundava uma religião na Pérsia.

Não se sabe ao certo quando viveu, nem quando legislou. Inspirava-se no deserto, na solidão. A base da sua doutrina era a grande luta entre o bem e o mal, vivendo as criaturas influenciadas por bons e maus Espíritos.

O homem é livre em suas ações - já Zoroastro pregava o livre-arbítrio - o homem é livre, mas se vê sujeito às influências das forças do mal.

Conservando a ação, a palavra, o pensamento puros, afastava-se do mau Espírito e se aproximava do bom. Devia conservar limpos o corpo e a alma.

Era contra, portanto, a imundície física dos fanáticos.

Na morte, cabia-lhe um lugar que estava em relação com o que praticara em vida. Os atos do homem, na vida, iam determinar a sua situação na morte.

A religião de Zoroastro, afirmam os historiadores e mitólogos, tinha leis morais de extraordinária elevação.

Diz D. Ester Ferreira Viana que na vida desse fundador se encontram contactos positivos com a vida de Jesus, mostrando, assim, que todos os reformadores trabalharam sempre dentro das leis do mesmo Deus-Único."

Há quem afirme que Zoroastro nunca existiu; mas, do Zend Avesta e dos hinos antiquíssimos que vieram até nós, se vê que ele não era um mito, mas um homem que, a igual dos grandes profetas, ou, pelo menos, dos seres de envergadura moral, muito lutou e sofreu.

[Segui o bem, fazei o bem, pensai no bem, assim falou Zaratustra.](#)

Carlos Imbassahy

JEREMIAS

Seiscentos e cinqüenta anos antes do Cristo, viveu em Jerusalém o profeta Jeremias. Sua história, diz um narrador, "é espantosa por sua grandiosidade" .

Desde jovem tomava ele o lado dos oprimidos contra os opressores, opunha-se às cerimônias ocas, às fórmulas inúteis; propugnava ardentemente pela justiça; era um batalhador da paz.

Tinha visões e audições medianímicas, onde recebia alento e conselhos.

Pregou contra a tirania, a veniaga, o homicídio. Quando a casta guerreira de Jerusalém levantou o estandarte da guerra e aconselhou o rei a rebelar-se contra Nabucodonosor, Jeremias ergueu a sua palavra, clamando pela paz e profetizando a ruína dos seus e de sua terra, se não a mantivessem.

Mas, as vozes do homem de bem apagaram-se ante a trama dos Espíritos do mal. A Palestina lançou-se contra a Babilônia, e Nabucodonosor cercou Jerusalém. Jeremias, o profeta da paz, continuava a pregá-la e aconselhava um pedido de armistício.

Lançaram-no em cárcere imundo, donde o rei o tirou depois.

Ainda assim, como não emudecesse o seu verbo inspirado, jogaram-no, então, em um poço; não devia morrer, porém, e foi salvo por um escravo.

Afinal, destruída Jerusalém, como ele previra, quiseram os vencedores enchê-lo de honrarias, mas o velho profeta renunciou à fortuna que lhe ofereciam e seguiu seus conterrâneos na triste sorte que os aguardavam.

Foi de ânimo sereno para a servidão e para a morte, assim como, serenamente, resistira à tirania e à opressão.

Tal é a sorte dos que querem, dos que pregam a paz.

CARLOS IMBASSAHY

O BUDA

O Buda apareceu 50 anos depois de Jeremias.

Seu nome era Sidarta Salda Muni Gautama. Nasceu na Índia, "às sombras do Himalaia".

Filho de um rei, com uma beleza impressionante, era o favorito das jovens e da fortuna. Nada lhe faltava; nem a riqueza, nem o conforto, nem a glória.

Percorrendo o país, começou a encontrar os mendigos, os enfermos, os desditosos. Confrangeu-se-lhe o coração, e, certa noite, deixou o seu palácio, no esplendor de uma festa, para compartilhar a sorte dos desgraçados.

No trato dos infelizes e no trato da natureza, é que recebeu a doutrina que deveria formar uma religião.

Insulava-se para pensar, e o grande código de filosofia e de moral, que é hoje o budismo, foi inspirado no recolhimento, no insulamento e no sofrimento. Passou a ser o Buda, o Esclarecido.

Começou por combater as superstições e os sacrifícios. A seus discípulos nada ensinou sobre Deus, porque eles não podiam formar de Deus uma idéia justa e precisa. Mas declarou que a alma renascia constantemente até à completa depuração de suas impurezas. Liberta do cárcere corporal, iria para o nirvana, que é a completa tranqüilidade do Espírito.

Toda a miséria humana - pregava o Iluminado - vem de nossas ambições egoísticas, que é o desejo sempre insaciável. Deu ao seu povo, como Moisés, dez mandamentos. O 1º e mais importante era este: - Não destruirás a vida sob forma alguma. Foi esta a pedra angular de sua doutrina.

Conta-se que durante sete dias passara em meditação. E dizia consigo: a Humanidade vive no turbilhão do mundo, difícil lhe será entender o encadeamento das causas e dos efeitos, e mais difícil, ainda, compreender a entrada no repouso, o desprendimento das coisas da Terra, a extinção da cobiça, a cessação do desejo, a paz, o nirvana ...

Se eu ensinar este "dhama", que ninguém poderá perceber, terei, apenas, como resultado, a fadiga e o esforço inútil.

Foi quando Brama Sahampati lhe disse: - Há muitos seres cuja visão mental está obscurecida por um véu; se não ouvirem a pregação do "dhama" não se poderão salvar; esses o compreenderão.

Por três vezes falou Brama.

E o Bem-aventurado, considerando o mundo com seu olhar de Buda, viu seres cuja visão mental estava obscurecida, uns por ligeiro véu, outros por teia espessa; seres de espírito vivo e seres de espírito obtuso; animados de boas disposições e de más disposições, bons e maus ouvintes. Alguns alcançavam os perigos da vida futura e os do pecado.

Assim como em um lago de lótus azuis, vermelhos ou brancos, os nascidos e crescidos na água não emergem e ficam ocultos, enquanto outros se erguem até à superfície; e outros, enfim, pairam acima dela, sem por ela serem molhados, assim o Bem-aventurado viu seres de visões diferentes e disse: "Largamente aberta a todos os ouvintes está a porta da eternidade; que aqueles que têm ouvidos ouçam e acreditem."

Então Brama Sahampati deu a volta ao Bem-aventurado, deixou-o à direita e desapareceu.

Destarte o Buda resolveu esclarecer os homens.

O budista, para palmilhar o nobre caminho ou o Ariamaga, deveria: não roubar, nem mesmo para saciar a fome; não ter vida licenciosa; não mentir; não se embriagar, nem usar narcóticos; assim se evitariam os pecados do ódio, da ambição, da dúvida, da preguiça, da arrogância, do impudor, da dureza do coração.

Pregava ele a paciência contra a sede da conquista, a bondade para vencer o desamor.

O caminho que conduzia à sabedoria, à pacificação, à ciência, ao Sambo di, ao nirvana era o das oito ramificações: a ação reta, a existência reta, a visão reta, a vontade reta, a linguagem reta, a aplicação reta, o pensamento reto, a meditação reta. Ou que se poderia dizer: boas idéias, bons sentimentos, boas palavras, boa conduta, boa regra de vida, bons esforços, boa meditação.

Tal senda levava à Iluminação. Aos monges afirmava:

Bem ensinada está a lei; vivei na santidade para alcançardes a completa supressão da dor. Há dois extremos, monges - pregava ele -, que devem ser evitados por aqueles que renunciaram ao mundo: uma vida consagrada aos prazeres e às paixões, aviltante, sensual, grosseira, sem nobreza, sem proveito; e uma vida gasta em mortificações dolorosas e inúteis.

No cume da montanha, perto de Gaia, pregou o sermão do fogo:

"Toda coisa, Ó monges, é uma chama devoradora. E como se produz? Pelo fogo do desejo, do ódio, da cegueira, pelas lamentações, pela dor, pela velhice, pela tristeza, pelo desespero."

Sob uma árvore, em plena natureza, pronunciou esta sentença:

"Feliz é a solidão daquele que está satisfeito, daquele que compreendeu a verdade e a vê. Doces são a mansidão e a benevolência para com todos os seres vivos. Doce é a ausência das paixões, assim como a vitória sobre os pecados. Aquele que dominou o egoísmo atingiu a suprema felicidade."

Um dia, vendo uns rapazes maltratarem animais, perguntou-lhes:

"- Jovens, temeis a dor, ela vos é odiosa? - Sim -, responderam os rapazes.

- Então - voltou Buda - não deveis cometer más ações abertamente ou em segredo. Se as fizerdes, não escapareis à dor, por mais que fujais."

Era severo para com a conduta dos monges. Perguntou-lhe Ananda:

"- Qual deve ser, Senhor, o nosso procedimento em relação às mulheres?"

- Não as olheis, Ananda.
- Mas, Senhor, se formos obrigados a olhá-las?
- Não lhes faleis, Ananda.
- Mas se elas nos falarem, como havemos de fazer?
- Sede vigilantes, Ananda."

É possível que o Iluminado exagerasse; mas tantas são as nossas fraquezas, que todo o exagero é pouco.

Em grande conta tinha ele a sabedoria. Ao contrário de muitos que procuram aboli-la, ensinava que o conhecimento esclarece a mente e o coração:

"Tal é a retidão, tal a meditação profunda, tal a sabedoria. Grande é o fruto, grandes são os benefícios da meditação profunda, quando é ela impregnada de retidão. Grande é o fruto, grandes são os benefícios da sabedoria, quando ela é impregnada de retidão profunda. O espírito impregnado da sabedoria está livre de toda confusão, da confusão da sensualidade, da confusão do erro, da confusão da ignorância, da confusão do renascimento."

Mandando que a humanidade se libertasse dos desejos, bem sabia ele quanto tinha isso de custoso e difícil. E aconselhava:

Os desejos são transitórios; libertai-vos, portanto, daquilo que não pode durar e não vos retardeis. Quem renuncia aos desejos se torna um brâmane. O brâmane é aquele que não reencarna, que a tingem o nirvana.

Muitos dos ensinamentos do mestre eram ilustrados ou esclarecidos pelas comparações, conforme se vê no Dhamapada:

"Assim como a chuva penetra nas casas mal cobertas, penetram as paixões no ânimo de quem não medita."

"Quem injúria o homem virtuoso é como quem cospe contra o vento."

"As coisas brotam do coração e o coração as dispõe: quem fala ou age com mau coração, a dor o acompanha como a roda o pé do animal que a arrasta; quem fala ou age com bom coração, a felicidade o acompanha como a própria sombra."

Fazendo ver que, sem esforço nada se alcança, usou dessa imagem para com um dos seus discípulos:

"Se tu pedires que a margem oposta de um rio venha a ti, ela virá? Não, Tu é que tens de atravessar o rio para ir buscá-la."

Em suma, as doutrinas básicas do budismo repousam no Karma e na reencarnação. Ele procurava extirpar dos homens a superstição, o temor, o sofrimento.

A beleza moral desses ensinamentos, que em geral se costuma desprezar no Ocidente, talvez por certas rivalidades ou espírito de intolerância, não tem escapado aos mais ilustres observadores. Assim dizia Robinson :

"Eles trazem aos homens o ideal moral mais elevado e mais completo que já se lhes ofereceu, e, excetuado o Sermão da Montanha, não se pode, em teoria, sustentar que o ideal moral budista seja materialmente inferior ao ideal cristão."

Percorreu o Bem-aventurado várias regiões, onde pregou a moral, cuja síntese acabamos de expor. Como ao Cristo, seguiram-no por toda parte.

Fez discípulos devotados. Não se poupou a canseiras, a trabalhos, a esforços de todo gênero.

Sentiu, um dia, que se lhe aproximavam os derradeiros instantes na Terra; pediu, então, que o levassem para o campo e o estendessem numa cama de folhas.

Um mendigo estava a seu lado, que lhe viera pedir consolo. E Buda, o Sábio, o Bem-aventurado, o Solitário, o Iluminado, aquele que devia ser rei e dominar um povo, exalou o último suspiro entre as árvores do bosque, sob um céu remansoso, envolto em uma paz só quebrada pelos cânticos da

Natureza, tendo entre as suas as mãos do mendigo e nos lábios palavras de fé, de conforto, de esperança.

Como a do Cristo, sua vida fora de renúncia, de exemplos, de peregrinação, de amor.

CARLOS IMBASSAHY

O BUDA

O Buda apareceu 50 anos depois de Jeremias.

Seu nome era Sidarta Salda Muni Gautama. Nasceu na Índia, "às sombras do Himalaia".

Filho de um rei, com uma beleza impressionante, era o favorito das jovens e da fortuna. Nada lhe faltava; nem a riqueza, nem o conforto, nem a glória.

Percorrendo o país, começou a encontrar os mendigos, os enfermos, os desditosos. Confrangeu-se-lhe o coração, e, certa noite, deixou o seu palácio, no esplendor de uma festa, para compartilhar a sorte dos desgraçados.

No trato dos infelizes e no trato da natureza, é que recebeu a doutrina que deveria formar uma religião.

Insulava-se para pensar, e o grande código de filosofia e de moral, que é hoje o budismo, foi inspirado no recolhimento, no insulamento e no sofrimento. Passou a ser o Buda, o Esclarecido.

Começou por combater as superstições e os sacrifícios. A seus discípulos nada ensinou sobre Deus, porque eles não podiam formar de Deus uma idéia justa e precisa. Mas declarou que a alma renascia constantemente até à completa depuração de suas impurezas. Liberta do cárcere corporal, iria para o nirvana, que é a completa tranqüilidade do Espírito.

Toda a miséria humana - pregava o Iluminado - vem de nossas ambições egoísticas, que é o desejo sempre insaciável. Deu ao seu povo, como Moisés, dez mandamentos. O 1º e mais importante era este: - Não destruirás a vida sob forma alguma. Foi esta a pedra angular de sua doutrina.

Conta-se que durante sete dias passara em meditação. E dizia consigo: a Humanidade vive no turbilhão do mundo, difícil lhe será entender o encadeamento das causas e dos efeitos, e mais difícil, ainda, compreender a entrada no repouso, o desprendimento das coisas da Terra, a extinção da cobiça, a cessação do desejo, a paz, o nirvana ...

Se eu ensinar este "dhama", que ninguém poderá perceber, terei, apenas, como resultado, a fadiga e o esforço inútil.

Foi quando Brama Sahampati lhe disse: - Há muitos seres cuja visão mental está obscurecida por um véu; se não ouvirem a pregação do "dhama" não se poderão salvar; esses o compreenderão.

Por três vezes falou Brama.

E o Bem-aventurado, considerando o mundo com seu olhar de Buda, viu seres cuja visão mental estava obscurecida, uns por ligeiro véu, outros por teia espessa; seres de espírito vivo e seres de espírito obtuso; animados de boas disposições e de más disposições, bons e maus ouvintes. Alguns alcançavam os perigos da vida futura e os do pecado.

Assim como em um lago de lótus azuis, vermelhos ou brancos, os nascidos e crescidos na água não emergem e ficam ocultos, enquanto outros se erguem até à superfície; e outros, enfim, pairam acima dela, sem por ela serem molhados, assim o Bem-aventurado viu seres de visões diferentes e disse: "Largamente aberta a todos os ouvintes está a porta da eternidade; que aqueles que têm ouvidos ouçam e acreditem."

Então Brama Sahampati deu a volta ao Bem-aventurado, deixou-o à direita e desapareceu.

Destarte o Buda resolveu esclarecer os homens.

O budista, para palmilhar o nobre caminho ou o Ariamaga, deveria: não roubar, nem mesmo para saciar a fome; não ter vida licenciosa; não mentir; não se embriagar, nem usar narcóticos; assim se evitariam os pecados do ódio, da ambição, da dúvida, da preguiça, da arrogância, do impudor, da dureza do coração.

Pregava ele a paciência contra a sede da conquista, a bondade para vencer o desamor.

O caminho que conduzia à sabedoria, à pacificação, à ciência, ao Sambo di, ao nirvana era o das oito ramificações: a ação reta, a existência reta, a visão reta, a vontade reta, a linguagem reta, a aplicação reta, o pensamento reto, a meditação reta. Ou que se poderia dizer: boas idéias, bons sentimentos, boas palavras, boa conduta, boa regra de vida, bons esforços, boa meditação.

Tal senda levava à Iluminação. Aos monges afirmava:

Bem ensinada está a lei; vivei na santidade para alcançardes a completa supressão da dor. Há dois extremos, monges - pregava ele -, que devem ser evitados por aqueles que renunciaram ao mundo: uma vida consagrada aos prazeres e às paixões, aviltante, sensual, grosseira, sem nobreza, sem proveito; e uma vida gasta em mortificações dolorosas e inúteis.

No cume da montanha, perto de Gaia, pregou o sermão do fogo:

"Toda coisa, Ó monges, é uma chama devoradora. E como se produz? Pelo fogo do desejo, do ódio, da cegueira, pelas lamentações, pela dor, pela velhice, pela tristeza, pelo desespero."

Sob uma árvore, em plena natureza, pronunciou esta sentença:

"Feliz é a solidão daquele que está satisfeito, daquele que compreendeu a verdade e a vê. Doces são a mansidão e a benevolência para com todos os seres vivos. Doce é a ausência das paixões, assim como a vitória sobre os pecados. Aquele que dominou o egoísmo atingiu a suprema felicidade."

Um dia, vendo uns rapazes maltratarem animais, perguntou-lhes:

"- Jovens, temeis a dor, ela vos é odiosa? - Sim -, responderam os rapazes.

- Então - voltou Buda - não deveis cometer más ações abertamente ou em segredo. Se as fizerdes, não escapareis à dor, por mais que fujais."

Era severo para com a conduta dos monges. Perguntou-lhe Ananda:

"- Qual deve ser, Senhor, o nosso procedimento em relação às mulheres?

- Não as olheis, Ananda.

- Mas, Senhor, se formos obrigados a olhá-las?

- Não lhes faleis, Ananda.

- Mas se elas nos falarem, como havemos de fazer?

- Sede vigilantes, Ananda."

É possível que o Iluminado exagerasse; mas tantas são as nossas fraquezas, que todo o exagero é pouco.

Em grande conta tinha ele a sabedoria. Ao contrário de muitos que procuram aboli-la, ensinava que o conhecimento esclarece a mente e o coração:

"Tal é a retidão, tal a meditação profunda, tal a sabedoria. Grande é o fruto, grandes são os benefícios da meditação profunda, quando é ela impregnada de retidão. Grande é o fruto, grandes são os benefícios da sabedoria, quando ela é impregnada de retidão profunda. O espírito impregnado da sabedoria está livre de toda confusão, da confusão da sensualidade, da confusão do erro, da confusão da ignorância, da confusão do renascimento."

Mandando que a humanidade se libertasse dos desejos, bem sabia ele quanto tinha isso de custoso e difícil. E aconselhava:

Os desejos são transitórios; libertai-vos, portanto, daquilo que não pode durar e não vos retardeis. Quem renuncia aos desejos se torna um brâmane. O brâmane é aquele que não reencarna, que a tinge o nirvana.

Muitos dos ensinamentos do mestre eram ilustrados ou esclarecidos pelas comparações, conforme se vê no Dhamapada:

"Assim como a chuva penetra nas casas mal cobertas, penetram as paixões no ânimo de quem não medita."

"Quem injuria o homem virtuoso é como quem cospe contra o vento."

"As coisas brotam do coração e o coração as dispõe: quem fala ou age com mau coração, a dor o acompanha como a roda o pé do animal que a arrasta; quem fala ou age com bom coração, a felicidade o acompanha como a própria sombra."

Fazendo ver que, sem esforço nada se alcança, usou dessa imagem para com um dos seus discípulos:

"Se tu pedires que a margem oposta de um rio venha a ti, ela virá? Não, Tu é que tens de atravessar o rio para ir buscá-la."

Em suma, as doutrinas básicas do budismo repousam no Karma e na reencarnação. Ele procurava extirpar dos homens a superstição, o temor, o sofrimento.

A beleza moral desses ensinamentos, que em geral se costuma desprezar no Ocidente, talvez por certas rivalidades ou espírito de intolerância, não tem escapado aos mais ilustres observadores. Assim dizia Robinson :

"Eles trazem aos homens o ideal moral mais elevado e mais completo que já se lhes ofereceu, e, excetuado o Sermão da Montanha, não se pode, em teoria, sustentar que o ideal moral budico seja materialmente inferior ao ideal cristão."

Percorreu o Bem-aventurado várias regiões, onde pregou a moral, cuja síntese acabamos de expor. Como ao Cristo, seguiram-no por toda parte.

Fez discípulos devotados. Não se poupou a cansaças, a trabalhos, a esforços de todo gênero.

Sentiu, um dia, que se lhe aproximavam os derradeiros instantes na Terra; pediu, então, que o levassem para o campo e o estendessem numa cama de folhas.

Um mendigo estava a seu lado, que lhe viera pedir consolo. E Buda, o Sábio, o Bem-aventurado, o Solitário, o Iluminado, aquele que devia ser rei e dominar um povo, exalou o último suspiro entre as árvores do bosque, sob um céu remansoso, envolto em uma paz só quebrada pelos cânticos da Natureza, tendo entre as suas as mãos do mendigo e nos lábios palavras de fé, de conforto, de esperança.

Como a do Cristo, sua vida fora de renúncia, de exemplos, de peregrinação, de amor.

CARLOS IMBASSAHY

CONFÚCIO

Confúcio, ou Kung-Fu-Tseu, viera, como outros, incumbido pelo Alto de trazer à China os ensinamentos da mais elevada moral.

"Nunca - diz Pauthier - a razão humana foi mais dignamente representada. Espanta, realmente, encontrar nos escritos de Confúcio a expressão de tão alta e tão virtuosa inteligência, ao mesmo tempo que tão adiantada civilização."

Amante da ginástica, da poesia, da música, era um espírito e um corpo fortes.

Reproduzia o criterioso aforismo: mens sana in corpore sano. Mas a sua vida, na maior parte do seu percurso, correu pobre e triste. Alcançou um posto na administração: foi ministro do governo de Lu.

Todas as vezes que tinha que distribuir justiça, fazia como os justos e os sábios, que conhecem como é falível a condição humana, e consultava outros homens de reconhecida honestidade e saber.

A probidade, a ilustração de Confúcio contribuíram para a boa fama do governador de que ele era ministro.

Tal fato suscitara inveja e rivalidades.

Um rival, a título de presente, teve uma idéia genial: mandou oitenta bailarinas ao governador de Lu. E o governador de Lu, cujo caráter fora firme até então, começou a dançar como as bailarinas. Estas entraram a pesar mais no espírito do governador que os prudentes conselhos do filósofo.

Confúcio foi afastado. E enquanto tudo bailava na província, o sábio começou a peregrinar e a pregar.

Por toda parte, encontrava a ignorância e a brutalidade, mas conseguiu que os chineses se tornassem metódicos e pacíficos.

Há inúmeros preceitos do filósofo, máximas ditadas aos seus discípulos, e elas formam um grande volume.

Quase que as tomamos por acaso, tão difícil é escolhê-las:

"O homem superior - ensinava ele - é o que tem uma benevolência igual para todos, que é sem egoísmo, sem parcialidade."

"O homem superior prefere ser lento nas palavras, mas é rápido nas ações."

A alguém que lhe falava em repreender outrem, respondeu:

"A madeira estragada não pode ser esculpida; uma parede de lama não pode ser embranquecida; que adianta repreender Yu?"

É a lição do Evangelho: - Não atireis pérolas a porcos.

O homem superior, dizia o filósofo, não pede nada senão a si próprio; o homem vulgar e sem mérito pede tudo aos outros.

O homem superior - continuava - nunca é um obstinado.

Confúcio ensinava a meditação. Há nove assuntos principais de meditação, esclarecia:

"O homem superior, olhando, pensa em esclarece: ouvindo, cuida de instruir-se; na sua atitude, procura conservar a calma e a serenidade; busca, ainda, conservar sempre a gravidade e a dignidade; em suas palavras, visa

conservar a fidelidade e a sinceridade; nas suas ações quer atrair o respeito; em suas dúvidas interroga os outros; na cólera se esforça por reprimir os movimentos; vendo lucros a obter, não se afasta da justiça."

Referindo-se às relações entre os homens, declara:

"O homem superior vive em paz com todos os homens, sem, todavia, proceder como eles. O vulgar age como todos, sem se acomodar com ninguém."

Um seu discípulo perguntou-lhe um dia:

- "Mestre, que deve fazer quem quer ser virtuoso e sábio, deseja fama de o ser, se a merece, e pretende evitar quanto possa ocasionar suspeitas que lhe sejam desfavoráveis?"

Respondeu o filósofo:

- "Praticai o bem em todos os tempos, em todos os lugares, em todas as circunstâncias em que vos seja possível praticá-lo; e sereis, por certo, virtuosos e sábios. Fazei o bem pelo bem e não por interesse pessoal: far-vos-ão a justiça que merecerdes e gozareis, sem dúvida da fama que por si mesma se forma em benefício de quem assim procede, sem parecer ambicioná-la.

Sede severos para convosco, quando se tratar de vossos próprios defeitos, mas indulgentes para com os defeitos do próximo; não maldigais de ninguém e não façai, caso do mal que de vós se disser; livrai-vos, principalmente, de requerer ou de desprezar a aprovação do mundo, antes recebei os louvores e os vitupérios com igual indiferença. Se não contentardes a todos, pelo menos ninguém vos terá ódio."

Confúcio pregava a prática conscienciosa de cinco virtudes capitais, que basta mencionar, dizia ele a seus discípulos, para que se compreenda quanto são necessárias:

"A humanidade, isto é, a caridade universal para com indivíduos de nossa espécie, sem distinção; a justiça, que dá a cada qual o que lhe é devido, sem favorecer um mais do que outro; a conformidade com os ritos prescritos

e os usos estabelecidos, para que os membros da sociedade participem das mesmas vantagens e desvantagens; a retidão, isto é, a qualidade do espírito e do coração pela qual se procura em tudo e se deseja a verdade, sem querer enganar os outros nem enganar-se a si; e, finalmente, a sinceridade ou boa-fé, essa fraqueza, essa lealdade de coração, cheia de confiança, que excluem fingimento e dissimulações, tanto nas ações como nas palavras. Eis o que - acrescentava o Mestre - tornou os nossos primeiros preceptores respeitáveis durante a vida e lhes imortalizou os nomes depois de mortos. Tomemo-las por modelos; façamos todos os nossos esforços por imitá-las."

Em tal se resume toda a prédica desse varão notável.

A um discípulo que estranhava os seus hábitos democráticos, perguntou: - A quem hei de associar-me senão aos sofredores?

Morreu aos 72 anos, na miséria e na desilusão. Deixou ao mundo, seis séculos antes do Cristo, a lei áurea, a grande lei da felicidade espiritual:

Não faças aos outros o que não queres que te façam.

Carlos Imbassahy

SÓCRATES

Em Atenas floresceu um grande filósofo, que era considerado o mais sábio dos homens. E este sábio, que o mundo inteiro ainda hoje admira, apesar de haver nascido quase 400 anos antes do Cristo, foi filho de um pedreiro.

Chamou-se Sócrates. Costumava reunir em torno de si um grupo de discípulos, admiradores e curiosos; e então, com as roupas descuidadas, os pés dascalços, os cabelos ao vento, entrava a falar-lhes sobre a verdade, a beleza, a sabedoria, a verdadeira vida.

Pregava o reino da fraternidade e da justiça. As virtudes, sem o saber, são sombras de virtude - ensinava aos seus ouvintes. A origem das guerras, das discórdias, das paixões estava no precário sentimento humano, que era preciso corrigir.

Dizia que a alma só pode realmente atingir a verdade, quando livre das peias corporais.

Mas, ele, que achava o corpo como que um obstáculo ao grande desenvolvimento espiritual, condenava veementemente o suicídio, porque - afirmava - os homens tinham necessidade absoluta de viver.

Era um dos seus axiomas que a vida provinha da morte como a morte provinha da vida: saber é recordar, porque seria absolutamente necessário que tivéssemos aprendido em outra vida o que sabemos nesta.

A alma é insuscetível de destruição; existiu antes da vida e subsiste à morte.

Tais são, tais foram os principais ensinamentos do eminente filósofo grego.

E esse homem, ainda hoje considerado o sábio dos sábios daquela época, e que tinha o saber como uma das virtudes primordiais, dizia aos seus discípulos: - **Eu só sei que não sei nada!**

No templo de Delfos, na Hélade, encontrava-se o famoso lema, que era uma de suas lições: **Homem, conhece-te a ti mesmo.**

Não podia esse vulto, cheio de saber e de virtudes, fugir à perseguição dos seus semelhantes.

Foi asperamente caluniado. Anito acusou-o de corromper, com suas idéias, a juventude ateniense. E o condenador do suicídio se viu forçado a suicidar-se.

Obrigaram-no a beber cicuta.

Mais um passo e vamos encontrar, agora, aquele que projetou à face da Terra o mais belo clarão que jamais os homens viram.

Carlos Imbassahy

O CRISTO

Numa época em que o planeta estava sob o guante da opressão, da licenciosidade, do vício: quando os césares dominavam Roma, e quando Roma dominava o mundo, um grande clarão fulgiu para os lados da Palestina.

Vinha à Terra, como filho de pais humildes surgindo em humilde manjedoura, aquele cujo peregrinar à face do orbe foi uma contínua prédica sobre a fraternidade, sobre a bondade, sobre a clemência, sobre o amor.

Nasceu Jesus-Cristo.

Seus lábios estavam sempre abertos para o perdão, seus braços para o acolhimento dos sofredores suas mãos para a cura dos enfermos.

O repositório dos seus ensinamentos são os quatro Evangelhos. Lá se encontra toda a filosofia do Bem. É um hino constante à prática das boas ações; é o mais belo código da solidariedade; é o mais fecundo apelo à caridade; é a religião do Amor.

O Cristo era pelos humildes, pelos pequenos, pelos pobres, pelos fracos, pelos aflitos.

Se queres ser grande, dizia, faze-te pequenino chamava a si as criancinhas; achava difícil entrar um rico no reino do céu, salvava a adúltera das mãos dos lapidadores, e dizia que fossem a ele os aflitos e sobrecarregados.

Curava os cegos, levantava os coxos e parálíticos, sarava os feridos, ressuscitava os mortos, ou que passavam como tais.

Convencido da falibilidade humana, mandava que não julgássemos.

Acautelava-nos até do próprio pensamento: -Aquele que houver olhado uma mulher com maus desejos, já pecou.

É que os maus pensamentos saem do coração:

"Do coração é que saem os maus pensamentos, o assassínio, o adultério, os latrocínios, os falsos testemunhos, as blasfêmias, as maledicências."

Ensinava que tínhamos que resgatar com o sofrimento as nossas culpas: - Não sairás dali sem pagares até o último centavo", e, do mesmo passo, acenava a todos com a salvação: - Das ovelhas que o Pai me confiou nenhuma se perderá.

A paz, a fraternidade, a reconciliação recomendava sempre, ainda que se tratasse de nossos inimigos; e não só nos deveríamos reconciliar com eles, senão amá-los também, pagando o mal com o benefício.

Em regra, o que deveríamos fazer era olhar para nós; estudar-nos a nós mesmos, em vez de cuidar do vizinho, visto que divisamos o argueiro no olho deste sem ver a trave do nosso.

Na parábola do Samaritano deixou aos pósteros a lição de caridade, sem a qual não existe a redenção; que se devia dar de comer, de beber, de vestir e de morar aos famintos, sedentos, nus e desabrigados, pregava ele com veemência. E se os dadivosos ficavam à direita do Pai e os negadores à esquerda, sinal é que só aqueles se poderiam salvar.

Além de pregar, exemplificava o Divino Mestre: - "Se alguém vos bater na face direita, dizia, apresentai também a outra." E quando chegou o momento de dar o exemplo, ofereceu a face à bofetada do insultador.

Os que vierem ao mundo, ricos, inteligentes, sãos, felizes, como que dotados pela natureza, esses é que deverão ser mais generosos para com seus semelhantes, "porque muito se pedirá a quem muito se houver dado".

O amor, o amor humano não devia conhecer limites. Cumpria não distinguir, nas obras do bem, os amigos dos adversários, e assim prescrevia: Amai os vossos inimigos, fazei o bem ao que vos odeia, e orai pelos que vos perseguem e caluniam.

Bem ele sabia do pequeno número dos que o iriam escutar, quando afirmou: - Muitos serão os chamados e poucos os escolhidos; nem tinha dúvidas

sobre as iniquidades que se iriam praticar à sua sombra, do mau emprego que iriam dar ao seu Evangelho, e por isso afirmava: - Não vim trazer a paz, mas a espada.

Era difícilimo, com efeito, encontrar a bondade na Terra, e assegurava, então, "que só Deus é bom".

Mas nós teríamos que imitá-lo - que fôssemos perfeitos como Deus celestial é perfeito. Nunca negássemos a esmola nem deixássemos voltar o pedinte com as mãos vazias: - Dai àquele que vos pedir e não repilais o que vos quer tomar emprestado. Mas, que a mão esquerda não visse o que fizesse a direita.

Ainda na tormenta dos seus últimos instantes, seu ânimo era de paciência, de benignidade, de compaixão.

Já pregado na cruz, tendo o corpo e a alma lanceados, com os pregos a lhe dilacerarem as carnes, e os acúleos da ingratidão a lhe ferirem o espírito, vendo a seus pés, indiferentes ou raivosos, aqueles a quem abençoara, protegera, ensinara e curara, pedia ao Pai que lhes perdoasse, porque eles não sabiam o que estavam fazendo.

E assim partiu o Salvador da Humanidade. Este homem, este herói, este mártir, este santo, este Espírito excelso foi que regou com suas lágrimas e seu sangue a árvore hoje bendita do Cristianismo.

CARLOS IMBASSAHY

O PARACLETO

Passamos ligeiramente pelas melhores doutrinas e pelos maiores pensadores do Mundo, para dizer que o Espiritismo é isto.

Nele se encontram, sintetizadas umas, desenvolvidas outras, esclarecidas todas, as idéias que esses mensageiros nos legaram como um reflexo do Verbo Divino.

Abram-se os livros básicos da Doutrina Espírita e lá se verão as leis morais que os emissários de Deus trouxeram à Terra, em suas mensagens.

Veja-se O Livro dos Espíritos, e aí, além da parte filosófica, encontraremos, como prescrições, a do trabalho, a da constituição da família e do lar, a da conservação, a da vida social, a da civilização, a do progresso, a da igualdade, da liberdade, da justiça, a da perfeição, a do altruísmo, a da piedade e a da solidariedade, a do bem.

Toda a lei, Confúcio resumiu-a no fazer aos outros o que queremos que nos façam; Buda na abolição do desejo egoístico; Sócrates, no saber, que produz as virtudes; o Cristo no amai-vos uns aos outros; o Paracleto na caridade.

Todas essas leis são jatos diversamente coloridos de uma mesma fonte de amor. Todas elas brotaram do seio de Deus. Todas as religiões vêm desse sol eterno e infinito e, ao perpassar pelo prisma humano, se decompõem como a luminosidade do arco-íris.

Mas o Espiritismo as reúne num feixe único. Elas voltam ao branco solar, branco cheio de deslumbramento e, ao mesmo tempo, de suavidade e de fulgor. E então, a salvação humana ficará cabendo a todas as criaturas, a todos os filhos do mesmo Pai, a todas as ovelhas do grande rebanho, porque o lema crucial é a caridade. **Fora da caridade é que não há salvação.**

Examinadas atentamente as Escrituras, folheados os livros sagrados, estudados os preceitos dos Instrutores, não teremos dúvida em afirmar que o Espiritismo é a reprodução da palavra divina, através do tempo e do espaço, com os esclarecimentos e as luzes que a nossa época requer.

As religiões têm por escopo a paz, a concórdia, o bem. A tal se propõe também o Espiritismo.

Nos tempos de Pelágio, combatiam sarracenos contra cristãos e cristãos contra sarracenos. Mais tarde os cristãos de diversas seitas combatiam uns contra os outros. E assim, os seguidores dos vários credos sempre se hostilizaram, contra a lei, a lei dos seus diversos códigos e a Suprema Lei, que é a lei de Deus.

O Espiritismo nos vem lembrar esses códigos e essas leis, desde o Decálogo até os nossos dias, desde o Manu ao Evangelho, com seu imperativo categórico - não matarás.

Segundo o Livro dos Mortos, que traduzia a moral egípcia, o morto, para ter o reino da felicidade, devia fazer, perante Osíris, a seguinte declaração:

"Não enganei, não menti, não cometi fraudes, não atormentei as viúvas, não espoliei, não promovi desastres, não fiz chorar ninguém; não fui preguiçoso, não me embriaguei, não fui injusto, não fui indiscreto, não prejudiquei, não matei."

O livro de Manu estabelecia:

"O homem que é senhor de suas ações e reprime a cólera obtém a felicidade eterna. Toda disposição de alma, que é acompanhada de designios perversos, de ódio, de cólera, provém do mal."

Faze, Senhor - dizia o Talmude - que todos constituam uma só agremiação.

No Levítico se ordena:

"Não te porás contra o sangue do teu próximo. Não aborrecerás o teu irmão. Não te vingarás nem guardarás rancor."

Os hindus extraíam das muitas máximas djeinistas e bramânicas aquela que dizia:

"Os reis procuram as guerras como as moscas as úlceras; os maus só se comprazem na luta; o homem honesto deve fugir dos reis, das moscas e dos maus."

Vimos como pela religião de Buda se ensinava o respeito à justiça, à paz, à vida. Repetindo os velhos cânones da religião de Brama, aconselhava o Iluminado aos seus discípulos:

- "Ó Bhikkhus, sede como o sândalo que perfuma o machado que o corta."

No Alcorão, apesar da belicosidade de Maomet, ensinava-se aos crentes: Sois irmãos; conciliai as discórdias. Deus não tolera os opressores.

E o Divino Mestre, que aconselhava se perdoasse não 7 vezes mas 70 vezes 7, ilustrou o seu ensino dizendo a Pedro: - Pedro, mete a espada na bainha, que quem com ferro fere, com ferro será ferido.

Todas essas lições que o tempo parece ir esquecendo, são-nos agora sussurradas ao ouvido pelo Espírito de Verdade, ou altamente proclamadas nas mensagens que esse Espírito nos traz, através dos médiuns, qualquer que seja a sua nacionalidade, qualquer o credo a que se filie.

João no-la transmite por esse processo e a concretiza no seguinte luminoso trecho que se encontra no livro Roma e o Evangelho:

"Se ouvirdes que o Evangelho de Jesus é a guerra, o derramamento de sangue, eu vos direi em verdade que esse é o Evangelho dos rancorosos e vingativos, mas não o de Jesus que amou os homens e lhes pregou a paz.

"Se vos disserem que o Evangelho é a intolerância, o anátema, a perseguição, a violência, o ódio, eu vos direi, em verdade, que esse é o Evangelho da soberba e da ira, mas não o de Jesus, que rogava ao Pai de Misericórdia pelos seus mortais inimigos."

E a Allan Kardec, deu um Espírito Protetor uma lição, cujo trecho final é este:

"Se possuis o Amor, tereis tudo quanto há a desejar na Terra; possuireis a pérola por excelência, que nem os acontecimentos, nem a maldade dos que vos odeiam e perseguem poderão roubar-vos. Se possuis o amor, tereis colocado os vossos tesouros em local onde os vermes e a ferrugem não os podem consumir, e vereis apagar-se insensivelmente de vossa alma tudo quanto possa manchar-lhe a pureza; sentireis o peso da matéria diminuir dia

a dia e, semelhante ao pássaro que paira no ar e não se lembra mais da Terra, subireis incessantemente, subireis sempre, até que a vossa alma inebriada possa saciar-se em seu elemento de vida no seio do Senhor." (Bordéus, 1861.)

São estes, são como tais os ensinamentos dos Espíritos. Creemos assim ter demonstrado outro princípio, conclusão e complemento do primeiro, o de que as religiões são galhos de um mesmo tronco e que têm por fim levar as flores da paz, da concórdia e do amor, a todo o gênero humano, sendo o Espiritismo um desses galhos, necessariamente o maior, o mais completo, o mais florido.

Religiões oriundas do Cristianismo apresentam, como derradeiras paradas da alma, o céu e o inferno. Se naquele há a bem-aventurança, que a muitos parecerá monótona, a de ficarmos assentados à direita de Deus Padre, per omnia secula, neste, a mal-aventurança, também eterna, é pintada com cores de arrepiar.

Entretanto, il est avec le ciel des accommodements. Pode-se fugir às penas do inferno, com certa habilidade e precauções, tal como aqui na Terra, com recomendações e esperteza, pode o indivíduo furtar-se a quaisquer leis.

Assim, o católico que se arrepende em boa hora e vem a entrar em contacto com o padre confessor tem abertas as portas do Céu, para onde vai com a alma completamente limpa, quaisquer que sejam os pecados que tenha cometido.

O protestante, por seu turno, amparado, guiado, conduzido nas asas da fé, vai, pelo mesmo caminho do católico arrependido, às plagas da felicidade.

Dizia Lutero: -

"Peca, mas tem fé. A fé, como a confissão, redime as faltas, absolve o pecado, introduz no Céu o faltoso."

Nesse ponto, não há dúvida, o Espiritismo diverge das principais seitas religiosas oriundas do Cristianismo; não diverge, porém, do próprio Cristianismo, que não é aquilo que por aí se ensina.

Acusam-no de religião cômoda. Mas, muito difícil, difficilimo, mesmo, na sua doutrina, é descobrir-se, para o delinqüente, uma remissão de dívidas, um pagamento de faltas que não seja o sofrimento, o sofrimento acerbo, de acordo, de inteiro acordo com o dolo, com a injustiça, com a iniquidade, com a maldade, com o delito cometidos.

Já o grande vate dizia: "um justo não perdoa."

E, na lição dos Espíritos, injustiça seria deixar impunes uns tantos criminosos, enquanto outros ficariam sujeitos a penas, e, muitas vezes, penas terríveis, desesperadoras, eternas, como as do Inferno.

O arrependimento não é a remissão total da dívida, é a faculdade, o caminho para redimi-la. E é nisso que consiste, segundo o código de Kardec, o perdão do Senhor.

Arrependido, está apto o indivíduo para o pagamento; não o está, porém, com a obrigação liquidada.

O pecador terá que sofrer na medida de seus pecados.

Tal princípio, não há dúvida, vai de encontro ao que se ensina nas Igrejas, ao que estabelecem as Cartilhas, mas segue os preceitos do Divino Mestre, acompanha os seus Evangelhos, onde se assegura, onde se afirma, sem sombra de dúvida: - ["E não sairás da prisão sem pagares até o último centavo."](#)

Damos, apenas, aqui, um exemplo.

Por maneira que, em regra, o de que diverge o Espiritismo é dos postulados humanos; é das inovações introduzidas na palavra divina; é dos acréscimos ou das supressões ditadas pelas conveniências de momento.

É bem de ver que, destarte, se torne uma doutrina incômoda. Aponta-nos a remissão pela dor, qualquer que seja a fortuna, a posição, o nome, as alturas em que se ache o mortal; impõe o desinteresse, quando a alma humana está gafada pelo mais profundo egoísmo; prescreve a gratuidade daquilo que de graça recebemos, quando tudo se mercantiliza; aconselha o perdão das ofensas, quando o rancor tumultua nas almas; ordena a

humildade, quando nadamos em orgulho e em soberbia; proíbe os vícios, quando neles se vive atascado, quando fazem parte dos gozos mundanos; fulmina a guerra, quando os povos mais não fazem do que se preparar para ela.

Tudo isto torna incômoda a doutrina dos Espíritos; é molesta para o indivíduo, a quem quer arrancar as paixões viscerais, os sentimentos perturbadores, mas inatos; é inquietante muitas vezes, para o Estado, com o seu pacifismo, o respeito aos direitos alheios, os seus ditames de concórdia, desolidariedade, de fraternidade universal, em inteira oposição ao direito do mais forte.

Se desgosta o indivíduo, cujo comodismo, conservantismo e interesse perturba; se ameaça os propósitos do Estado, que se diria com a finalidade de trazer a desgraça ao gênero humano, com seu eterno preparo bélico, seu despotismo e suas agressões; se não pactua com a força, não treme com a violência, não se intimida com as ameaças, não enfraquece com a opressão, não se acomoda com os proveitos, não se chega aos poderosos, não se curva às conveniências, não contemporiza com os erros, não transige com os princípios, é porque tem a convicção de que não há vontade Superior à do Pai, não há lei Superior à lei moral, não há luz superior à luz do Alto.

Se resiste ao arbítrio, se faz face a todas as iniquidades, se antepõe à crueza dos homens o esplendor dos Evangelhos é que sabe que ali está a força do direito e do bem.

São inúteis, para os que pregam o amor que Deus proclama, as intimidações da Terra. Contra as ordenações ilegítimas eles oporão sempre as ordenações divinas. Bem sabem os percalços, os contratempos, os sofrimentos e até os martírios que os esperam; assim sempre sucedeu com aqueles que procuram suavizar o caráter humano ou humanizar o caráter social.

Mas a ordem foi dada: - [Levai a toda parte e a todas as criaturas a lei do Senhor.](#)

Há que esculpi-la no coração do homem.

A missão do espiritista é esta. O Espiritismo é isto.

CARLOS IMBASSAHY

A PRECE

CAPITULO DEDICADO AOS CONFRADES

Merece o assunto um capítulo especial, visto que se vai espalhando a opinião de que a prece é inteiramente desnecessária, uma vez que não pode modificar as leis e a vontade divinas.

Raciocinemos. A prece é um pedido feito, ora à divindade, ora aos Espíritos superiores. É um auxílio, um socorro, um conforto, o que se busca com a prece.

Se a súplica é inútil, pela razão acima apontada, não deveríamos rogar coisa alguma na Terra, nem nos socorrermos de ninguém, visto que impende sobre nossas frentes a fatalidade inexorável.

As situações são as mesmas, quer se trate de um pedido ao Céu, quer de um pedido na Terra.

Entretanto, aqui pedimos tudo, socorremo-nos de todos.

Se um indivíduo precisa de um remédio, pede-o ao farmacêutico; se lhe dói o fígado, corre ao médico; se a casa ameaça ruir, vai ao construtor; se lhe aperta a botina, entra no sapateiro; se lhe falta o dinheiro, toma-o a um amigo; e quando não tem nada, não possui nada de seu, estende a mão à caridade. Aí o socorro é possível, compreensível, exequível.

O fato é que o homem está pedindo sempre, servindo-se sempre de alguém, batendo sempre a alguma porta. Onde ele, porém, não pode bater é à porta celestial.

É curioso!

Não importa alterar as leis divinas, quando o necessitado vai ao farmacêutico, ao médico, ao construtor, ao sapateiro, ao amigo, ao público. Quando ele, porém, se dirige aos protetores do Alto, aos amigos do Espaço, aos anjos penates, aos guias, aos santos ou a Deus, aí, sim, é que se dá o transtorno das leis universais.

Força é confessar que não entendemos a razão da diferença, isto é, porque seja lícito pedir-se na Terra, sem alteração nenhuma do código sideral, e não o é solicitar do outro plano.

Por que essa dessemelhança radical entre os dois planos da vida?

Trata-se, provavelmente, de uma questão tópica, como no caso do arrependimento, segundo a doutrina de nossos velhos progenitores.

O indivíduo deve arrumar-se, enquanto jaz nas fronteiras deste mundo. Admite-se o arrependimento até o último instante da existência; passou daí está perdido, ainda que a rapidez da morte não lhe permita aquele recurso.

Vê-se que é uma questiúncula de terreno: Deus só admite o arrependimento nos socalcos do planeta; saiu dele, é inútil ao pecador arrepender-se:

-Deus não o ouve mais.

Com os pedidos, com os socorros, com os lenitivos, com o amparo dá-se o mesmo fato: tudo depende da localidade. Pode-se pedir tudo, na Terra, aos da Terra. Fora daí, nem mais um passo! É a doutrina vencedora entre os inimigos das rezas.

Para o arrependimento, a eternidade se apaga.

Ele só é admissível no minúsculo, no desprezível espaço que habitamos. Por que será, ninguém o explica: caprichos do Criador.

No pedido, o mesmo ilogismo. Some-se o Espaço, o grande espaço sideral. A súplica só voga nos acanhados limites do nosso globo, no vacilante chão que palmilhamos. A mesma pergunta se impõe - por quê? Esquisitices da criação.

O vizinho pode ouvir o pedinte e vir em seu auxílio; pode o transeunte, que passa tranqüilo na estrada, perceber um grito angustioso e correr em socorro do aflito. Tudo isto é possível, tudo isto é factível na Terra. Os nossos vizinhos do Espaço, porém, os transeuntes dos carreiras do Infinito, estes não ouvem nada, não podem ouvir. Os nossos amigos do Além, os nossos guias devem ser surdos e mudos a todos os apelos. E fica, assim, decretada a inutilidade da prece.

O caso é tanto mais de estranhar - e não sabemos como o explicaríamos os nossos correligionários e amigos evangelistas - quando o Divino Mestre declara:

"Batei e abrir-se-vos-á."

"O Pai não dá uma pedra a quem pede um pão."

Há um outro raciocínio. Muitos pedem e nada obtêm. Logo, não vale pedir.

Seria o mesmo que dizer-se ao desgraçado: -Deixa de estar aí a implorar, pois não vês quantos têm implorado sem obter coisa nenhuma?! ...

Ou, então, ao enfermo: - Deixa de gemer e querer medicamentos, pois não vês quantos se têm medicado, sem resultado de qualquer espécie? ..

O Manuel não foi socorrido, o Francisco não foi curado... Claro, que a ninguém se socorre, claro que ninguém se cura!

A lógica seria de arrepiar, mas é a que se nos apresenta manancialmente, quando o assunto é posto em foco.

Sim, da lei da prova não há fugir. Ponderemos, entretanto, o seguinte:

Um fato negativo, alguns fatos negativos, muitos fatos negativos não têm qualquer valor probante ou improbante.

Não se pode concluir que não há meteoros, porque não os vemos a nosso bel-prazer, ou que é ineficiente a ação do mercúrio, porque o específico falhou em alguns padecentes.

Há na produção de qualquer fenômeno uma série de elementos, causas e circunstâncias necessárias à sua realização. Se falham, o fenômeno não se observa.

Basta o simples engano numa dosagem farmacêutica, para que a droga não produza o efeito desejado; uma alteração nos corpos químicos, e a combinação não se dá; desde que fique enfumaçada uma luneta, nada mais se vê no campo que ela abrange; qualquer experiência ficará inutilizada se os métodos não forem empregados com rigor. O erro nos fatores modifica, inevitavelmente, o produto.

No mundo material é assim. Um pino desacertado na rosca paralisa, estraga, inutiliza todo o maquinismo.

É o que acontece em matéria psíquica: Falha o fenômeno quando há um erro no caso, quando há um elemento inibitivo, quando se apresenta uma condição perturbadora.

O que se verifica com as rezas é o que se observa com as receitas.

Temos visto dezenas de indivíduos solicitarem receitas para animais , pessoas inexistentes, ou defuntos, e voltarem radiantes, com o nome dos medicamentos dados pelos Espíritos; tal fato se lhes afigura a falácia, a mendacidade do receituário mediúnico, a prova da inexistência de médicos do Espaço, ou de Espíritos; a confirmação, enfim, do que eles lá pensam: que a ação dos médiuns não passa de uma velhacaria igual à por eles empregada.

Entretanto, todos os que estudam o psiquismo, todos os que conhecem a matéria, sabem que a terapêutica psíquica é um dos capítulos dessa grande ciência que Richet batizou com o nome de Metapsíquica.

Os casos de remédios para defuntos ou receitas falsas não passam de casos negativos. Houve um elemento perturbador; houve um fator qualquer que impediu a realização do fenômeno, provavelmente o embuste do falsificante.

Mas, aqueles fatos negativos, para um espírito criterioso, nunca teriam a força de destruir os positivos, amplamente divulgados, devidamente testemunhados e iniludivelmente comprovados.

Tal é o que se dá com a prece. Nem todas podem ser deferidas no momento.

Há fatos, no entanto, que não se devem atribuir ao acaso. A História está cheia dos chamados "milagres". Ora, todos os guias espirituais no-la aconselham. Vemo-la preceituada em Allan Kardec, apontada nos Evangelhos.

Mesmo os grandes cientistas não a desconhecem.

Charcot falava na fé que cura, pelos casos de cura que presenciara. Não os desdenha Alexis Carrel.

Nos anais de Lourdes se encontram inúmeros atestados de curas obtidas por intermédio de preces a Nossa Senhora. Existe na Igreja do Senhor do Bonfim, na Bahia, terra que nos serviu de berço, um número incalculável de membros de cera. Representam eles o cumprimento de uma promessa ou a gratidão do crente; significam a cura obtida pela prece.

Temos nós, também, entre muitos, um caso a contar, sobre o valor da prece, que não nos parece obra do acaso, senão da Providência.

Certa vez, achávamo-nos acamado, quando um amigo, mais velho e a quem devíamos grandes favores, começou a aconselhar-nos que deixássemos os estudos psíquicos ou religiosos, pelos contratemplos, aborrecimentos e danos que nos poderiam advir.

Ouvimo-lo calmamente, sem responder, já pelo nosso estado de saúde, já pela idade do amigo, já pela amizade que lhe votávamos.

Mas, a prédica, que principia em tom de conselho, se foi tornando obsidiante. O amigo não parou mais de falar. Passava-se o tempo e ele multiplicava as advertências, agora em tom sinistro, apontando-nos as portas do hospício, como fim seguro, infalível, fatal, a que estávamos destinado. Se chegava outro amigo, parente ou conhecido, ou mesmo

alguém que nunca víamos, ele os trazia à nossa cabeceira, para repetir tudo o que tinha dito e aduzir novos argumentos.

O visitante, em regra, tão insciente quanto ele, abundava nas mesmas considerações; por vezes, as reforçava, e ficavam todos a zabumbar-nos os ouvidos com predições terríveis, as cores dos quadros que pintavam tinham tonalidades aterradoras. Depois nos asseguravam, eles que não conheciam nada do assunto, que o Espiritismo não passava de farsa, ladroeira, feitiçaria, mandinga.

E tanto nos martelavam a cabeça, que começamos a sentir-nos seriamente perturbados. Já era um como princípio de loucura. Não o Espiritismo, mas o antiEspiritismo ameaçava transtornar-nos o entendimento.

Se os loucos sentem o que principiávamos a sentir, o sofrimento deles deve ser atroz. Era uma confusão alucinante, um macabro chocalhar de idéias.

Naquele transe doloroso, interrogávamos mentalmente:

- Que devemos, que podemos fazer, Senhor?

- E a essa interrogação, que já era uma súplica, ouvimos, numa espécie de audição interna, uma voz que nos dizia:

- Ora! Oramos.

O amigo calou-se imediatamente. As visitas se foram indo, aos poucos. A breve trecho, dormíamos sossegadamente, o que não conseguíamos, havia 15 dias.

Tudo leva a crer que é necessário, para o efeito da prece, que se realize um conjunto de circunstâncias capazes de a favorecerem.

É o que acontece com as receitas, com os fenômenos psíquicos, com todos os fenômenos naturais.

Tratando-se de fenômenos psíquicos, as dificuldades aumentam, visto que não lidamos com objetos materiais, sujeitos ao nosso poder, cuja manipulação já nos é familiar, a cujo trato nos habituamos, cujas regras conhecemos, de que já temos uma prática secular.

Em psiquismo avultam os estorvos, multiplicam-se os embaraços; os processos nos são desconhecidos, como desconhecido é o material com que lidamos, os agentes que trabalham conosco, as causas de erro, as interferências nocivas, os elementos alteradores.

Em se tratando da prece, que é o mais delicado dos fenômenos, que depende do psiquismo humano e que diz com o psiquismo divino, devem ser múltiplos, complexos, inúmeros os motivos de falibilidade.

Isto não escurece, nem impede, nem desautoriza os fatos positivos.

Entretanto, dá-se com a prece, o que não vemos com os demais fenômenos: é que os efeitos ficam, muitas vezes, em estado latente.

No Evangelho se diz que as portas se abrirão quando batermos. Os Espíritos garantem que nossas preces serão ouvidas. Se não é imediata a sua eficácia, mais cedo ou mais tarde teremos o resultado de sua benéfica influência.

Parece que ficam, no Alto, com as vibrações da prece, o testemunho de nossa humildade, e por ela se obtém, cedo ou tarde, e conforme a prova, o favor desejado.

Ilustremos o nosso asserto.

Um amigo nosso tinha o filho em estado grave. Já era o quarto que iria perder. Todos vinham ao mundo trazendo no corpo os germens de uma deplorável herança. Magros, raquíticos, anêmicos, enfezadinhos, faziam os genitores passar angustiosos momentos, até que lhes morriam nos braços, deixando-os inconsoláveis.

Vendo que o quarto garotinho também se ia como os outros, o infelizmente pai ajoelhou-se e pediu muito a Deus que lhe conservasse o enteado querido.

À noite sonhou que via um velho, simpático, de respeitáveis barbas brancas, com umas roupas de padre, porém brancas também, que lhe dizia:

- O Senhor ouviu as tuas orações; elas foram regadas com abundantes lágrimas, e por isso lhe chegaram ao divino seio. Tens que esperar um pouco. Tua prece será atendida.

E mais não disse. O nosso amigo acordou um tanto esperançado. O filhinho, porém, morreu.

Passaremos de alto por suas angústias. Sabe-as quem é pai amoroso e quem perdeu um filho.

Como quase todos a quem a desventura fere profundamente, e que não têm o esteio forte de uma convicção, caiu ele na descrença.

E repetia aos íntimos, magoado no mais profundo da alma - que a prece era a maior mentira, e a maior inutilidade que existia.

Resolvera não ter mais filhos; ao menos, não teria mais desgostos.

E sobrestava nessa resolução, quando lhe adveio outro sonho com o mesmo velho; trazia as mesmas barbas, as mesmas roupas, o mesmo semblante simpático. E lhe disse: - Meu filho, não te devias desesperar contra os desígnios de Deus; Ele sabe o que faz, melhor do que tu o supões. Teu filho não morreu: ei-lo que volta aos teus braços, como tu querias que ele fosse. Tua prece foi atendida.

O amigo acordou, atônito, e disse à consorte: -Sonhei de novo com o velho, mas desta vez aquele barbado não me embrulha como da passada. É boa! Dizer-me que o filho não morreu, quando ele jaz no cemitério. Sonhos ...

Deu de ombros, voltou as costas à parede, e continuou a dormir, não sem ter lançado antes um profundo suspiro, à recordação do filho morto.

A mulher foi quem sorriu e não disse nada, Pouco tempo depois, comunicava ao marido que estava grávida, isso com grande espanto do esposo, que supunha muito seguras as suas práticas anticoncepcionais.

Em breve, nascia, de fato, um menino, muito parecido com o último filho falecido.

Mas não viera fraco. Antes era um robusto pimpolho, que alimentava, agora, a felicidade e a glória dos pais. E, fato surpreendente, contra toda a expectativa dos médicos, e mesmo dos genitores, não apresentava nenhuma das taras que a hereditariedade fazia prever. Ali estava o filho como o pai desejava que fosse.

Se a prece não é infalível em todos os atos de nossa vida, visto que não temos a medida no pedir, se não cabe a Deus fazer por nós o que só a nós compete fazer, nem por isso deixa de haver ocasiões em que nada realizamos sem o concurso da oração. Ela é, então, imprescindível.

Com mais de 20 anos de prática diuturna, em estudos psíquicos, sabemos que nos trabalhos espiritualistas a prece é necessária.

E eles serão ineficientes em alguns casos especiais, como nos de desobsessão, se não houver o auxílio da prece.

Quando um Espírito, tenazmente obsessivo, se assenhoreia do paciente, faríamos muito mal se só em nós confiássemos para a sua expulsão ou para a cura do enfermo. Seria pouco para tal a nossa tibia energia e o nosso fraco preparo moral.

Poderíamos referir inúmeros casos em que diretores, médiuns e assistentes faliram, por acreditarem muito na força própria.

Basta referir um que sucedeu conosco. Há dele várias testemunhas.

Numa sessão, aliás teórica, falávamos sobre pontos evangélicos, quando uma jovem presente toma o aspecto de louca furiosa e quer rasgar-se.

Depois, investe contra os assistentes. Houve pânico, que aumentou quando a vimos querer atirar-se de uma janela.

Uns a seguraram; outros lhe davam passes; outros traziam-lhe coisas para cheirar; cada qual alvitrava um meio, todos inteiramente inúteis, todos lamentavelmente anódinos.

Fizemos que se retirassem os curiosos; e nós, cercado de um grupo de médiuns, procuramos dar passes na possessa. Estes pareceram com o privilégio de enfurecê-la ainda mais; ela se lançava a nós, dizendo-nos os

maiores impropérios, arranhava-nos, rasgava-nos as roupas, esbofeteava-nos.

Já estávamos exaustos.

Os amigos entreolhavam-se pasmos, desanimados. Era preciso chamar a Assistência. Mas seria o escândalo. Seria a confissão completa da falência de todos os nossos processos.

As lágrimas vieram-nos aos olhos. Compreendemos, então, a extensão imensa de nossas fraquezas. E apelamos para o Pai. E oramos.

E orávamos e chorávamos. Por que negar a nossa fragilidade? Éramos o responsável pela reunião. Chorávamos e orávamos.

E quando o portador já ia descer as escadas, em busca do telefone, diz a moça, com voz mudada, com timbre másculo: "Ah! Puderam mais do que eu, desta vez!"

E acalmou. E acordou. E perguntou-nos, sorridente, ingênua, ignorante de tudo que se passara: - Que foi? Que houve? ..

Estava curada. Estava curada pela prece.

São fatos.

A prece, remédio heróico, não foi feita para que dela nos estejamos servindo em todas as futilidades da vida.

Podem passar sem ela os ricos, os sãos, os fortes, os poderosos, os guerreiros.

Dela não se lembram aqueles para quem a Natureza foi pródiga em dádivas, em bens, em força. Os afortunados, por certo, não se lembram da prece.

Ela é, porém, para os infelizes, para os instantes angustiosos, para os lances desesperadores.

Não neguemos esta gota de orvalho aos sedentos de justiça. No oceano tempestuoso da vida é a salvação do náufrago.

Abandonada de tudo, e abandonada de todos, que seria da criatura, se lhe não restasse o consolo de volver os olhos ao Céu, se não lhe restasse a esperança de que existe lá um protetor que não a desampara em seu infortúnio?

E aqui paramos. Este capítulo é para os que sofrem. É para aqueles que, do mundo, só conhecem os acúleos, as estradas marginadas de cardos, o solo calcinado pelos ardores de uma atmosfera adusta, a alma varada por dores acerbadas, sobre a fronte a sombra da ingratidão e dos desenganos.

Que a eles, como a nós, fique um lenitivo, o de confiar no Pai, o de apelar para o Pai, quando a abundância das lágrimas já não nos deixarem ver o mundo como o vêem aqueles que não necessitam dos socorros da Divina Providência.

CARLOS IMBASSAHY